

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

LENI SOARES VIEIRA FERNANDES

**IMAGENS DA MULHER NO EVANGELHO DE MATEUS: A
CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS**

SÃO PAULO

2014

LENI SOARES VIEIRA FERNANDES

**IMAGENS DA MULHER NO EVANGELHO DE MATEUS: A
CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação , Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira

SÃO PAULO

2014

F363i Fernandes, Leni Soares Vieira.
Imagens da mulher no evangelho de Mateus : a construção de personagens femininas / Leni Soares Vieira Fernandes. – 2014.
164 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Referências bibliográficas: f. 158-164.

1. Evangelho (Mateus). 2. Identidade. 3. Imagem. 4. Personagem. I. Título.

CDD 220.66

A palavra mágica

Carlos Drummond de Andrade

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

A vocês, Júlia e Pedro, meus amores ,
dedico este trabalho.

"Os filhos são um presente do SENHOR; eles são uma verdadeira bênção."

Salmo 127.3

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as bênçãos de minha vida e por me permitir mais esta vitória.

Ao prof. dr. João Leonel, agradeço todos os seus comentários, questionamentos e dicas. Seu interesse e serenidade ao me orientar foram essenciais para a conclusão de meu trabalho.

Aos professores doutores Ana Lúcia Trevisan e Júlio Zabatiero, agradeço suas preciosas contribuições, comentários e sugestões no dia de minha qualificação.

Aos meus pais, Alice e Darcy, agradeço seu amor, ajuda, incentivo e torcida durante todos os dias de minha vida e durante mais esta jornada.

Ao meu irmão, Levi , e toda a família, que se alegram comigo neste momento, agradeço seu incentivo e confiança durante todo o mestrado.

Ao Paulo que, como sempre, não mediu esforços para que eu pudesse me dedicar a meu sonho, agradeço por acreditar em meu sucesso, antes mesmo de mim.

A todos os professores do mestrado que despertaram meu interesse por tantos assuntos, ideias e pontos de vista novos, agradeço por exigirem meu melhor e pelo ambiente descontraído e prazeroso que criaram em suas aulas.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, agradeço a bolsa que assegurou a conclusão do mestrado.

RESUMO

Esta dissertação analisa a imagem feminina no evangelho de Mateus por meio da análise narrativa. Estuda as estratégias usadas pelo narrador para apresentar e desenvolver várias personagens femininas e sua relação com Jesus, o protagonista da narrativa. Nesta biografia greco-romana, observa-se que todos os elementos da narrativa - personagens, tempo, cenário e enredo - convergem para o herói, Jesus. Foca-se na questão da identidade e a busca da definição de características que fornecem identificação às personagens. Para isso, usa-se as teorias sociais de Stuart Hall e Zygmunt o que força as personagens a passarem por cima de suas identidades estabelecidas para atender suas necessidades imediatas. Pode-se ver que a questão da identidade em si, não existe na narrativa. A grande urgência é a sobrevivência, fazendo com que, várias vezes, as personagens passem por cima de suas identidades estabelecidas para poderem resolver suas necessidades imediatas. Apesar de parecerem distantes os problemas e pressões sociais, o papel social tão limitado dado às personagens femininas, a necessidade de sobrevivência e de garantir a descendência, conclui-se que a significação da narrativa, escrita há mais de dois milênios atrás, permanece atual já que aborda dilemas existenciais. Terríveis problemas sociais, culturais, políticos e religiosos, injustiça e questões de sobrevivência ainda são enfrentados pelas mulheres nos dias de hoje. Conclui-se, também que o narrador usa uma ampla gama de estratégias para construir as personagens, convocando a contínua participação do leitor para tirar conclusões e preencher espaços em branco.

Palavras-chave: evangelho de Mateus; identidade; imagem; personagem feminina.

ABSTRACT

This dissertation analyses the female images in the gospel of Matthew using the narrative analysis. It studies the strategies used by the narrator to introduce and develop several female characters and their roles in relation to Jesus, the narrative protagonist. In this Greek-Roman biography, it is important to observe how all the narrative elements - characters, time, space, plot - converge to the hero, Jesus. This dissertation focuses on the identity issue and the search for the definition of characteristics which give identification to the characters. For that, the social theories of Stuart Hall e Zygmunt Bauman were used. The conclusion is that the identity itself is not an issue in the narrative. The main urgency is survival, forcing the characters to override their established identities in order to meet their immediate needs. Although the social problems and pressure, the limited social role given to the female characters, the survival and descendant assurance seem so distant from post-modernism, the conclusion is that the meaning of this narrative, written more than two millennia ago, remains updated since it refers to the dilemma of existence. Terrible social, cultural, political and religious problems, injustice and survival issues are still faced by women nowadays. The conclusion also is that the narrator uses a wide range of strategies to build the characters, inviting the reader to make up conclusions and fill in the blanks.

Key-words: gospel of Mattew; identity; image; female character

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E A NARRATIVA BÍBLICA....	27
2.1	O papel do contexto histórico nas narrativas bíblicas	28
2.2	A construção das personagens nas narrativas bíblicas.....	30
2.3	Principais fatores de construção da identidade.....	32
2.3.1	<i>Os nomes e genealogias</i>	32
2.3.2	<i>Os gêneros</i>	34
2.3.3	<i>Maternidade e família</i>	35
2.3.4	<i>Nação e solo</i>	38
2.3.5	<i>Narrativas pessoais e linguagem</i>	41
2.4	A estabilidade da identidade.....	42
2.5	Identidade e Estranhamento	43
3	A BÍBLIA COMO LITERATURA	45
3.1	Abordagens literárias	50
3.2	<i>Mimesis e poiesis</i> na Bíblia.....	53
3.3	Os gêneros literários na Bíblia	57
4	O EVANGELHO DE MATEUS	59
4.1	Particularidades.....	59
4.2	Narrador	68
4.3	Tempo e Cenário.....	73
4.4	Personagem	84
4.5	Enredo	93
5	UM NOVO ESPAÇO PARA AS MULHERES: O EVANGELHO DE MATEUS	98
5.1	A Presença Feminina na Genealogia de Jesus: Mt1.1-17	100
5.2	As Mulheres e o Poder de Jesus : Mt 9.18-26.....	124

5.3 A Perseverança de uma Gentia: Mt 15.21-28	130
5.4 As Mulheres e a Ressurreição de Jesus: Mt 28.1-10.....	137
6 CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Há dois anos, circunstâncias pessoais me levaram a rever diversos posicionamentos em minha vida e decidi, então, que voltar a estudar seria um bom desafio. Ao ingressar no mestrado em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, tive a oportunidade de conhecer um pouco da obra de Stuart Hall e pude entender melhor minha necessidade de mudanças: na verdade, uma urgência de revisão e reconstrução da minha própria identidade. Hall salienta em *A identidade cultural na pós-modernidade* que "em vez de falar da identidade, como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento" (2011, p.39, grifo do autor).

O tema da identidade começou a me interessar nessa ocasião, sendo meu foco pessoal ao cursar as disciplinas e realizar os trabalhos escritos.

Acredito que esse seja o processo que me levou a decidir que analisar a imagem feminina me traria mais respostas para minha vida pessoal e modo de ver o mundo.

O entendimento da literatura como instrumento para pensar o mundo, eu mesma e os outros, a posição de aluna após trinta anos de me identificar como sendo professora, o relacionamento com meus colegas e professores, todos esses fatores foram extremamente importantes para esse processo de revisão de minha identidade. Pude ter uma experiência pessoal desse movimento em que vivemos: estamos inseridos neste mundo plural, cercado de informações que nos afetam e interferem em nosso modo de agir, de pensar e de ser.

Certamente a primeira característica de nossa identificação é o gênero. Ser homem ou mulher já traz, ou nos impõe a bagagem que esse gênero acumula através dos tempos: os papéis femininos e masculinos e as relações de poder entre eles. Joan Scott, na *Revista Educação e Realidade* esclarece que "gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (1990, p. 14). No processo de revisão da minha identidade, pensar sobre a carga que a sociedade tenta me impor por ser mulher me estimulou a reagir e estabelecer a minha maneira individual de ser mulher.

Comecei a refletir sobre as inúmeras oportunidades de escolhas diárias que, eventualmente, nos obrigam a demasiadas decisões na velocidade frenética a que o mundo virtual nos condiciona.

A teoria social tem discutido largamente a questão da identidade e a busca da definição das características que nos dão significação é uma das principais preocupações do homem pós-moderno como salienta Stuart Hall :

A chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (2011, p.7)

Pressionado pela necessidade de sentir-se pertencente, aceito e acolhido por um grupo social e o desejo de firmar-se como indivíduo agente e único, o ser humano pós-moderno carrega uma identidade plural: construída por si mesmo, pela sociedade, pela leitura do outro e forjada ao longo do tempo. Hall reflete exatamente sobre esse processo de identificação:

através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (2011, p.13)

Hall também aponta que, na verdade, a identidade não se estabelece a partir de sua plenitude interior, "mas de *uma falta* de inteireza que é preenchida a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*." (2011, p.39, grifo do autor)

Além de pensar sobre o "ser mulher" como elemento de identificação, o fato de ser presbiteriana também acarreta uma série de atitudes, hábitos e comportamentos, por isso, sempre li a Bíblia como "regra de fé e prática" para minha vida. Nas aulas do mestrado, tive a oportunidade de analisar alguns textos bíblicos como literatura: uma nova e fascinante maneira de ler a Bíblia começou a me interessar. Foi, então, um processo natural e pessoal, resolver aprofundar a análise da questão da identidade feminina em um texto bíblico.

A Bíblia tem sido vista principalmente e quase sempre unicamente como texto sagrado, formador de doutrinas pessoais e de instituições religiosas. Porém, um estudo literário da Bíblia auxilia a análise teológica, sem dano a esse caráter sagrado e normativo. Como afirma João Leonel em *Bíblia, Literatura e Linguagem*:

"Todo conteúdo dogmático que se proponha encontrar na Bíblia deve surgir como consequência da análise de suas formas e características literárias" (2011, p.22).

Escrita durante cerca de mil anos, do ano mil antes de Cristo até o fim do primeiro século da era cristã, a Bíblia faz parte do nosso passado histórico e cultural e, certamente, do nosso imaginário coletivo. Ela nos oferece uma oportunidade de reflexão sobre diversos aspectos da natureza humana, inclusive a questão da construção da identidade.

Em uma sociedade que não valoriza a história como é possível observar na importância dada a tudo que é novo, seja um produto ou um comportamento, na desvalorização do que é antigo, tradição ou costume e no desrespeito aos idosos, poder-se-ia questionar a razão da escolha de análise da identidade feminina no mais antigo livro impresso. Porém, sem dúvida, nosso passado pessoal e histórico contribui para a melhor compreensão do presente.

Afinal, como afirma Faulkner em sua notável frase, "The past is never dead. It's not even past"¹, o passado nunca deixa de existir, mas, ao invés disso, constantemente revisitado e até mesmo alterado de acordo com nosso ponto de vista no momento e, portanto, é parte do nosso presente.

Essa mesma ideia de que os tempos presente, passado e futuro se sobrepõem é defendida por Proust: "O pensamento pensa sua própria história (passado), mas para se libertar do que ele pensa (presente) e poder, enfim 'pensar de outra forma' (futuro)" (apud DELEUZE, 2005,p.127).

Nietzsche, por sua vez, em Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida de 1874, apresenta a importância do sentido crítico da história ao afirmar que devemos julgar os eventos do passado para que possamos acrescentar conhecimentos para a nossa vida presente e nos movermos em direção ao futuro.

Enfim, a filosofia tem reconhecido que somos, então, seres históricos e a história e a memória são essenciais para o entendimento do presente.

Estas são as primeiras reflexões que criaram em mim o desejo de estudar a questão da construção de personagens femininas na Bíblia. Ao passar pela experiência de revisão da minha identidade e, sobretudo, do meu papel social, senti que seria interessante e proveitoso pesquisar na Bíblia, livro importante para mim e,

¹ "O passado nunca está morto. Nem sequer passou"- tradução nossa

inegavelmente, para toda cultura ocidental como literatura, ou como texto sagrado, histórias de outras mulheres que também não se deixaram ser tolhidas pelas regras sociais impostas e escolheram caminhos inéditos para mudarem a situação de suas vidas.

A análise de personagens femininas em Mateus incita a observação de paralelos com a sociedade atual. Como expressou Anatol Rosenfeld em *Literatura e Personagem*: "afastando-se da realidade e elevando-se a um mundo simbólico o homem, ao voltar à realidade, lhe apreende melhor a riqueza e profundidade" (2011, p.49). Assim, estamos diante de um processo de mão dupla. De um lado, para entendermos melhor a questão da identidade feminina hoje, é necessário compreendermos o início da definição do papel social da mulher e a Bíblia, como documento histórico, mostra-se muito útil. Por outro lado, ao fazermos uma análise da construção das personagens femininas do texto bíblico, sentimos a urgência de refletirmos sobre a importância da identidade na sociedade acelerada e dinâmica da atualidade.

Considerando a importância atual da questão da identidade e a relevância da Bíblia como cânon da literatura mundial e referencial histórico e imaginativo, definimos a razão da dissertação sob o título: "IMAGENS DA MULHER NO EVANGELHO DE MATEUS: A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS FEMININAS".

O texto usado é o da Bíblia Sagrada, segunda edição revista e atualizada com tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, escolhido por ser uma das mais tradicionais versões de equivalência formal e possuir uma linguagem cuidada e comprometida com o sentido original.

Para uma melhor compreensão do texto bíblico, usaremos o *Novo Testamento Interlinear*, também publicado pela SBB, que apresenta o texto original grego (*The Greek New Testament, 1994*) e a tradução literal em português, além da tradução de Almeida e a Nova Tradução na Linguagem de hoje.

Esta dissertação pretende analisar como o narrador do evangelho de Mateus apresenta e desenvolve várias personagens femininas e seus papéis em relação a Jesus, protagonista da narrativa.

Considerando a questão da imagem feminina na Bíblia, surge um primeiro problema: como as mulheres são caracterizadas no evangelho, como suas imagens são construídas? Interpretações apressadas e errôneas sobre as narrativas bíblicas tem sido a base para doutrinas e preconceitos. Joaquim Jeremias relata que as

mulheres no mundo judaico-palestinense era totalmente limitadas no âmbito social e religioso e essas discriminações eram respaldadas pelas leis religiosas. Eram impedidas de falar publicamente, viviam sob a lei da impureza² e seu papel era somente o de esposa, mãe e dona de casa (1993, p.491-93).

Daí surge a problematização da dissertação: como as personagens femininas do evangelho de Mateus são apresentadas a partir das estratégias literárias?

Nossa percepção de como ler deve se adequar ao modo particular da elaboração do texto bíblico - que utiliza os recursos da prosa de ficção como a metonímia, a importância dos diálogos, revelação e omissão das razões das ações das personagens e assim por diante -, identificando

padrões significativos, ou simplesmente agradáveis, de repetição, simetria e contraste; diferenciar o verossímil do fantástico; compreender os sinais de orientação numa obra narrativa, verificar o que é inovação e o que é deliberadamente tradicional em cada nexos da criação artística (ALTER, 2007,p.79).

Como todo texto redigido com habilidade, nada está no texto que não tenha um significado a ser revelado pelo leitor.

Certamente, os escritores bíblicos tinham o propósito de revelar a verdade divina, mas para isso usaram estratégias literárias com muita habilidade e não se eximiram do prazer da criação. A visão desta dissertação está de acordo com o comentário de Robert Alter:

Se, no entanto, não nos dermos conta de que os criadores da narrativa bíblica e eram escritores que, como quaisquer outros, entregavam-se à exploração dos recursos formais ou imaginativos de seu meio ficcional- às vezes captando a plenitude de seu tema em meio ao próprio jogo da exploração-, perderemos grande parte do que as histórias bíblicas tem a dizer (2007,p.7).

O Evangelho de Mateus narra a história de Jesus e sua missão: sua genealogia, nascimento, episódios de sua vida com seus discípulos, morte e ressurreição. Esse enredo só pode ser conhecido através das personagens que causam a nós, leitores, identificação ou estranhamento. Antonio Candido em *A personagem do romance* salienta que "não espanta, portanto, que a personagem

² Levítico 15: 19-24 aborda a impureza causada pela emissões do órgão sexual feminino, ou seja, a menstruação. A mulher nesse período, então, deveria ficar reclusa. "É surpreendente que processos perfeitamente naturais pudessem tornar alguém imundo (isto é, incapaz de adorar). Mas todos esses casos envolvem a perda de fluidos do corpo (sêmen ou sangue), e qualquer perda de 'fluidos de vida' sugere morte e é incompatível com a presença de Deus, que é a vida perfeita. O Novo Testamento nos mostra Deus, o doador da vida perfeita, encarnado em Jesus Cristo, curando os que sofriam exclusão da sua presença por causa das regras do Velho Testamento - Mt 9.20-22 " (BÍBLIA de estudo de Genebra, 1999, p.145).

pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor" (2011, p.54).

A teoria literária concebe a personagem como um ser fictício cuja existência deve servir ao propósito do enredo: a lógica da personagem criada pelo narrador permanece e flui pelo texto apresentando variações limitadas. É a conclusão de Antonio Candido: "o escritor lhe deu (à personagem), desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo de ser" (2011, p.59).

As personagens são criadas dentro de uma estrutura que as conduz pelo enredo de maneira eficaz. Marlize Bridi salienta esta possível previsibilidade da personagem:

A construção de uma personagem, portanto, apoia-se no princípio da verossimilhança (mais ou menos bem realizada) e não no de sua veracidade. As personagens são seres de linguagem (seja qual for a linguagem - verbal ou não-verbal), são figuras ou figurações: é justamente por isso, que, em uma narrativa, as personagens são mais facilmente apreendidas (e, às vezes, compreendidas), pois, nesse lugar de linguagem, com maior ou menor esforço, podemos flagrar seu funcionamento."(Cadernos de Pós graduação – Mackenzie, volume 12, 2012)

O narrador bíblico costuma induzir o leitor a fazer inferências a partir de poucas informações e das falas e ações das personagens. É comum também que ao montar este quadro da personagem, o leitor se depare com aspectos até contraditórios já que as personagens bíblicas não costumam ser muito previsíveis. Este aspecto da imprevisibilidade das personagens e de suas ações que parecem desestabilizar o enredo será analisado através do estudo das estratégias adotadas pelo narrador de Mateus.

Considerando as motivações da dissertação, levantamos duas hipóteses quanto à construção das personagens femininas no evangelho que inaugura o Novo Testamento.

A primeira hipótese é de que diferentes estratégias foram empregadas para a construção da imagem dessas personagens. Os aspectos de suas identidades que são a razão para serem discriminadas pela sociedade não as impedem de agirem para solucionarem seus problemas. Todas essas personagens estão em situações extremas, fato que Alter destaca: "a narrativa geralmente flagra seus protagonistas em momentos críticos e reveladores de suas vidas" (2007, p.85). Porém, o

desenvolvimento da narrativa bíblica apresenta diversos recursos para a apresentação de suas identidades, como a mudança de seu ritmo, o discurso direto, o narrador onisciente e o que mal é notado, o momento escolhido para o ocultamento ou a revelação dos fatos, o cuidado com a semântica e outras estratégias que serão destacadas durante a análise dos textos.

A segunda hipótese é de que a significação da narrativa escrita há séculos atrás ainda é atual quando analisamos a construção das personagens já que dilemas existenciais são naturais a todos os seres humanos e assim como essas personagens, todos eventualmente se veem em situações inesperadas que exigem reações criativas. Observaremos quais as características de identificação que fazem com que essas personagens femininas sejam proeminentes no evangelho de Mateus, ou seja, foram justamente suas reações imprevisíveis perante os seus desafios que tornaram seus papéis primordiais para o desenvolvimento da narrativa.

Fazendo os leitores refletirem sobre seu caráter, essas personagens destemidas se comportam de maneira inédita "desfrutando ou suportando as consequências da liberdade humana" (ALTER, 2007, p.43). Exatamente como nós, leitores.

Analisaremos a imagem feminina no Evangelho de Mateus em quatro passagens: no primeiro capítulo, versículos 1 a 17, que contém a genealogia, com a menção de cinco mulheres; no capítulo 9, versículos 18-26, que se referem e à filha de um chefe e à mulher com hemorragia crônica; no capítulo 15, versículos de 21-28 que narram a história da mulher cananeia, e no capítulo 28, versículos 1-10 que tratam da ressurreição e do aparecimento de Jesus a Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e José.

Alter fala sobre "o uso da linguagem como instrumento de manipulação" e esse é um dos recursos que permitem que várias "leituras" das personagens sejam feitas. Como em todo estudo literário, o texto é a nossa fonte de análise e, em se tratando de uma boa narrativa, nada foi feito de maneira aleatória: a escolha de cada palavra pode revelar o verdadeiro intuito do narrador. É por esta razão, que uma grande parte da análise será voltada para desvendar a linguagem: as escolhas estruturais, semânticas, a revelação ou o ocultamento das ideias e sentimentos das personagens, as repetições, as estratégias de convencimento, enfim, os recursos linguísticos e discursivos do texto. Esses recursos textuais existem em função do discurso, e seus propósitos são justamente validá-lo.

É importante lembrar que o objetivo não é buscar o “verdadeiro” significado do texto como faz a hermenêutica bíblica, mas, sim, empregar tempo para decifrar as estratégias que o autor utiliza para a formação da feminina e a importância dessas personagens para o sentido da narrativa.

Apesar de a Bíblia ser considerada parte do cânone literário da civilização ocidental e ser largamente citada, pensando apenas na literatura brasileira, por escritores como Machado de Assis e o autor contemporâneo, Cristovão Tezza, ainda existe incerteza quanto ao tratamento da Bíblia como literatura no Brasil. A análise literária da Bíblia ainda é uma área pouco estudada como esclarece Leonel: "A teoria literária é um território praticamente inexplorado pelos biblistas brasileiros [] Em igual situação, embora com uma caminhada mais recente no Brasil, encontra-se a leitura literária da Bíblia e do evangelho de Mateus" (2013, p.61-66). Para os que acreditam que se trata de um texto sagrado, a análise literária da Bíblia pode parecer inadequada. Para os que não a veem como "palavra de Deus", podem achá-la uma literatura menor, que não deva ser considerada. Esta dissertação analisa o evangelho de Mateus como literatura já que, como tal, "é uma representação do evento através de um meio de comunicação que possui leis próprias" (LEONEL, 2011, p.21).

Mateus, o primeiro livro do Novo Testamento, foi escolhido como objeto de estudo devido a sua importância na igreja primitiva como texto altamente didático, pelo número representativo de personagens femininas importantes, e porque, como já elucidamos, existe uma necessidade de trabalhos no Brasil com visão da Bíblia como literatura, já que o tema possui uma produção acadêmica escassa como foi verificado no banco de dados de dissertações e teses da CAPES. As dissertações e teses consultadas tratam a Bíblia como livro histórico, apresentam análises teológicas, ou lidam com o texto bíblico como literatura, porém, sem focar especificamente a imagem da mulher no evangelho de Mateus.³

³ Um exemplo de estudo das personagens femininas bíblicas é a dissertação de mestrado de 2007, *Santas e Sedutoras - As Heroínas na Bíblia Hebraica - A mulher entre as narrativas bíblicas e a literatura Patrística*, em que Eliézer Serra Braga da USP analisa o comportamento sexual e a moralidade de mulheres do Velho Testamento: as filhas de Ló, Tamar, Noemi e Rute. O trabalho, através da análise sócio-literária foca a importância das mulheres para a formação da tradição de Israel. Entende-se, então, que o estudo está voltado para a cultura judaica, tendo em comum com essa dissertação apenas o fato de analisar personagens femininas bíblicas. A revista, *Caminhando*, (v. 12, n. 20, p. 29-42, jul-dez 2007) apresenta o artigo de Ana Pinheiro dos Santos, *Maria Madalena no cristianismo primitivo - Desafio para reflexões cristãs modernas*. A autora expõe a situação das mulheres nas sociedades androcêntricas do mundo greco-romano e palestinese e revela a posição de liderança de Maria Madalena. Trata-se de um estudo literário, mas, novamente com enfoque na cultura e coloca Maria Madalena como exemplo de liderança para as igrejas atuais. Em *Ana, Ousadia que Mudou seu Destino*, dissertação de mestrado defendida por Eunice Ângelo Morais de Assis na USP em 2006, a análise linguística, literária e histórica dos dois primeiros capítulos de 1Samuel retrata a importância de Ana como heroína e sua oração como poema que influenciou a literatura ocidental. *Maria Madalena e as mulheres no cristianismo primitivo*, dissertação de 2008 de Francisca

Graham Stanton (1999,apud Leonel, 2013, p.13) destaca três razões para a importância dada a esse evangelho em *Gospel of Matthew*. Em primeiro lugar, o fato do livro trazer como título o nome de um apóstolo de Jesus. Outro motivo é que igreja dos primeiros séculos considerava o evangelho de Mateus extremamente didático para as comunidades judaico-cristãs e, por essa razão, seu uso foi extremamente disseminado. E, por último, Mateus é repleto de referências ao Velho Testamento e "suas características judaicas estimulariam grupos judeu-cristãos a utilizá-lo, bem como as passagens pró-gentílicas atrairiam as igrejas dessa origem" (2013, p.13).

O objetivo desse estudo colabora com a linha de pesquisa sobre literatura e discurso religioso da UPM, valorizando, inclusive nos meios acadêmicos, a Bíblia como obra literária.

Observar a formação da imagem feminina no evangelho de Mateus nos faz entender como inacreditavelmente e erroneamente até hoje a superioridade masculina é tida como bíblica.

Com a análise da construção do sentido no evangelho de Mateus cooperamos para a compreensão desse importante livro da Bíblia para qualquer que seja a leitura que se faça dele (como literatura, livro histórico ou texto sagrado), já que apenas o próprio texto será o objeto desse exercício.

Como base para elaboração desta dissertação, a construção do referencial teórico se faz primordialmente a partir dos estudos da Bíblia como literatura: análises do texto bíblico através da teoria literária e narrativa.

A Bíblia tem sido lida principalmente como livro sagrado inspirado por Deus e, por esta razão, em geral, o meio acadêmico reluta em adotar uma visão literária da Bíblia. Esta dissertação propõe que a riqueza da narrativa bíblica pode servir para o embasamento de religiões, assim como, para o deleite daqueles que a leem como literatura. Como já foi salientado, a análise literária e narrativa do texto bíblico sempre enriquece e esclarece sua interpretação. Prova de que a Bíblia possui um grande valor literário é que "sua narrativa monta uma estrutura imaginativa dentro da

Rosa da Silva da Universidade Metodista de São Paulo no cristianismo primitivo 2008 é uma análise exegética de João 20:1-18 e mostra a influência e liderança de Maria Madalena no cristianismo primitivo. Há também uma análise histórica da situação da mulher no primeiro século. A autora identifica Maria Madalena e várias outras mulheres como discípulas de Jesus que acompanharam de perto seu ministério. A dissertação de 2013 de Ricardo Boone Wotkoski da Universidade Metodista de São Paulo trata o evangelho de Mateus como literatura, porém seu enfoque está em Jesus. Em *A Paixão de Cristo segundo São Mateus: Estratégias Narrativas*, o autor discorre sobre os recursos narrativos das literaturas greco-romana e judaica encontrados no evangelho e expõe as estratégias que fazem de Jesus, o realizador das profecias das Escrituras.

qual a literatura do Ocidente operou até o século XVIII, e dentro da qual ela ainda opera em grande parte” defende Northrop Frye em *O Código dos Códigos* (2004, p.9). A força literária da Bíblia não pode restringi-la apenas a estudos teológicos (2004, p.18).

Outro autor defensor da riqueza literária da Bíblia é Robert Alter, que em sua análise da Bíblia hebraica em *A arte da narrativa bíblica*, acentua que os criadores da narrativa bíblica eram escritores que se empenhavam no desenvolvimento de recursos formais ou imaginativos e a análise dessas estratégias é essencial a construção do sentido do texto (2007, p.78). O livro traz aspectos fundamentais que norteiam a recepção de um texto literário, como: as estratégias de convencimento, as escolhas lexicais e sintáticas, a importância dos diálogos, cenas-padrão e convenções.

Os autores de *Bíblia, literatura e linguagem* (2011), João Leonel e Júlio Zabatiero, utilizam a teoria literária e a semiótica para examinar os textos bíblicos. Considerando que primariamente a Bíblia seja um texto literário, por meio da análise do texto e discurso, afirmam que os gêneros se apresentavam de maneira clara na Antiguidade e que, no contexto Helenista, “o autor do evangelho de Mateus comunicou-se com seus leitores mediante uma forma conhecida na época: a biografia greco-romana” (2011, p.45). Características importantes da biografia greco-romana podem ser encontradas no texto mateano: Jesus como herói, a relevante seletividade para a narração, os cenários, o tempo, o espaço e as personagens, inclusive as femininas, apontando e convergindo para o protagonista.

Para análise do sentido do discurso nessas passagens de Mateus, outras teorias de grande valor para a construção desta dissertação são as do filósofo russo Mikhail Bakhtin, expostas em *Introdução ao pensamento de Bakhtin* (2008) de José Luiz Fiorin. O exame da intertextualidade com o Antigo Testamento presente no evangelho fundamenta a narrativa e enriquece a análise, visto que o dialogismo é “o modo de funcionamento real da linguagem”, como define Fiorin (2008, p.2).

O dialogismo é, em primeiro lugar, uma propriedade intrínseca da linguagem. O discurso é feito em resposta a outro discurso e “nele estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados” (FIORIN, 2008, p.21). Também é o princípio da constituição da identidade. As vozes que acumulamos com o passar do tempo e com as quais dialogamos, estão sempre conosco, o que torna-nos individuais e sociais ao mesmo tempo, sendo esta “a lição de Bakhtin sobre a

importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo, afirmação democrática e antiautoritária”, como afirma Schnaiderman (apud BRAIT, 1997, p.17). E, em terceiro lugar, o dialogismo pode ser visto como intertextualidade e cabe ao enunciatário buscar o sentido do discurso porque muitas vezes “tal escavação nos revelará como o sentido do discurso nem sempre corresponde à significação profunda do intertexto em que se teceu esse discurso”, como diz Blikstein (BARROS; FIORIN, 2003, p.45). Esse último é o aspecto principal que será analisado em Mateus.

Para observarmos a questão da identidade em Mateus, é necessário ter em mente o que significa a questão da identidade para a pós-modernidade. Zigmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (2005) e *Identidade* e Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2011) nos esclarecem questões presentes hoje como: o movimento constante da sociedade, o consumismo como regra de vida e a obstinação pela autoestima. O objetivo da vida pós-moderna é a busca do próprio prazer e satisfação, o que pode ser verificado pela ânsia de consumo de material e espiritual.

Nessa sociedade em que tudo está em movimento, e é portanto, instável, as identidades também são instáveis e os indivíduos vivem como atores trocando sempre de papéis e esforçando-se para não se prenderem a nenhum tipo fixo, o que os faria perder a possibilidade de obter papéis novos e desafiadores.

Observamos, entretanto, em toda a Bíblia, a importância que é dada à descendência, às famílias e aos nomes de seus pais, como identificação que acompanha a pessoa. Bauman comenta que “nos estados pré-modernos, a identidade era determinada pelo nascimento e assim proporcionavam poucas oportunidades para que surgisse a questão do “quem sou?” (2005, p.55).

Assim como é preciso saber o significado da identidade hoje para examinarmos a questão nos textos bíblicos, de maneira inversa, a análise bíblica da identidade ajuda a esclarecer a situação presente porque esses textos fazem parte da nossa memória e, é necessária a revisitação do passado para o exame da experiência, a averiguação dos valores e suas alterações de geração em geração.

Partindo destes pressupostos, faremos uma pesquisa bibliográfica para atingirmos o objetivo de estudar a identidade feminina. O Capítulo I será o de fundamentação teórica para os interesses desta dissertação. Estudaremos a construção da identidade na teoria social atual e, por comparação, analisaremos a questão nas narrativas bíblicas. Faremos a exposição da importância da Bíblia

como literatura que nos impele à reflexão. Enfim, buscaremos na bibliografia sobre teoria literária aplicada à Bíblia, as bases para nossa análise.

As análises das questões da formação da identidade, e a visão da Bíblia como literatura tem o objetivo de oferecer o pano de fundo para a exposição do enredo do evangelho de Mateus. Essa base teórica torna-se fundamental para a análise pragmática do livro, ou seja, o estudo do efeito do texto no leitor, a razão do enfoque particular desse evangelho. Daniel Marguerat e Yvan Bourquin comentam sobre essa estratégia: "É sempre assim na narração bíblica: o leitor adere à narrativa do narrador, ao seu sistema de valores" (1998, p.23).

As colocações teóricas do primeiro capítulo formam o pano de fundo para o Capítulo 4, que trará a exposição do enredo do evangelho de Mateus para identificarmos e melhor compreendermos o papel desempenhado nele pelas personagens femininas nas passagens selecionadas. Do ponto de vista histórico, a necessidade local de documentar as tradições orais do cristianismo primitivo resultou na escrita dos evangelhos, não sendo possível a datação precisa. É necessário estabelecer os limites desta dissertação e salientar que não iremos analisar os aspectos históricos ou sociais do evangelho. Porém, o que podemos entender pelos textos é que cada evangelho apresenta uma ênfase diferente da vida de Jesus e o livro de Mateus apresenta uma riqueza de dialogismo com o Antigo Testamento e uma maneira particular de ligar uma narrativa à outra. Nosso estudo privilegiará a leitura sincrônica, assim sendo, focará o concreto, o texto, porém, lançando mão, quando necessário, aos dados históricos importantes para a melhor compreensão da passagem e dos objetivos do narrador. Trabalhar também com o contexto histórico é pertinente já que ao examinarmos o papel das mulheres na sociedade judaica e greco-romana, podemos avaliar melhor a radicalidade da importância que o narrador dá às mulheres no evangelho de Mateus. Em *Para ler as narrativas bíblicas*, os autores destacam que:

Nem é preciso dizer que a cultura histórica, indispensável para a análise narrativa, se aplica ao mesmo tempo ao mundo da história contada e ao mundo do narrador, na medida em que é verdade que o narrador recompõe o mundo da história contada, pelo menos parcialmente, à imagem de seu próprio mundo. (1998, p.103)

Convém salientar que a divisão do evangelho em capítulos e versículos não foi assim indicada pelos autores bíblicos. O texto se apresentava de forma contínua

e, por razões práticas, os editores adotaram essas repartições e títulos. Assim sendo, torna-se imprescindível a compreensão do enredo total do evangelho de Mateus antes de estudarmos as passagens que destacamos e cujo foco é o papel social das personagens femininas. Observarmos, primeiramente, as estratégias que compõem a construção da narrativa completa será de grande auxílio para, posteriormente, apreciarmos melhor os efeitos desses recursos em blocos discursivos menores. O narrador do evangelho de Mateus, conclui João Leonel,

opta em revelar o personagem central não mediante comentários autoritativos, que seriam mais objetivos no nível cognitivo para os leitores, mas através de ações, que se constituem no nível mais baixo de informação, uma vez que delegam ao leitor a responsabilidade de avaliar o que é dito, e também por intermédio do discurso direto do próprio Jesus, que é um tipo de comunicação com os leitores em grau médio de objetividade. (2013, p. 86)

Podemos observar essa falta de informação, a importância do momento do discurso direto e o espaço reservado para a interpretação por todo o evangelho em relação a Jesus e às outras personagens. O narrador do evangelho de Mateus conta com a perspicácia do leitor para a construção de sua narrativa.

Após a base teórica e o conhecimento do funcionamento da narrativa mateana, estará estabelecido o alicerce para o exame dos trechos específicos no Capítulo 5. Nesse capítulo, trataremos da análise literária dos textos selecionados e já mencionados com o objetivo de identificar a construção das personagens femininas no evangelho e como elas contribuem para sua organização. Como já dissemos, a intertextualidade é uma das características marcantes deste evangelho, então, naturalmente, faremos a análise dos hipotextos do Antigo Testamento. Em seu livro *Texto, discurso e ensino* (2012), Elisa Guimarães esclarece que " Assim, define-se a intertextualidade como um processo de *incorporação de um texto em outro*, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para modificá-lo" (p.134, grifo do autor). É o que ocorre nas narrativas bíblicas, especificamente, quando o texto citado reitera o fato narrado que, por sua vez confirma o que foi estabelecido ou prometido anteriormente ou, então, a citação serve como modelo de comparação para os revolucionários ensinamentos do protagonista do evangelho, Jesus.

O primeiro texto a ser analisado será Mt 1.1-17, a genealogia de Jesus. De acordo com a jurisprudência de Israel no século I, nomes de mulheres não entravam nas genealogias, isto é, apesar do principal papel social cobrado das mulheres ser o

da maternidade, seus nomes não tinham valor legal. A inclusão surpreendente de cinco personagens femininas na genealogia de Jesus no primeiro capítulo já mostra como vão ser tratadas de maneira diferenciada nesse evangelho. Poderíamos imaginar que se trata de heroínas matriarcas ilustres da história de Israel. Ao buscarmos os hipotextos no Antigo Testamento, a surpresa atinge um patamar inquietante: as quatro primeiras mulheres, são mal afamadas e totalmente discriminadas. Tamar, em Gênesis 38, é cananeia e seduz o sogro; Raabe, em Josué capítulos 2 e 6, é gentia e prostituta; Rute, protagonista do livro que leva seu nome, é estrangeira, pobre e viúva sem filhos e Bate-Seba, em 2 Samuel 11, é adúltera. A instigante menção dessas personagens na genealogia aponta para a quinta e principal personagem feminina: Maria, mãe de Jesus, que também não aparenta ser um exemplo para a sociedade já que é pobre, solteira e está grávida.

No capítulo 9 de Mateus versículos 18-26, analisaremos duas personagens femininas que são beneficiadas com milagres de Jesus. O contraste entre as duas é bem significativo para a narrativa. A primeira é uma mulher sem nome e com uma menstruação que já durava 12 anos. Lembramos que a lei judia estabelecia que este período da menstruação era considerado impuro e lhe impunha uma segregação conjugal, social e religiosa. Porém, ela tem coragem de se aproximar de Jesus e recebe sua cura. A segunda personagem, a filha pequena de Jairo, homem rico, conhecido e chefe da sinagoga, morre e Jesus a ressuscita. Jesus, a caminho da casa de Jairo para atender a menina rica e filha de uma pessoa importante, para a cura, primeiramente, a mulher discriminada e rejeitada

Outra mulher excluída por ser estrangeira e com uma filha endemoniada pede ajuda de Jesus no capítulo 15: 21-28 e insiste até ele a atender. Essa personagem é descrita apenas como mulher cananeia, mas sua ousadia e persistência é que a fazem ser destacada em meio a tantas pessoas curadas por Jesus.

O último texto a ser analisado é o de Mateus 28:1-10 que trata da ressurreição de Jesus. Esse desfecho do evangelho representa o ápice da narrativa e as testemunhas do evento são Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e José. As duas presenciaram a crucificação e morte de Jesus e são elas que encontram o sepulcro vazio. Depois disso, o próprio Jesus vai ao encontro delas. Novamente, a narrativa surpreende porque pode-se achar que alguns dos discípulos é que deveriam ter sido escolhidos para ver o Cristo ressurreto, mas, pelo contrário, Jesus

aparece às duas mulheres e pede que elas procurem os discípulos e lhes deem a notícia da ressurreição.

Enfim, todas as personagens femininas a serem analisadas se destacam por suas atitudes e por terem sido escolhidas para terem papéis relevantes na narrativa do evangelho.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E A NARRATIVA BÍBLICA

Como já foi exposto, motivações pessoais me direcionaram a este tema da construção de personagens femininas no evangelho de Mateus no Novo Testamento.

Este primeiro capítulo tem o objetivo de expor com mais detalhes as fundamentações teóricas estudadas para a composição da dissertação. A análise de teorias sociais e literárias e do contexto histórico é essencial para obtermos respostas a questões que despertaram nosso interesse em relação ao tema e outras que surgiram a medida que as leituras foram sendo aprofundadas: pensar intensamente sobre um assunto responde a muitas perguntas, mas, por outro lado, promove a ebulição de várias outras. Esta procura que não atinge um final conclusivo e definitivo revela-se totalmente saudável. Como ensina Paulo Freire:

Uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas.[] Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.(2002, p.15)

Ler a Bíblia como literatura é um abandono das certezas e torna-se, às vezes, um árduo exercício, deixar o texto conduzir e, ao mesmo tempo, relacioná-lo com a bagagem que inegavelmente carregamos. Afinal, como sugere *A Bíblia pós-moderna - Bíblia e cultura coletiva* : "não existe nenhuma leitura inocente da Bíblia, nenhuma leitura que não seja ideológica" (Aichele, George et al. 2000,p.14) A interpretação da Bíblia pela teoria literária ainda é muito recente no Brasil, como já salientamos. Porém , mesmo se for tratada como texto sagrado, a Bíblia é, por sua natureza, literatura.

Assim sendo, o texto bíblico, como todos os outros, inspira a reflexão sobre a complexidade de diversos temas próprios da vida humana em qualquer época: relacionamentos, crises, escolhas, temores, valores, etc. Considerando a narrativa como mimesis, imitação criadora e representação de uma experiência do mundo, um texto é uma "oferta de uma visão de mundo que questiona o leitor ao retornar ao seu mundo", como definem Marguerat e Bourquin (2009, p.161)

Os traços físicos, mentais e de personalidade, características e hábitos herdados dos pais, nossos papéis sociais, os relacionamentos e à medida que a vida caminha, mais e mais elementos se acrescentam para a formação da

identidade de cada ser humano. Destacaremos os principais fatores de construção da identidade nos tempos bíblicos: gênero, nacionalidade, família, maternidade.

Os papéis sociais das mulheres na sociedade judaica e greco-romana serão discutidos, visto que é inegável que o momento histórico em que um texto foi escrito está, em maior ou menor intensidade, inserido na narrativa. Em *Para ler as narrativas bíblicas*, os autores salientam também que "O Evangelho de Mateus faz questão de situar a história de Jesus no contexto da história do povo de Israel" (2009, p.199). Conhecer o meio social é elucidativo para compreendermos as personagens, suas identidades, as razões e consequências de suas atitudes.

Essas considerações iniciais serão desenvolvidas neste primeiro capítulo.

2.1 O papel do contexto histórico nas narrativas bíblicas

Como já foi salientado, o desejo ou mesmo, a necessidade de definição da identidade nos tempos insólitos da pós-modernidade estimula a procura de parâmetros de comparação e a análise das personagens femininas das narrativas bíblicas, não *apesar* de serem antigas e épicas, mas devido a isso, é relevante para melhor entendermos os fenômenos contemporâneos.

O conhecimento de um panorama geral da situação social, política, econômica e cultural em que uma obra foi escrita contribui para a compreensão do texto e das maneiras como as identidades das personagens foram construídas. As estratégias narrativas fazem uso da historicidade não somente para a ambientação do enredo, mas, também, ao revelar os costumes e ideologia da época, esclarecer a motivação de atitudes e comportamentos e apontar a simbologia da ação.

Esta dissertação não tem o intuito de desvendar o lado histórico dos relatos bíblicos, porém, como em todo texto, o contexto histórico, social e cultural em que foi escrito está, de alguma(s) maneira(s) ali inserido.

Auerbach destaca que a interpretação histórica que é conferida à Bíblia, se deve ao fato de que "o contraditório e o entrelaçamento dos motivos nos indivíduos e na trama total tornam-se tão concretos que não se pode duvidar do caráter autenticamente histórico do relato" (2001, p.17).

Alter, ao analisar as narrativas do Velho Testamento, aliás, classifica--as como uma "história ficcionada" em que os aspectos históricos e estéticos se

mesclam e se completam, explica: "O fato é que a ficção era o principal recurso à disposição dos escritores bíblicos para compreender a história" (2001, p.58).

A relação entre ficção e história é tratada como indispensável em *Para ler as narrativas bíblicas*: "o enquadramento social da história contada não poderia ser estudado fora de um conhecimento do contexto social da história mesma" (2009, p.103). Os enquadramentos em um tempo, em um lugar e em um meio social, factuais ou metafóricos, contribuem para a construção da atmosfera da narrativa e para a simbologia da ação (2009, p.99).

Antonio Candido comenta que as obras têm uma forte relação com o contexto social e ideológico em que foram escritas e não são exclusivamente expressões individuais e, sim, de natureza sociológica:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. (1980, p.30)

Entende também que o ambiente social, cultural e ideológico exerce influência na composição da narrativa, ao mesmo tempo em que esta faz o leitor refletir sobre a sua própria concepção de mundo e aponta que a arte é social:

depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (1980, p.29)

A literatura não é, evidentemente, um mero reflexo da sociedade. COMPAGNON, em *O demônio da teoria*, revê o trajeto da teoria literária e como a questão do contexto histórico tem sido superestimado ou subestimado. Analisa que "a própria história é lida cada vez com mais frequência como se fosse literatura, como se o contexto fosse necessariamente texto" (1999, p.222). A relação entre história e literatura se mescla e se confunde desde o início dos estudos literários, como mostra este antigo paradoxo que aparece no *Journal des Goncourt* em 1862: "A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido" (1999, p.223).

O contexto social, cultural e econômico em que um texto foi escrito também é revelado por meio da linguística que muitas vezes sutilmente, deixa transparecer

aprovações ou reprovações, polêmicas e acordos, e assim por diante. Bakhtin sustenta que a linguagem é dialógica, isto é, formada por diversas vozes, pelo individual e pelo social, pelo presente, passado e futuro. Mais que isso, "o dialogismo faz parte da constituição do próprio indivíduo que age e reage em relação aos outros" (2008, p.55). A História é, então, parte intrínseca da linguagem e da narrativa. Ele defende, porém, que "a História não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico" (2008, p.59). Conclui que os enunciados, sendo dialógicos, são sempre históricos: "É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a História que perpassa o discurso" (2008, p.59). O texto deixa transparecer o caráter histórico, como Barros, de igual maneira, destaca:

É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto. (2005, p.54).

Nestes versículos, por exemplo, podemos observar a desaprovação dos estrangeiros, o que era um senso comum no contexto da Antiguidade:

No dia em que, estando tu presente, **estranhos** lhe levaram os bens, e **estrangeiros** lhe entraram pelas portas e deitaram sortes sobre Jerusalém, tu mesmo eras um deles. (Ob 1.11, grifo nosso)

Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este **estrangeiro**? (Lc 17.18, grifo nosso)

Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram **estrangeiros** e peregrinos sobre a terra. (Hb 11.13 grifo, nosso)

Sendo assim, examinar o contexto em que as narrativas foram escritas é essencial para podermos compreender a riqueza do enredo e o trajeto da construção da identidade.

2.2 A construção das personagens nas narrativas bíblicas

Observar a construção da identidade nos dias de hoje através da teoria social contribuirá para o aprofundamento do tema em relação às personagens femininas do evangelho de Mateus, objeto da dissertação.

A discussão sobre o tema é recente e ambígua. Stuart Hall entende que o processo de globalização, ao propor uma unificação cultural, incentiva as pessoas a assumirem identidades diferentes em diferentes momentos: a identificação tornou-

se politizada. As identidades assumidas podem ser inconstantes e até mesmo contraditórias:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.13)

Na sociedade de hoje, como descreve Bauman, em que tudo está em movimento e é portanto, instável, as identidades também são instáveis e os indivíduos vivem como atores trocando sempre de papéis e esforçando-se para não se prenderem a nenhum tipo fixo, o que os faria perder a possibilidade de obter papéis novos e desafiadores:

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma "obra de arte", significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. [] Ocupados com a autodefinição e a autoafirmação, nós praticamos a destruição criativa diariamente. (BAUMAN, 2005, p. 99-100)

As sociedades das narrativas bíblicas eram extremamente restritas e as personagens femininas não buscavam novas identidades ao tomarem atitudes até consideradas "masculinas", mas, sustentaram posições contrárias aos costumes por necessidade e por convicção de princípios. Nas narrativas bíblicas, a identidade é um fator marcante e, para a maioria das personagens, determinante da maneira como se viam e de como eram vistas pelos outros.

Os narradores bíblicos, usando toda sorte de métodos peculiares de exposição das personagens, oscilam entre ocultar as razões de suas atitudes e fazerem o leitor inferir os motivos, ou, subitamente revelar, geralmente através do discurso direto, numa explosão da fala, todo o sentimento guardado. Alter discorre sobre os meios para a comunicação de informações sobre as motivações, as atitudes e o caráter moral das personagens:

Sua índole pode ser revelada pelo relato das ações, da aparência, dos gestos, postura e da roupa que usam; por intermédio dos comentários de outros personagens; pelo discurso direto, pelo monólogo interior; ou ainda pelas afirmações do narrador sobre o modo de ser e as intenções dos personagens, que podem ser feitas de maneira categórica ou motivada pelo contexto. (2007, p.177)

Observemos alguns exemplos dessas estratégias narrativas na história de Davi, e sua esposa, Mical, filha do rei Saul. Os comentários de outras personagens revelam a qualidade de Davi como guerreiro: "As mulheres[] diziam: Saul feriu os seus

milhares, porém, Davi, os seus dez milhares"(Sm 18.7). A fala de Mical a mostra como ciumenta: "[] Que bela figura fez o rei de Israel, descobrindo-se, hoje, aos olhos das servas de seus servos, como, sem pejo, se descobre um vadio qualquer!" (2 Sm 6.20). O monólogo interior revela a verdadeira intenção do rei com o casamento: [] sê-me somente filho valente e guerreira as guerras do Senhor; porque Saul dizia consigo: Não seja contra ele a minha mão, e sim a dos filisteus" (Sm 18.17). O narrador esclarece os sentimentos de Mical: "Mas Mical, a outra filha de Saul, amava a Davi.(v.20) e " e, Mical, filha de Saul, amava a Davi"(v.28). Alter comenta: "Esse amor que o texto comenta duas vezes, vai ter uma importância especial porque é o único exemplo, em toda Bíblia, em que se diz com todas as letras que uma mulher ama um homem" (2007, p.180)

Todas essas estratégicas narrativas revelam a identidade das personagens, porém, muitas vezes, não são suficientes para oferecer uma conclusão segura para o leitor que pode, então, fazer várias 'leituras' das personagens. Os escritores bíblicos induzem o leitor a conjecturar sobre a índole e motivações das personagens que retratam seres humanos imprevisíveis.

2.3 Principais fatores de construção da identidade

2.3.1 Os nomes e genealogias

De acordo com a *International Standard Bible Encyclopedia*, "Um 'nome' é aquilo pelo qual uma pessoa, lugar, ou coisa é marcada e conhecida. Nas Escrituras, os nomes geralmente descrevem a pessoa, sua posição, alguma circunstância ou esperança que envolva essa pessoa, etc" (1989, tradução nossa).

Observamos em toda a Bíblia, a importância que é dada à descendência das pessoas, às suas famílias e aos nomes de seus pais, como identificação que acompanha a pessoa:

São estes os nomes dos filhos de Israel que entraram com Jacó no Egito; cada um entrou com sua família:(Ex 1.1)

Então, vieram as filhas de Zelofoade, filho de Héfer, filho de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés, entre as famílias de Manassés, filho de José. São estes os nomes de suas filhas: Macla, Noa, Hogla, Milca e Tirza (Nm 27.1).

[Ao mestre de canto. Salmo de Davi] O SENHOR te responda no dia da tribulação; o nome do Deus de Jacó te eleve em segurança (Sl20.1).

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles (Mt 1.21).

Prova de que a questão do nome que a personagem carrega é importante e se revela, inclusive, como fator de construção de sua identidade, é a ocorrência de várias trocas de nomes devido a mudanças de circunstâncias: um nome diferente era a estratégia para a lembrança da nova situação. Marguerat e Bourquin destacam que "Os autores bíblicos recorrem de bom grado à mudança de título ou nome para exprimir o novo estatuto obtido pelo herói" (2009, p.151). Observemos alguns exemplos:

Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí. (Gn17.5)

Disse também Deus a Abraão: A Sarai, tua mulher, já não lhe chamarás Sarai, porém Sara. (Gn 17.15)

Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste. (Gn. 32:28)

Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. (Rt 1.20)

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (Mt 16.16-18)

A genealogia, usada, inclusive, como padrão de abertura, nos evangelhos de Mateus e de Lucas, era o primeiro elemento de identificação da pessoa e trazia significados morais que precisam ser desvendados para entendermos o papel da personagem dentro do enredo. O narrador escolhe deliberadamente quais personagens constarão da narrativa para servirem ao seu objetivo. Podemos comparar, por exemplo, as genealogias de Jesus expostas nesses dois evangelhos: "Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mt 1.1); "Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar seu ministério. Era, como se cuidava, filho de José, filho de Eli" (Lc 3.23). Entre as duas genealogias, existem vários pontos divergentes devido aos propósitos distintos de cada narrador.

Notemos apenas a primeira distinção: o momento da narrativa em que a genealogia está exposta. O evangelho de Mateus apresenta a genealogia a começar no primeiro versículo do primeiro capítulo, enquanto o evangelho de Lucas tem o início da exposição no vigésimo terceiro versículo do terceiro. Os momentos escolhidos para a colocação da genealogia não são apenas diferentes: mostram a importância da descendência para toda a narrativa. O evangelho mateano tem como público os judeus e para que seus leitores se identifiquem com a história desde o começo, decide colocar a genealogia de Jesus na primeira frase, a começar do

mais importante rei e um dos maiores servos de Deus, ambos heróis das narrativas do Antigo Testamento. Por sua vez, o evangelho de Lucas foi escrito para os gentios e por essa razão, o narrador decidiu começar a narrativa com um nascimento da mesma época, mas anterior ao de Jesus: com a história de uma mulher estéril que por meio de um milagre gera João Batista que seria o anunciador de Jesus. A grande questão é a descendência familiar e não a realização ou status de ser mãe. A esterilidade é um tema que traz preocupação a medida que impede alianças.

2.3.2 Os gêneros

A necessidade de gerar filhos pode ser entendida pelo contexto histórico das sociedades retratadas nas narrativas bíblicas. Na Antiguidade, a estrutura da sociedade não apresentava apenas a diferenciação entre os estratos superior e inferior, mas era, em maior escala, demarcada pelas diferenciações de gênero: "De grande relevância social era igualmente a pertença de uma pessoa ao gênero feminino ou masculino" (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.403). A História revela a condição feminina de inferioridade e total submissão ao homem que naturalmente está presente nas narrativas bíblicas e, devido a leituras equivocadas, passou a ser vista como a "vontade de Deus" e, portanto, inquestionável.

A sociedade retratada na Bíblia, que é a da Antiguidade, cercava as mulheres de rejeição, costumes e leis que as tolham nos âmbitos sociais, políticos e religiosos:

Efetivamente, a pertença ao gênero masculino ou feminino acarretava, nas sociedades antigas, uma assimetria social fundamental que não só restringia o status social das mulheres, mas também, de modo geral, as suas possibilidades de participação no poder social e na dotação com privilégios. (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.85)

As mulheres pertenciam a seus pais e posteriormente a seus maridos, não eram contabilizadas nos censos e substituídas legalmente por escravas, se estéreis. Para as mulheres estava reservado o espaço doméstico e aos homens o espaço da *polis*. É importante lembrar que o conceito antigo de doméstico era diferente:

[] na mesma proporção em que as mulheres não estavam totalmente banidas da dimensão pública e, por conseguinte, da vida política da *polis*, também a casa, como âmbito central da vida, possuía relevância política e não era simplesmente um espaço privado que transcendia os discursos

públicos ou que não tinha influência sobre eles. (STEGEMANN & STEGEMANN & 2004, p.403)

O principal papel social feminino, ou o objetivo "natural" de suas vidas, mesmo quando pertencentes à elite, era a procriação: gerar filhos homens garantia-lhes seus direitos como esposas e herdeiras e seu valor como mulheres. Através da manipulação de homens ou a influência indireta através dos filhos, alcançavam seu espaço, e diminuía as restrições a que estavam sujeitas.

2.3.3 Maternidade e família

As narrativas bíblicas utilizam o papel materno como uma das características principais para estabelecer a noção de heroína. O tema surge já no primeiro livro da Bíblia em Gênesis 1.28 - "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra". Ele segue, principalmente por todo o Antigo Testamento ressaltando a importância da fertilidade em geral e das mulheres como responsáveis por gerarem filhos homens que seriam importantes para a família e para a nação de Israel. Esse mandamento de Deus repete-se mais duas vezes no mesmo livro em 8.17 e 9.1: "Os animais que estão contigo [] faze sair a todos, para que povoem a terra, sejam fecundos e nela se multipliquem" e "Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra".

Alter e Kermode ressaltam que "são as promessas de Deus que levam adiante os ciclos da vida" (1997, p.56). Abraão - o personagem central de Gênesis - seu filho, Isaque e seu neto Jacó são considerados os patriarcas de Israel. Suas esposas, respectivamente, Sara Rebeca e Raquel eram estéreis e todas as três matriarcas tornam-se mães por meio de um milagre planejado e executado por Deus.

Visitou o SENHOR a Sara, como lhe dissera, e o SENHOR cumpriu o que lhe havia prometido. Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice, no tempo determinado, de que Deus lhe falara. (Gn 21.1-2)

Isaque orou ao SENHOR por sua mulher, porque ela era estéril; e o SENHOR lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. (Gn 25.21)

Lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda (Gn.30.22).

Ela concebeu, deu à luz um filho e disse: Deus me tirou o meu vexame. (Gn30.22-23).

Suzana Chwartz (1999, p.155) afirma que "a esterilidade é um dos temas fundacionais do passado ancestral de Israel, condensando os impasses inerentes

ao processo de emergência de um povo que se crê guiado por Deus" O principal papel social feminino, ou o objetivo "natural" de suas vidas, mesmo quando pertencentes à elite, era a procriação: "A hebreia era treinada desde a infância para se tornar esposa e mãe. Durante séculos, a realização pessoal da mulher dependeu de seu sucesso no desempenho dessas funções" (COLEMANN, 1991, p.33). Gerar filhos homens garantia-lhes seus direitos como esposas e herdeiras e seu valor como mulheres e muito além disso:

A valorização do filho homem, então, extrapola questões de linhagem, herança, segurança, força de trabalho, honra e poder e remete à questão básica e vital da sobrevivência do grupo, diretamente dependente de seus filhos homens como doadores de vida" (CWARTS1999, p.142).

Apesar dessa extrema valorização da maternidade, devido a continuação da descendência e a possibilidade de gerar alianças através de casamentos, a título de exemplo, comentamos uma das "leis da pureza" que se referia às mulheres que haviam dado à luz. Essas mulheres eram consideradas "impuras e imundas" após o parto, tendo que permanecer isoladas para se purificarem durante trinta e três dias se tivessem um menino e sessenta e seis dias, se fosse uma menina.⁴

O amor nas narrativas bíblicas está, naturalmente, entre os sentimentos humanos subjetivos e o tema abrange muitos desdobramentos nos tempos bíblicos. Grandes demonstrações de amor estão presentes em diversas narrativas. A luta de Jacó, por exemplo, que foi enganado pelo futuro sogro e obrigado a ceder quatorze anos de trabalho para poder ficar com sua amada: "Assim por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava" (Gn.29.20); "Dar-te-emos também a outra (irmã), pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás" (Gn 20.27). Por outro lado, Salomão, o rei mais sábio, rico e poderoso, que nunca achou seu "verdadeiro" amor, mas "tinha setecentas mulheres, princesas e trezentas concubinas." (IRs11.3). Existem também muitos exemplos de mulheres sendo oferecidas, trocadas ou forçadas a ficarem com homens que nem conheciam:

[] saí vós das vinhas, e arrebatái, dentre delas, cada um sua mulher (Jz 21.21);
Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; isto, porém, não vingará, nem será para a sua vantagem (Dn11.17).

⁴ Paratexto da Bíblia de Genebra sobre Levítico 12.5: "O texto não explica por qual razão o nascimento de uma filha tornava a mãe duas vezes mais imunda do que o nascimento de um filho. Talvez uma filha, como uma mãe em potencial, estivesse mais sujeita à impureza do que um filho."

A questão do amor entre um casal e do casamento se revela subjetiva, social e política e também como uma fonte de identidade:

Perguntou-lhe o rei: Que tens? Ela respondeu: Ah! Sou mulher viúva; morreu meu marido (2 Samuel 14.5).

Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol (Ec 9.9).

José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo (Mt 1.20).

Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama (Ef 5.28).

Existe, por toda a narrativa bíblica, uma analogia linguística referente à família, à casa e ao cotidiano e isso faz com que os leitores se identifiquem e assim, compreendam a essência do significado ali embutido:

Chegai-vos e trazei sacrifícios e ofertas de ações de graças à **Casa do SENHOR** (2 Cr 29.31)

Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por **mãe** em Israel (Jz 5.7, grifo nosso).

Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso **Pai**, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peça (Mt 6.8, grifo nosso).

E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada **casa de oração** (Mt 21.13, grifo nosso).

Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu **irmão, irmã e mãe** (Mc 3.35, grifo nosso).

Eu sou o **pão** da vida (Jo 6.48, grifo nosso).

Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o **pastor das ovelhas** (Jo 10.2, grifo nosso).

Eu sou a **porta** (Jo 10.9, grifo nosso).

Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da **família da fé** (Gl 6.10, grifo nosso).

Não vos escrevo estas coisas para vos envergonhar; pelo contrário, para vos admoestar como a **filhos** meus amados. Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, **vos gerei** em Cristo Jesus (I Co 4.14-15, grifo nosso).

A valorização da família, no entanto, não está acima de outros valores e não impede o ser humano, imprevisível e imaginativo, de tomar atitudes contrárias aos costumes ao perseguir seus objetivos, ou cuidar de sua sobrevivência. Em muitas narrativas bíblicas, as personagens optam pelo abandono da terra ou da família. Em Gênesis, o próprio Deus ordena que Abrão se retire de sua terra para começar a formar uma nova nação: " Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei" (12.1). Davi, por exemplo, um herói e rei do livro de I Samuel, abandona sua casa, seu pai e seus irmãos, porque não julga ter ali a segurança e futuro que desejava e, seguindo sua ambição em direção ao poder, se aproxima da família do rei Saul: [] "como muitos jovens na história

bíblica, Davi rapidamente aprende que as relações adotivas - do campo de batalha, da arena política, da cama - podem modelar a identidade de modo mais marcante e significativo" (Alter, 1997, p.144). O próprio Jesus também foi recebido pelos gentios e rejeitado pela maioria dos judeus: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome" (Jo 1.11,12).

2.3.4 Nação e solo

Depois da família, uma das principais fontes de identidade é a nação em que nascemos. Hall discute que: "As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades" (2011, p.51). E ressalta: "A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional" (2011, p.49).

As famílias, as tribos, as casas eram fundamentais para a construção da identidade das personagens bíblicas e uma das características pelas quais eram identificadas pelos outros. Esse dado favorecia imediatamente o reconhecimento de características dos habitantes dessa determinada tribo; a tribo de Levi, por exemplo, seria sempre reconhecida como a tribo sacerdotal: "Por esse mesmo tempo, o SENHOR separou a tribo de Levi para levar a arca da Aliança do SENHOR, para estar diante do SENHOR, para servir e para abençoar em seu nome até ao dia de hoje" Dt 10.8. A tribo de Aser, por sua vez, era conhecida por sua prosperidade e por isso, a referência à azeite, que era valioso como alimento e combustível e neste versículo, símbolo de riqueza: "De Aser disse: Bendito seja Aser entre os filhos de Jacó, agrade a seus irmãos e banhe em azeite o pé" (Dt 33.24).

Por toda a Bíblia, a palavra "casa" pode ser referência a povo, nação e família. Além de ser uma palavra que promove, naturalmente, uma identificação, a família faz parte do fundamento do judaísmo e do cristianismo e evidencia, também, que o relacionamento com as pessoas do cotidiano deveria seguir as mesmas normas da solidariedade e hospitalidade das relações familiares: "Às metáforas da

casa e família correspondem também exortações éticas ao amor ao próximo e irmãos" (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.314).

mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel. (Mt 10.6)

O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele, apascentarão os seus rebanhos e, à tarde, se deitarão nas casas de Asquelom; porque o SENHOR, seu Deus, atentará para eles e lhes mudará a sorte. (Sf 2.7)

Assim, morreram Saul e seus três filhos; e toda a sua casa pereceu juntamente com ele. (I Cr10.6)

Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, ou qualquer coisa que te pedir a tua alma; come-o ali perante o SENHOR, teu Deus, e te alegrarás, tua casa. (Dt.4.26)

Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César. (Fl 4.22)

Notamos, assim, que os significados de família, casa, tribo e pátria eram entrelaçados e carregavam um peso essencial para a construção da identidade.

O sentimento de pertencimento estabelecido no momento do nascimento que havia nos tempos bíblicos é retratado nas suas narrativas. A paternidade, a tribo o nome e a religião ofereciam uma identificação permanente e imutável que o homem carregava durante toda sua vida, como motivo de orgulho ou como estigma. Bauman comenta sobre esse aspecto de formação de identidade: “nos estados pré-modernos, a identidade era determinada pelo nascimento e assim proporcionavam poucas oportunidades para que surgisse a questão do “quem sou?” (2005, p.55).

Os filhos de Zebulom, segundo a suas famílias, foram: de Serede, a família dos sereditas; de Elom, a família dos elonitas, de Jaleel, a família dos jaleelitas. (Nm26.26)

Vi também, naqueles dias, que judeus haviam casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas. (Ne 13.23)

E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. (Mt18.17)

Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? (Gl 2.14)

Essas características de descendência forneciam uma solidez identificadora, difícil de ser quebrada, especialmente pelas mulheres, mas, não se constituía em um empecilho para o enfrentamento de crises e situações inéditas, como vemos nas narrativas do evangelho de Mateus.

Ao comparar a vida na Antiguidade com a pós-modernidade, Bauman sintetiza a mudança ocorrida com o processo de construção da identidade:

Se os nossos ancestrais eram moldados e treinados por suas sociedades como, acima de tudo, produtores, somos cada vez mais moldados e treinados como, acima de tudo, consumidores, todo o resto vindo depois. Atributos considerados trunfos (aquisição e retenção de hábitos, lealdade aos costumes estabelecidos, tolerância à rotina e a padrões de comportamento repetitivos, boa vontade em adiar a satisfação, rigidez de necessidades) se transformam nos vícios mais apavorantes no caso de um consumidor" (2005, p.72).

A sociedade da Antiguidade era agrária, "indica, pois, que a espinha dorsal econômica desses Estados era a agricultura" (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.19) e essa circunstância contribuía para a formação da identidade e a forma como o solo, a terra, a colheita eram valorizados. A maioria da população trabalhava na agricultura e, portanto vivia no campo e as elites, donas das propriedades rurais, moravam nas cidades que concentravam os poderes sociais e políticos. A subsistência dependia das colheitas e a fome representava um dos grandes problemas do povo:

Se sois homens honestos, fique detido um de vós na casa da vossa prisão; vós outros ide, levai cereal para suprir a fome das vossas casas (Gn 42.19).

Não havia pão em toda a terra, porque a fome era mui severa de maneira que desfalecia o povo do Egito e o povo de Canaã por causa da fome (Gn 47.13).

Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? (Mt 12.3)

Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.(Mc 13.8)

Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra. (Lc 4.25)

O campo e a cidade estavam ligados e a riqueza nas mãos de uma pequena parcela da população. Muitas das promessas de Deus ao povo de Israel no Antigo Testamento relacionavam-se à concessão de terras, como forma de herança e recompensa altamente apreciada por terem alto valor econômico e social, como podemos observar por estes versículos:

Levanta-te, percorre essa terra, no seu comprimento e na sua largura; porque eu te darei. (Gn 13:17)

Se o SENHOR, teu Deus, dilatar os teus limites, como jurou a teus pais, e te der toda a terra que prometeu. (Dt 19.8)

Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais. (Js 1:6)

Notamos que a posição geográfica sempre é mencionada nas narrativas bíblicas remetendo a eventos e pessoas marcantes do lugar ou guardando diversos significados e funções dentro do enredo:

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. (Mt 2.1)

Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão, a fim de que João o batizasse. (Mt 3.13)

Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. (Mt 15.21)

Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galiléia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali. (Mt 4.12)

2.3.5 Narrativas pessoais e linguagem

Outro ponto levantado por Bauman que nos incita a refletir, é a ideia de que na modernidade líquida, as narrativas pessoais são, de fato, ensaios para uma retórica pública: os meios de comunicação exibem celebridades discutindo suas vidas pessoais e fazendo confissões em público, o que causa um efeito de autenticidade, mas, na verdade, esse comportamento tem somente o objetivo de transmitir uma imagem que possa ser "consumida" pelo público. As pessoas que são o objeto dessa propaganda acabam vivendo como se também fizessem parte de um espetáculo tentando imitar esses comportamentos de seus "exemplos".

Certamente, na Antiguidade, as elites eram admiradas, mas a obediência aos ensinamentos e a atenção aos conselhos dos pais e de Deus eram fortes fatores de identidade que enobreciam as pessoas. As narrativas bíblicas retratam estes juízos de valores e apresentam personagens que tinham necessidade de líderes para serem seguidos por convicção e não por imitação:

Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe (Pv 1.8).

Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram (1 Co10.6).

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus (2 Tm 3.14-15).

Um fator relacionado com a narrativa pessoal é a língua materna, o sotaque, o registro da fala, o vocabulário e muitas outras particularidades linguísticas. Esse é outro aspecto que desvenda, não só a identidade, mas, também, a personalidade, o sentimento, o objetivo, etc. A fala das personagens é o fundamento de uma das principais estratégias literárias dos textos bíblicos: o discurso direto. Alter enfatiza que "a linguagem falada perfaz o substrato de tudo que ocorre de humano e de divino na Bíblia" (2007, p.111). As palavras são o caminho para a essência e o fundamento da realidade: através delas, o mundo foi criado e as personalidades e os pensamentos das personagens são revelados.

Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez (Gn 1.9).
 Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras (Jr 1.9).
 Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo (Mt. 8.7).
 Então, ela, instigada por sua mãe, disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista (Mt. 14.8).

O silêncio das personagens, por contrapartida, carrega, da mesma forma, significados a serem descobertos no decorrer da narrativa, como podemos observar:

E nenhuma palavra pôde Isbosete responder a Abner, porque o temia (2Sm 3.11).
 Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração (Mt 12.34).
 E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã (Mt 9.22).
 Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus (Mt 26.63).

2.4 A estabilidade da identidade

Essa é a realidade histórica e o contexto opressor da Antiguidade em que as narrativas bíblicas estão inseridas; muitas personagens bíblicas femininas (como as que analisaremos) ousaram agir fora dos parâmetros impostos por suas identificações de classe, gênero, raça e nacionalidade, movidas por uma necessidade extrema de resolução de problemas ou até mesmo por sobrevivência. "A expectativa de um comportamento de acordo com o gênero era extremamente grande e a confusão dos papéis ou competências 'masculinos' e 'femininos' muitíssimo desaprovada". (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.403). Essas extraordinárias personagens femininas, tanto do Antigo quanto do Novo

Testamento, não se deixaram limitar pelo comportamento que a sociedade esperava delas⁵, agiram fora do seu papel submisso e assumiram uma atitude questionadora e contestatória. As mulheres da genealogia de Jesus procuraram os meios apropriados para alcançar determinados fins e esse comportamento, quando devidamente analisado, revela ser sinônimo de sabedoria. Então, é muito interessante refletir sobre o pensamento de Bauman que afirma que hoje, existe uma corrida frenética atrás de todos os fins possíveis obtidos com os meios que possuímos. Nossa identidade está atrelada a esta prática, assim sendo, é um processo de experimentação sem fim: a identidade solidamente construída passa a ser uma delimitação da liberdade de escolha. Por outro lado, esse processo que não visa um objetivo (o oposto das atitudes das personagens mencionadas), causa uma enorme sensação de insegurança e uma série de novos medos.

Se a ideia de "sociedade aberta" era originalmente compatível com a autodeterminação de uma sociedade livre que cultivava essa abertura, ela agora traz à mente da maioria de nós a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente." (BAUMAN, 2005, p.13)

Essas personagens femininas, também, sentiam medo e insegurança; porém, suas aflições provinham de problemas concretos e a discriminação que as envolvia agravava consideravelmente a situação. Por outro lado, a própria dificuldade de trânsito físico, social e político impulsionou as personagens a planejarem e executarem planos perspicazes para atingirem seus objetivos

2.5 Identidade e Estranhamento

Como foi visto, é inerente ao ser humano, estabelecer a sua identidade seja por necessidade ou desejo, assim como, identificar-se com o outro para se sentir pertencente a um grupo. Nietzsche (1874) já considerava que o homem tem a necessidade de viver em sociedade e de identificar-se com o outro e chamava essa

2 "Às diferentes atribuições de papéis e competências a homens e mulheres correspondiam atributos estereotipados de gênero que estavam associados além disso a valores orientadores e supostamente expressavam "qualidades" tipicamente masculinas ou femininas. Homens: fortes, corajosos, generosos, contidos, racionais e controlados. Mulheres: fracas, medrosas, mesquinhas, tagarelas, irracionais/emocionais e descontroladas" (STEGEMANN & STEGEMANN, 2004, p.403).

busca de pertencimento de "sentimento de rebanho". Isoladamente o homem é inábil para desenvolver reflexões sobre si mesmo e o mundo: como os nossos sentidos nos enganam e as nossas percepções são individuais e isoladas, precisamos viver em sociedade para construirmos parâmetros de comparação com outros seres. Essa é a constituição dos seres humanos e a maneira como as personagens de ficção são construídas.

Por outro lado, quando não nos identificamos com as outras pessoas e seus comportamentos, modos de pensa, temos a tendência a nos afastarmos: é o sentimento de estranhamento, que pode se transformar em rejeição, discriminação e exclusão. E isso ocorre nas narrativas bíblicas também, quer seja para realmente ilustrar uma discriminação ou para compor uma analogia que remeta a um objeto usualmente rejeitado:

Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás (Gn 49.17).

Agora, pois, fazei confissão ao SENHOR, Deus de vossos pais, e fazei o que é do seu agrado; separai-vos dos povos de outras terras e das mulheres estrangeiras (Ed 10.11).

Mas chegai-vos para aqui, vós, os filhos da agoureira, descendência da adúltera e da prostituta (Is 57.3).

Neste ponto, chegaram os seus discípulos e se admiraram de que estivesse falando com uma mulher; todavia, nenhum lhe disse: Que perguntas? Ou: Por que falas com ela? (Jo 4.27)

Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? (Mt 3.7)

E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano (Mt 18.17).

Agora, pois, fazei confissão ao SENHOR, Deus de vossos pais, e fazei o que é do seu agrado; separai-vos dos povos de outras terras e das mulheres estrangeiras (Ed 10.11).

Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição (Ap 17.4).

Os conflitos existenciais fazem com que nos identifiquemos com as crises, inseguranças e medos dessas personagens bíblicas. Auerbach (2001) comenta sobre a "multiplicidade de camadas dentro de cada homem" das narrativas bíblicas e esse aspecto as aproxima dos sujeitos pós-modernos.

3 A BÍBLIA COMO LITERATURA

A Bíblia, os *livros*, proveniente do grego, *Ta biblia*, refere-se aos livros canônicos do judaísmo, Bíblia hebraica ou Antigo Testamento, e os livros sagrados do cristianismo, o Novo Testamento. Este é um dos primeiros aspectos da crítica à análise do texto sagrado enquanto obra literária: múltiplos autores, escrita em diferentes tempos históricos, diferentes línguas. Porém, é inegável que sua narrativa constrói um intrincado enredo com personagens densas e oscilantes e é evidente a relação dialógica entre o Antigo e o Novo Testamentos. Considerada por cristãos e judeus até a atualidade, como a verdade revelada por escritores inspirados por Deus, a Bíblia é, na sua essência, uma comunicação com um objetivo e um público definidos e sua narrativa cumpre esse propósito. Além disso, os escritores acreditavam que a produção de seus textos constituíam uma missão e revelavam a verdade, mas, nem por isso, isentavam-se de usar técnicas narrativas e artísticas. Auerbach comenta a questão da inspiração divina:

[o escritor bíblico] Tinha de escrever exatamente aquilo que fosse exigido por sua fé na verdade da tradição, ou, do ponto de vista racionalista, por seu interesse na verossimilhança [] O que ele produzia, portanto, não visava, imediatamente, à "realidade" - quando a atingia, isto era ainda um meio, nunca um fim -, mas à verdade. (2001, p.11)

Escrita em hebraico, aramaico (Antigo Testamento) e grego (Novo Testamento) e traduzida hoje para 2.527 línguas⁶, traz os fundamentos do judaísmo, cristianismo e islamismo, faz parte do cânone das obras literárias da civilização ocidental e pertence à tradição imaginativa judaico-cristã.

Não existe uma versão original desse patrimônio cultural que reúne muitos textos escritos em diferentes épocas. O povo hebreu há mais de três milênios atrás, manteve um registro de sua história e relacionamento com Deus que passou por várias cópias de geração em geração. Todos os textos autógrafos se perderam e as traduções baseiam-se nas cópias mais antigas encontradas. Assim, a Bíblia, o livro mais censurado e queimado até hoje, teve que passar pela transmissão oral,

⁶ "A necessidade de difundir seus ensinamentos, através dos tempos e entre os mais variados povos, resultou em inúmeras traduções para os mais variados idiomas. Hoje é possível encontrar a Bíblia, completa ou em porções, em mais de 2.527 línguas diferentes (levantamento de dez/2010)." Disponível em < <http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=40>>. Acesso em: 21/04/2014.

compilações, revisões, cópias e diferentes traduções e necessidades concretas para chegar à pós-modernidade.

As descobertas arqueológicas até hoje contribuem para uma melhor compreensão do tempo histórico e, por consequência, do significado das palavras, das situações em que os textos foram escritos e a datação dos manuscritos.

O Antigo Testamento engloba uma antologia de cerca de nove séculos de literatura hebraica apresentando uma diversidade de gêneros, objetivos e pontos de vista que estão, surpreendentemente, conectados pela coesão e coerência entre eles, como comentam Alter e Kermode:

Subentende-se que esses escritores pretendem nos falar sobre as origens do mundo, a história de Israel, as exigências éticas de Deus à humanidade, as estipulações de culto da nova fé monoteísta, as visões futuras de tragédia e redenção. Mas a narrativa tem uma excelência de conformação [] para a criação de personagens, definição de cenas, elaboração de diálogos, equilíbrio entre episódios próximos e distantes, exatamente do modo como os poemas dos salmistas e profetas inebriados de Deus manifestam um virtuosismo estonteante em seus arabescos de jogos de sons e sintaxes, de palavras e de imagens. (1997, p. 27)

Observemos alguns exemplos do uso de simbolismos para a identificação e convencimento do leitor. Lembramos que o simbolismo é: "um efeito pelo qual um motivo da história contada é portador de um significado mais amplo; sem que este seja explicado pela narrativa" (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 145). A referência à "Água", ou outros termos que a ela remetem como chuva, fonte, rio, certamente é uma das mais recorrentes em toda a Bíblia. Examinemos este versículo: "Tendo partido toda a congregação dos filhos de Israel do deserto de Sim, fazendo suas paradas, segundo o mandamento do SENHOR, acamparam-se em Refidim; e não havia ali água para o povo beber" (Ex 17.1). Podemos dizer que o significado, por um lado, é literal, já que o povo atravessando um deserto obviamente precisava de água. Por outro lado, o suprimento de água no cenário de um deserto é questão de vida ou morte, então, também significa algo necessário, essencial e providencial. Essa é a razão da expressão "água viva" ou "água da vida" que refere-se ao evangelho:

Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva (Jo 4.10).
Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida (Ap 21.6).
pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida (Ap 7.17).

No exemplo acima, o versículo de Apocalipse 7.17, temos outro simbolismo frequente na Bíblia que é o "cordeiro" referindo-se a Jesus: "No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29). No Antigo Testamento, o sacrifício de um cordeiro era parte dos holocaustos e, sendo assim, esse animal trazia a ideia de sacrifício:

Quando Isaque disse a Abraão, seu pai: Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou-lhe Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? (Gn 22.7)

Se trazer um cordeiro por sua oferta, oferecê-lo-á perante o SENHOR (Lv 3.7).

Imolai o cordeiro da Páscoa; e santificai-vos e preparai-o para vossos irmãos, fazendo segundo a palavra do SENHOR, dada por intermédio de Moisés (2Cr 35.6).

Os escritores bíblicos demonstram sua habilidade linguística quando utilizam a mesma palavra para simbolismos diferentes. O cordeiro é um animal gregário e domesticável e seu rebanho, então, remete aos seguidores de Jesus que precisam de ensinamento e de cuidado: "Ele respondeu (a Jesus): Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros" (Jo 21.15).

No exemplo seguinte, novamente a palavra "cordeiros" como seguidores de Jesus, no caso, seus discípulos e também o termo "seara" (campo cultivado) referindo-se a pessoas que estão a espera da "colheita", ou seja, precisam saber do evangelho para se tornarem seguidoras. Também é usada a palavra "trabalhadores" em referência aos seguidores que ensinam o evangelho a outras pessoas: "E lhes fez a seguinte advertência: A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos" (Lc 10.2-3).

A partir dos exemplos de simbolismos citados acima, vale observar como pertencem ao universo da agricultura, da vida no campo, isto é, da realidade dos primeiros leitores (e ouvintes) para que pudessem imediatamente se identificar com a narrativa, captar as analogias e compreender a mensagem. Frye comenta o aspecto da escolha lexical: "[] Falamos das imagens das três fases na história de Israel: a pastoral, a agrícola e a urbana. Os arquétipos das três definem a narrativa bíblica" (2004, p.176).

Do Novo Testamento, os primeiros manuscritos descobertos foram cópias de cartas às igrejas: esse foi o início da igreja cristã. Era necessário disseminar os ensinamentos de Cristo entre os novos convertidos. Sabemos que inicialmente os

ensinamentos de Jesus circularam de forma traditiva: os ouvintes de Jesus guardaram os preceitos de forma oral. A necessidade local de preservação destes ensinamentos e o desejo de expandir seu alcance incitaram os escritores do Novo Testamento a documentar essas tradições. Tinham o objetivo de usar das estratégias literárias disponíveis para atingir esses propósitos durante uma época de extrema tensão quando o judaísmo se dividia e dava origem a outra religião, o cristianismo. Alter e Kermode salientam que: "Muito de sua narrativa (dos evangelhos) é construída sobre ele (o Antigo Testamento), bem como muito de sua doutrina. O que parece claro é que os Evangelhos foram inspirados pela necessidade de registrar por escrito algo da vida e dos ensinamentos de Jesus" (1997, p.405).

Podemos confirmar pelos exemplos abaixo, a intertextualidade (uma característica inerente à literatura) com o Antigo Testamento no uso narrativo de testemunhos e alusões:

Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco) (Mt 1.23).

Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. (Mt 7.17-18)

E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. (Mt 2.6)

E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina. (Mt 22.31-33)

Como já foi dito, o fato de a Bíblia ser considerada até hoje principalmente um texto sagrado e, unicamente isso, por um maciço número de pessoas, contribui para a resistência à sua análise narrativa. Porém, estudar as características literárias da Bíblia não enfraquece seu aspecto divino. Leonel reconhece que "não existe necessariamente antagonismo entre o caráter literário das Escrituras e sua visão como texto sagrado. Contudo, é igualmente imperativo que a abordagem religiosa conviva com o fato literário e o respeito. Na realidade, eles são complementares" (2001, p.22). A análise literária deve, então, anteceder à exegese. A análise exegética serve à visão religiosa da Bíblia buscando o significado do texto bíblico e

a aplicação prática para esse ensino na vida do leitor, em suma, a sua mensagem divina para os seres humanos. Acredita-se que a Bíblia, como livro sagrado, foi inspirada por Deus e os leitores também o devem ser para a sua correta interpretação. Além da inspiração, o uso da hermenêutica bíblica que reúne regras para a interpretação competente do texto orienta a análise exegética.

O caráter literário é a base dos textos bíblicos, a maneira como foram produzidos (inspirados por Deus, ou não) por escritores habilidosos que usavam estratégias narrativas para o convencimento dos seus leitores. Alter e Kermode ressaltam a importância desse caráter que começou a ser reconhecido quando foi publicada a obra de Auerbach, *Mimesis*. Eles comentam a necessidade "sentida tanto pelos estudiosos eclesiásticos como pelos seculares de conseguir um novo ajustamento com a Bíblia como ela é, ou seja, como literatura de alta importância e vigor" (1997, p.14)

Em *Cultura Letrada*, Márcia Abreu afirma que a literalidade presente na essência do texto não é absoluta. Assim sendo, aponta os critérios geralmente utilizados para definir um texto como literário, além da excelência das características linguísticas e artísticas:

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas "instâncias de legitimação". Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seleto grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. (2004, p.42)

A conclusão é que a designação de um texto como literário engloba inúmeros fatores sociais, culturais, históricos, pessoais e, sem dúvida, mercadológicos.

Como constatamos por meio de pesquisa nos meios acadêmicos⁷, a análise literária de textos bíblicos ainda é um campo pouco explorado e muitas vezes polêmico, porém, o interesse em relação a essa questão tem crescido entre biblistas, teólogos, críticos e teóricos literários como afirma Leonel (2011, p.105).

É inegável, porém, a riqueza linguística e imagística da Bíblia que tem há séculos sido inspiração para a literatura universal. Sua linguagem sucinta, cheia de

⁷ Introdução, p. 12

repetições, sem muitos detalhes ou exposição de razões para as ações das personagens, já foi criticada por ser simplista ou primitiva. Auerbach foi um dos primeiros críticos literários a fazer uma análise que expunha a sutileza da linguagem e das estratégias literárias da Bíblia:

[] só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados. [] O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos (2001, p.9).

Apesar de o olhar desta dissertação não ser teológico, e não haver interpretações da Bíblia como "Palavra de Deus" nesta análise, é importante para a correta interpretação dos textos considerar o conceito bíblico do ser humano e os propósitos divinos para a plena compreensão da narrativa devido à fundição e interação das esferas teológicas e literárias. Alter afirma que:

A teologia implícita na Bíblia hebraica impõe à narrativa um realismo psicológico e moral bastante complexo, uma vez que os desígnios de Deus estão sempre entrelaçados à história humana e dependem das ações individuais dos homens e mulheres para a sua realização permanente (2007, p.28).

O comentário também é pertinente em relação ao Novo Testamento já que o aspecto da relação entre as ações dos seres humanos e os planos de Deus é um dos componentes do enredo de toda a Bíblia. Um texto essencialmente religioso pode ser analisado como literatura devido a sua relação com a realidade, construindo, porém, um outro mundo por meio de estratégias narrativas e uma linguagem predominantemente metafórica. O mundo do texto, por sua vez, deve ser interpretado pelo leitor que reconstrói o sentido do texto, como veremos adiante.

3.1 Abordagens literárias

A condição literária da Bíblia é uma discussão bem recente: basta pensarmos que a própria palavra "literatura" tem sua origem no final do século XVIII e até os dias de hoje é assunto para debate entre teólogos, biblistas, críticos e teóricos literários.

MANSER, H. Martin em *Critical companion to the Bible*, (2009, p.8-9) discorre sobre a vitalidade das teorias literárias que surgem e derrubam ou se associam a outras mais antigas num processo contínuo.

O enfoque crítico-histórico foi o principal durante décadas e foi abandonado no estudo literário secular muito antes do que nos estudos bíblicos. O Novo criticismo anglo-americano veio posteriormente e sua ênfase era o texto, tentando se libertar das questões históricas e dos propósitos do autor. O estruturalismo detinha a atenção às formas e entendia a literatura como um sistema de relações como as equações matemáticas. De semelhante maneira, a semiótica considera a linguagem um sistema de sinais, um código: estuda os atos concretos do discurso. A análise do discurso, a crítica retórica e a crítica da composição focam a construção do enredo analisando sua estrutura e o desenvolvimento do argumento. A análise narrativa, termo que não é aceito unanimemente, preocupa-se com a maneira com que a mensagem é transmitida. Enfoques pós-modernos que pretendem trazer renovações aos modos de ler concentram-se em visões feministas, psicanalíticas e outras.

Esse caminho resumidamente descrito aqui foi o percorrido pela literatura secular na Europa e nos Estados Unidos e várias abordagens também foram empregadas aos estudos bíblicos. Manser conclui ressaltando a especificidade da Bíblia como cânone da escritura sagrada para judeus e cristãos. Essa razão torna essencial avaliar como os textos bíblicos foram concluídos para que transmitissem uma mensagem à geração da época como a futuras gerações também. Sugere que a abordagem não deva ser fragmentada e que a análise canônica deve ver a Bíblia como uma unidade teológica.

Destacamos, a seguir, algumas obras que ainda atualmente exercem influência sobre as análises da Bíblia como literatura no Brasil.

Os pesquisadores bíblicos apontam a obra de Auerbach, *Mimesis - A representação da realidade na literatura ocidental* (publicado no Brasil em 1971)⁸ como a origem da análise literária da Bíblia. Ao mostrar a influência de vários textos na cultura europeia, o autor compara a retórica clássica de Homero com o relato do sacrifício de Isaque no Antigo Testamento, ou seja, o cotidiano de uma comunidade como tema.

⁸ *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton, 1953

O *Guia literário da Bíblia* de Frank Kermode e Robert Alter (edição), publicado em 1997 pela UNESP⁹, que reúne textos de vários professores universitários da área de Literatura sobre cada livro bíblico trata a Bíblia como autoridade literária.

Northrop Frye, crítico canadense, é outro importante autor para a visão literária bíblica: sua obra, *Código dos códigos*¹⁰, publicado em 1992 pela Boitempo analisa a linguagem literária da Bíblia com seus mitos, metáforas, imagens e tipologias bem como sua influência sobre a literatura ocidental. "Em outras palavras, Frye descreve a Bíblia como "um alfabeto de formas e imagens literárias" (MANSER, 2009, p. 8, tradução nossa).

Publicado em 2007 pela Companhia das Letras, *A arte da narrativa bíblica*¹¹ de Robert Alter analisa as principais estratégias literárias encontradas na Bíblia hebraica. O livro de 1981 continua inovador, principalmente no Brasil, onde o tratamento da Bíblia como literatura está começando.

Para ler as narrativas bíblicas de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin, publicado em 2009 pela Loyola¹², é um manual que descreve as ferramentas de análise de uma narrativa e de maneira didática, suas aplicações. Como os próprios autores descrevem: "Este livro deverá permitir ao leitor se iniciar nos passos e nos processos de leitura da análise narrativa" (p.9).

O trajeto da análise literária dos textos bíblicos tem sido seguido com décadas de atraso por autores brasileiros, visto que evidentemente a própria diferença entre as formações culturais impede que o desenvolvimento da abordagem seja o mesmo. Tanto as instituições religiosas quanto as acadêmicas operam de maneira diferente. O caráter literário da Bíblia tem sido muito pouco abordado pelos estudiosos brasileiros da teologia e da literatura. A Escritura tem sido considerada, na maior parte do tempo, objeto de análise exegética ou histórica, porém, há alguns anos, o interesse pela análise literária da Bíblia tem crescido e a literatura e estudos acadêmicos sobre o tema têm aumentado no Brasil.

Destacamos o livro de Júlio Zabatiero, publicado pela Hagnos em 2007, *Manual de exegese*, em que o autor aplica a teoria semiótica francesa à literatura bíblica, salientando a importância da análise semântica e do contexto revelado pelo

⁹ *The Literary Guide to the Bible*, Harvard University Press, 1987.

¹⁰ *The Great Code*, 1981.

¹¹ *The Art of Biblical Narrative*, Basic Books, 1981.

¹² *Pour lire les récits bibliques*, Les Édition du Cerf, 1998

texto. Também de Zabatiero em parceria com João Leonel, *Bíblia, literatura e linguagem* propõe "apresentar exemplos e reflexões teóricas sobre como ler a Bíblia além das fronteiras da metodologia histórico-crítica e histórico-gramatical" (2001, p.11). Afirmam que as narrativas contemporâneas bíblicas "carecem de revisões a partir de propostas teórico-literárias" (2011, p.13) e apresentam duas maneiras de ler a Bíblia: visitando as novas teorias literárias e aplicando a linguística da enunciação.

3.2 *Mimesis e poiesis* na Bíblia

A Bíblia é uma comunicação especial e apresenta tanto o lado da *mimeses*, enquanto reflexo da realidade, quanto da *poiesis*, esbanjando criatividade em seus variados gêneros. Como observa Leonel:

Falta uma compreensão adequado do que é um "texto", bíblico ou não, e de suas funções. Central para isso é o reconhecimento da literatura como *mimesis*, ou seja, imitação e representação da realidade, e como *poiesis*, isto é, como criação e transformação da realidade (2011, grifo do autor, p.21).

Antoine Compagnon sintetiza *mimesis* como "conhecimento, e não cópia ou réplica idênticas: designa um conhecimento próprio ao homem, a maneira pela qual ele constrói, habita o mundo" (1999, p.127).

Segundo Aristóteles em seu livro *Poética*, *mimesis* é a imitação e/ou representação da realidade e *poiesis*, a criação de um mundo narrativo. Ao adicionar a essa concepção, a noção de tempo, Ricoeur esquematiza esse processo em três etapas. A *mimesis* I, ou prefiguração, refere-se à pré-compreensão do mundo: imitar ou representar a ação, é primeiro, "pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade" (1994, p. 101). A *mimesis* II, ou configuração, refere-se à elaboração do texto propriamente dito que retém a função de mediação. Por fim, a *mimesis* III, refiguração, marca a "intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor" (RICOUER, 1994, p. 110). Essa etapa corresponde à recepção da obra: o leitor se apropria da obra e a traz para seu próprio mundo.

Partindo do pressuposto de que literatura é *mimesis*, reconhecemos que a narrativa bíblica tem um objetivo mimético:

Os escritores bíblicos procuram compreender o que é viver como um ser humano que tem a consciência dividida [] que exhibe uma personalidade clara e límpida, ao passo que, no íntimo, vive um turbilhão de ganância,

ambição, ciúme, luxúria, piedade, coragem compaixão e muito mais (ALTER, 2007, p.261).

Auerbach entendendo que a literatura desvela o modo como os seres humanos se veem em um determinado momento e situação histórica, compara o trecho sobre a cicatriz em *Odisséia* com a narrativa do sacrifício de Isaque no Velho Testamento, tratando, pela primeira vez, a Bíblia como obra literária.

Examinemos o percurso da *mimesis* e da *poiesis* nos versículos seguintes e como operam concretamente por meio da análise do narrador e das personagens.

O narrador bíblico, como importante elemento constituinte da narrativa, oscila entre a descrição e a onisciência. Geralmente seu papel é o de narrar as falas e ações, porém, em diversas ocasiões demonstra um conhecimento integral dos sentimentos e pensamentos das personagens e deliberadamente, escolhe entre sua revelação ou ocultamento.

No livro de Ester, o primeiro capítulo narra como a antiga rainha Vasti foi expulsa do reino. O narrador comenta duas vezes sobre a sua beleza no mesmo versículo, o que desperta a atenção do leitor que retém a informação para melhor compreendê-la mais adiante: "que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a formosura dela, pois era em extremo formosa" (Et 1.11). De maneira diferente, quando rainha se recusa a aparecer diante os convidados do rei, o narrador resolve ocultar as razões da rainha Vasti, o que demonstra que possivelmente para o enredo, a personagem não tem muita relevância: "Porém a rainha Vasti recusou vir por intermédio dos eunucos, segundo a palavra do rei; pelo que o rei muito se enfureceu e se inflamou de ira" (Et 1.12). Às vezes, porém, "a narrativa muitas vezes guarda certas informações até o momento da história em que elas são diretamente relevantes". E, em seguida, o narrador resolve dar uma longa explicação para esclarecer que expulsar a rainha do reino não foi iniciativa do rei, inclusive nomeando os que tomaram a decisão:

Então, o rei consultou os sábios que entendiam dos tempos (porque assim se tratavam os interesses do rei na presença de todos os que sabiam a lei e o direito e os mais chegados a ele eram: Carsena, Setar, Admata, Társis, Meres, Marsena e Memucã, os sete príncipes dos persas e dos medos, que se avistavam pessoalmente com o rei e se assentavam como principais no reino) sobre o que se devia fazer, segundo a lei, à rainha Vasti, por não haver ela cumprido o mandado do rei Assuero, por intermédio dos eunucos (Et 1.14-15).

Alter comenta sobre uma categoria de narração que é o relato do fato de que o diálogo ocorreu: o narrador decide resumir uma fala e o leitor deve "levar em conta que as fórmulas mudam de acordo com o tipo de afirmação ou réplica que o falante vai fazer" (2007, p.123): "E, ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Anunciaram-lhe que passava Jesus, o Nazareno" (Lc 18.35-36). O cego decide chamar Jesus no mesmo momento: "Então, ele clamou: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!" (Lc 18.37) O narrador, ao usar o discurso direto apenas quando o cego se dirige a Jesus, valoriza sua ousadia e iniciativa de aproveitar o momento.

O narrador bíblico reticente, ocasionalmente se mostra onisciente, conhecedor inclusive dos pensamentos e sentimentos das personagens: "[Maria] entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre. Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre (Lc1.40-41).

As personagens bíblicas são apresentadas, pelo narrador, de diversas maneiras dependendo do objetivo da narrativa. A passagem sobre Abraão e seus descendentes pode exemplificar a genialidade dos escritores na criação das personagens e suas relações miméticas e poéticas. Em Gênesis 24, a detalhada apresentação de Rebeca que se estende além das normas das narrativas bíblicas, é um forte indício da importância da personagem: o leitor atento imediatamente começa a prestar uma atenção maior à história e compreende que o detalhamento é a preparação para um momento de tensão:

[] quando saiu Rebeca, filha de Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão, trazendo um cântaro ao ombro. A moça era mui formosa de aparência, virgem, a quem nenhum homem havia possuído (v.15-16a).

Em seguida, o narrador, ao colocar Rebeca como sujeito de onze verbos de ação e de uma fala direta, salienta que se trata de uma jovem energética e de iniciativa:

[] ela desceu à fonte, encheu o seu cântaro e subiu. Então, o servo saiu-lhe ao encontro e disse: Dá-me de beber um pouco da água do teu cântaro. Ela respondeu: Bebe, meu senhor. E, prontamente, baixando o cântaro para a mão, lhe deu de beber. Acabando ela de dar a beber, disse: Tirarei água também para os teus camelos, até que todos bebam. E, apressando-se em despejar o cântaro no bebedouro, correu outra vez ao poço para tirar mais água; tirou-a e deu-a a todos os camelos. (v.16b-20)

A agitação de Rebeca é reforçada pela estratégia bíblica da repetição: o momento é recapitulado com a reprodução de todos os verbos alguns versículos adiante:

[] quando saiu Rebeca trazendo o seu cântaro ao ombro, desceu à fonte e tirou água. E eu lhe disse: peço-te que me dê de beber. Ela se apressou e, baixando o cântaro do ombro, disse: Bebe, e também darei de beber aos teus camelos. Bebi, e ela deu de beber aos camelos. (45-46)

Acerca dessa história, Alter também salienta que : "A primeira ocorrência na Bíblia da cena-padrão do compromisso matrimonial é também a mais elaborada: o encontro na fonte de Aran Naaarin entre o servo de Abraão e Rebeca" (2007, p.87). É relevante acentuar que o narrador insere Isaque, o noivo, apenas no versículo 62, o que reforça a posição de Rebeca como futura poderosa matriarca. Alter acrescenta:

O papel do noivo e da noiva, por outro lado, está em flagrante divergência da convenção. Chama a atenção a ausência de Isaac na cena: esta é, na verdade, a única ocorrência em que um substituto vai ao encontro da jovem perto da fonte. Essa substituição corresponde perfeitamente, à história da vida de Isaac, porque ele é, sem dúvida o mais passivo dos patriarcas. (2007, p.87)

Uma estratégia diferente e também muito característica das narrativas bíblicas é o uso do diálogo contrastivo para revelar o caráter da personagem. A diferenciação das falas, geralmente de duas personagens, mostra o contraste entre seus caracteres. Continuando o relato de Gênesis sobre a história de Isaque e Rebeca, no capítulo 25.30-33, por exemplo, as falas dos gêmeos Esaú e Jacó refletem as diferenças entre os irmãos:

Tinha Jacó feito um cozinhado, quando, esmorecido, veio do campo Esaú e lhe disse: Peço-te que me deixes comer um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmorecido. Daí chamar-se Edom.
Disse Jacó: Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura.
Ele respondeu: Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura?
Então, disse Jacó: Jura-me primeiro. Ele jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó.

Esaú, retratado no v.27 como "perito caçador e homem do campo", está dominado pela fome e sente urgência em resolver a única preocupação em sua mente: mostra ser um homem tempestuoso que prefere pensar na questão física imediata e despreza sua primogenitura. Por outro lado, a escolha das palavras para a descrição de Jacó como "homem pacato, habitava em tendas" (v.27) induz o

leitor a vê-lo como uma pessoa mais centrada e que dedicava seu tempo à reflexão: tinha um objetivo político de obter a primogenitura que guiava todas as suas ações.

Seu próprio nome, Jacó, significa "enganador" e na continuação da narrativa, consegue, astuciosamente, se apropriar dos privilégios do irmão: "[] Veio teu irmão astuciosamente e tomou a tua benção. Disse Esaú: Não é com razão que se chama ele Jacó? Pois já duas vezes me enganou: tirou-me o direito de primogenitura e agora usurpa a benção que era minha (Gn 27. 35-36).

O extremo cuidado dos escritores bíblicos ao revelar ou ocultar fatos, e o falar e calar de suas personagens faz com que o leitor possa buscar diversas significações e interpretações para as atitudes das personagens que deixam transparecer sua conexão com a realidade (*mimesis*) e o lado criativo (*poiesis*).

3.3 Os gêneros literários na Bíblia

Como já comentamos, o fato de a Bíblia ser vista como literatura é muito recente e a definição como "Palavra de Deus" geralmente coloca-se como um empecilho para a sua análise narrativa. Um desdobramento da discriminação do caráter literário da Bíblia é a proposição de que os evangelhos sejam literatura própria do cristianismo, o que restringe a análise do texto: identificar o gênero a que uma obra pertence é essencial para o direcionamento da análise narrativa. Entre os biblistas e teóricos que estudam a Bíblia como literatura é consenso afirmar a pluralidade de gêneros encontrados, o que caracteriza, inclusive, a força literária bíblica.

A variedade genérica dessa antologia (Antigo Testamento) é de qualquer modo notável, englobando historiografia, narrativas ficcionais, e muita mistura de ambos, listas de leis, profecias tanto em verso como em prosa, obras aforísticas e de meditação, poemas de culto e devoção, hinos de lamentação e vitória, poemas de amor, tábuas genealógicas, contos etiológicos e muito mais. (ALTER, KERMODE, 1997, p.24)

O evangelho de Mateus, objeto desta dissertação, será analisado como uma forma de biografia greco-romana, assunto que será exposto com mais detalhes no item 4.1, Particularidades. Jesus é o protagonista dos evangelhos e como afirma Leonel, "o narrador mantém durante toda a narrativa o foco centrado em Jesus. Todos os elementos: cenários, indicações cronológicas e personagens gravitam em torno daquele que é o centro da história." (2011, p.42) Esta dissertação tem o

objetivo de analisar a construção da identidade de personagens femininas no evangelho de Mateus. Porém, como as personagens existem em sua relação com Jesus, é coerente analisarmos o texto como biografia greco-romana. "As narrativas dos evangelhos constroem seus personagens no interior de um sistema inteiramente governado (falando narrativamente) por uma figura central: Jesus" (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p.83).

A biografia greco-romana reúne algumas características particulares que encontramos na narrativa mateana. O livro inicia descrevendo a genealogia de Jesus, valorizando sua posição de autoridade como o "Cristo" (ungido) e sua ascendência nobre como "filho de Davi" (Mt.1.1).

O herói, Jesus, é estabelecido como a autoridade a ser respeitada e durante todo o evangelho, o protagonista tanto mostra o ensinamento correto como complementa esse ensinamento ou, frequentemente corrige a interpretação errônea que seguidores e opositores faziam do texto sagrado:

Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus. (Mt 5.33-34)

Outra característica da biografia greco-romana é o estabelecimento da origem do herói para promover a noção de seu pertencimento a um grupo social: "Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia..." (Mt 2.1) e " E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. " (Mt 2.6)

Nesse gênero literário, também existe a inclusão de figuras mitológicas, o que ocorre no evangelho quando, por exemplo, um anjo aparece para esclarecer a situação e orientar José: "Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo." (Mt.1.18)

A extraordinária sabedoria do herói também torna-se evidente nas narrativas sobre os ensinamentos de Jesus para multidões, como podemos salientar em Mateus 4.23: "Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo". Observamos, desde o primeiro capítulo, que o escritor selecionou dados deliberadamente para a construção dessa narrativa em forma de encômio.

Confirmamos, assim, que o gênero literário foi escolhido para beneficiar a funcionalidade do texto: instrução e convencimento de judeus cristãos.

4 O EVANGELHO DE MATEUS

4.1 Particularidades

O Evangelho de Mateus surgiu no período pós 70 d.C., um tempo incerto e instável na Palestina depois da destruição do Templo de Jerusalém pelo império romano. Vários grupos judaicos estavam espalhados pela região e um dos grandes focos do evangelho de Mateus é o grave conflito entre a comunidade liderada por Jesus e o judaísmo formativo (STEGEMANN, 2004. p. 258). Mostraremos que a característica fundamental do evangelho mateano é a intertextualidade com o Antigo Testamento. Podemos considerar essa a característica mais importante tanto pelo elevado número de citações e alusões quanto à razão do seu uso: a função de fazer com que seus ouvintes/leitores judeus reconheçam personagens, leis, ensinamentos, se sintam familiarizados e confortáveis e entendam o evangelho como resposta a questões do Antigo Testamento. Como afirma Northrop Frye em *Código dos Códigos*:

Os escritores do Novo Testamento veem então o Antigo como uma fonte antecipadora dos eventos da vida de Cristo [...] O Novo Testamento

reivindica ser a chave para o Antigo, ou a explicação do que este quer realmente dizer. Tradicionalmente formula-se o princípio geral da interpretação como "no Antigo Testamento oculta-se o Novo; no Novo, revela-se o Antigo." (2004, p. 108-109)

O evangelho de Mateus foi escrito no contexto helenista para ser primeiramente transmitido de forma oral; geralmente apenas uma pessoa no grupo possuía uma cópia e fazia a leitura nas reuniões. No século I, a oralidade era a principal forma de transmissão, como Cavallo ressalta:

em uma civilização e em uma época em que todas as manifestações da cultura foram confiadas a uma tecnologia de comunicação oral — mesmo com as condições para produção de livros (escrita alfabética, material de escrita), que existiam já em época muito antiga na Grécia —, a chave do problema não está no uso dos caracteres de escrita ou das matérias e instrumentos de escrita, mas no tipo de fruição literária, e tal fruição auditiva e não visual. (1992, p. 18-19)

O processo de transição para a cultura do livro começou pela necessidade de conservação e fixação e lentamente alcançou a divulgação, veiculação e circulação. É necessário lembrarmos também que o custo dos livros e o alto índice de analfabetismo faziam com que apenas uma parcela muito pequena da sociedade pudesse desfrutar da leitura.

Como já mencionamos ao comentarmos sobre os gêneros literários na Bíblia, várias características dessa narrativa nos fazem reconhecê-la como uma biografia greco-romana. Júlio Zabateiro e João Leonel listam os elementos que compõem a biografia greco-romana em *Bíblia, Literatura e Linguagem*: a distinção do herói, a seletividade que o narrador faz uso para realçar o caráter do biografado, a despreocupação com a cronologia exata dos fatos ou com o desenvolvimento da personagem, o conhecimento de sua personalidade dá-se pela observação de suas ações, gestos e palavras e não pela descrição do narrador. A herói da biografia greco-romana sempre é visto como um exemplo a ser seguido, um ideal e autoridade e também é comum o uso de fatos mitológicos e ditos do biografado. (2011, p.47-55)

Concordamos com a perspectiva sociológica de Andrew Overman quando afirma que "os desenvolvimentos e questões evidentes nesse Evangelho são respostas ao ambiente, à situação e ao mundo social dessa comunidade" (1997, p.13). Certamente Jesus, o protagonista, está inteiramente envolvido com a sociedade e contexto da época, por isso, o relato de vários conflitos com fariseus e escribas. Porém, a seletividade explícita utilizada pelo narrador dessa narrativa e a

nobreza atribuída ao seu herói são fatores que não só a caracterizam como biografia greco-romana mas também a diferenciam de história.

Júlio Zabateiro e João Leonel também salientam que o público alvo do evangelho conhecia as convenções da literatura grega: "O que se propõe é que, no contexto helenista, o autor do evangelho comunicou-se com seus leitores mediante uma forma conhecida na época: a biografia greco-romana" (2011, p.47). Então, nossa análise transitará sempre por entre os dois aspectos: a intertextualidade e os elementos da biografia greco-romana.

Observemos, primeiramente, algumas citações explícitas no primeiro capítulo do livro de Mateus em que o narrador não deseja que o leitor infira seu objetivo, mas o esclarece sem rodeios:

Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco). Mt1.22-23

O narrador refere-se a Is 7. 14: "Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel". Um pouco mais à frente, em Mateus 2, o narrador explica vários fatos como cumprimentos de profecias. Primeiro, o lugar de nascimento: Maria e José moravam em Jerusalém, porém, o bebê nasceria em Belém. "Em Belém [...] porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel" (Mt 2.5,6). O narrador compara o choro das mães que tiveram seus filhos mortos por ordem do rei Herodes com o choro de Raquel, alusão à nação de Israel: "Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouvia-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem" (Mt 2.17,18). E, por fim, o último versículo, explica a razão da família mudar-se para Nazaré após a morte de Herodes: "E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: 'Ele será chamado Nazareno' (Mt 2.23). Overman esclarece que essas citações de cumprimento funcionam como notas explicativas que mostram como os acontecimentos na vida de Jesus acontecem para cumprir o que um profeta do Antigo testamento previu. O narrador pretende "deixar explícita e clara a conexão entre a vida e o ministério de Jesus e as tradições e promessas da história de Israel" (1997, p.81).

Tendo em mente essa relação de promessa e cumprimento da promessa é interessante observar que a intertextualidade entre o evangelho de Mateus e o Antigo Testamento dá-se de maneira aparentemente inversa da esperada: o texto mais recente elucidada, ou dá mais sentido ao texto mais antigo. Marguerat e Bourquin chamam essas glosas explicativas de argumentos bíblicos e explicam: "Mateus enxerta o enredo "vida de Jesus" em um enredo unificante que o sobrepuja e lhe dá sentido: o enredo da história de Deus com Israel " (2009, p.128).

Na genealogia de Jesus que abre o evangelho, podemos apontar três elementos fundamentais da biografia greco-romana: a seletividade, a origem nobre do herói e sua autoridade. Em primeiro lugar, a seletividade percorre toda a genealogia quando o narrador revela suas escolhas ao listar a genealogia paterna, sendo que, logo em seguida, afirma que Maria "achou-se grávida do Espírito Santo", portanto José não era seu pai. Essa decisão do narrador deve-se ao fato de querer estabelecer no início da narrativa tanto a nobreza quanto a autoridade do protagonista: "filho de Davi, filho de Abraão" (Mt 1.1). Jesus pertence à família do rei mais famoso do Antigo Testamento e do patriarca do Judaísmo: o narrador escolhe as personagens para comprovar a nobreza e autoridade do herói, fazer com que os leitores/ ouvintes reconheçam de imediato suas qualidades e para estabelecer a função de seu texto, a conversão de judeus.

Como parte da estratégia narrativa da identificação, podemos salientar semelhanças entre o nascimento de Jesus e outros nascimentos narrados no Antigo Testamento que provocam de imediato o interesse dos leitores prevendo que não se trata da história de uma criança comum. As alusões a vários outros nascimentos em circunstâncias extraordinárias trazem o sentimento de empatia aos leitores.

Klaus Berger em *As formas literárias do Novo Testamento* lista as semelhanças entre o nascimento de Jesus e os do Antigo Testamento (1998, p.322).

a) A maneira sobrenatural da concepção: Em Mateus, Maria, virgem, engravida. Em Gn 18.11, Sara, com noventa anos, também concebe um filho e em 1Sm1.5, Ana, estéril, também gera um filho. Os três filhos, Jesus, Isaque e Samuel, não apenas tiveram nascimentos sobrenaturais, como são heróis e personagens vistas como exemplos. b) O próprio Deus ou um representante seu, um anjo ou profeta aparece para falar da gravidez. Em sonho, um anjo explica a José que " o que nela foi gerado é do Espírito Santo" (Mt1.20). Em Gn 17.15, Deus diz a Abraão: "Abençoa-la-ei e dela te darei um filho". E Eli, um sacerdote, responde à Ana: "Vai-te em paz, e o

Deus de Israel te conceda a petição que lhe fizeste"(1Sm 1.17). c) o nome do filho e uma profecia sobre seu futuro são determinados por Deus ou seu representante. O anjo, ao aparecer em sonho a José, lhe disse: "Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Em Gn 16.11: "Disse-lhe [a Agai] ainda o anjo do Senhor: Concebeste e dará à luz um filho, a quem chamarás Ismael [...] Ele será, entre os homens, como um jumento selvagem; a sua mão será contra todos e a mão de todos, contra ele."

Uma característica fundamental da biografia greco-romana é a maneira como todos os elementos da narrativa se voltam para o protagonista, expondo continuamente seus propósitos, muito mais que sua personalidade. Observemos alguns exemplos do modo lacônico como o narrador descreve um ponto importante da narrativa quando Jesus chama seus primeiros discípulos. Não existe uma conversa de apresentação, o que nos mostra que o foco é o seu propósito e não o esclarecimento sobre suas razões e muito menos sobre sua identidade, pelo menos naquele momento: "E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram" (Mt 4.19-20). Apesar do tempo imperativo ter a função de estabelecer a autoridade da personagem que é respeitada imediatamente, deixando o leitor a questionar o porquê do chamado e, mais ainda, da aceitação instantânea daqueles homens, a frase soa como um convite. Porém, um pouco adiante, no capítulo 9, versículo 9, a narrativa se torna mais concisa ao relatar a ocasião em que Mateus é chamado para acompanhar o protagonista: "Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu." Nesse trecho, sem dúvida o protagonista se mostra explícito e autoritário e o leitor tem a sensação de que Mateus sentiu o poder de sua autoridade e o obedeceu sem hesitação. O narrador não revela ser esta a mesma personagem que dá nome ao evangelho, porém, é o que o leitor pressupõe e espera então, mais informações sobre ele, e a narrativa fornece apenas seu nome e ocupação. A importância de todas as personagens está em sua relação com o protagonista. Ao longo da narrativa, o leitor forma, pouco a pouco, sua ideia a respeito de cada personagem.

No mundo antigo, as narrativas gregas e, por herança, as romanas arrazoavam os acontecimentos inexplicáveis através da mitologia e esses mitos e lendas eram passados e mantidos pela tradição oral. A biografia greco-romana utiliza personagens mitológicas para a explicação de fatos incompreensíveis. Rudolf

Bultmann, teólogo e crítico bíblico, define mitologia como "uma ciência primitiva que se propõe a explicar os fenômenos ou acontecimentos estranhos, singulares, surpreendentes ou terríveis, atribuindo-os a causas sobrenaturais" (2003, p.16).

No primeiro capítulo, o narrador declara que Maria está grávida do Espírito Santo e relata aparições de anjos em sonhos que esclarecem fatos e dão orientações. Reparemos que são chamados "anjos do Senhor":

Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. (Mt 1.20)

Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, fuge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. (Mt 2.13)

Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino. (Mt 2.19-20)

O narrador não fornece abertura alguma para o leitor refletir sobre essa concepção fantástica e analisar as informações que recebe, afirmando que o nascimento "foi assim". Começa a narrativa de maneira determinada e autoritária: "Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo" (Mt 1.18). O narrador também mostra que José, sem hesitação, aceita como verdadeiras todas as informações que recebe como uma resposta vinda de Deus (Senhor). Então, não existe mais motivo para reflexão ou preocupação; tudo que ele faz é obedecer: "Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher" (Mt 1.24).

No capítulo 4, quando Jesus tem fome após passar quarenta dias em jejum, o diabo aparece para o tentar. Há, então, um diálogo rápido em que o diabo tenta o protagonista com passagens do Velho Testamento e Jesus prontamente responde a cada uma das investidas com outro trecho bíblico. Finalmente, o diabo desiste e Jesus é alimentado por anjos: "Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram". (Mt 4.11) É a primeira vez que anjos reais aparecem e não em sonhos, e trazem coisas materiais para Jesus. O narrador, mais uma vez, não oferece nenhuma explicação para esse final fantástico da estória. Também nada explica sobre a aparição de outro anjo do Senhor que surge no último capítulo do

evangelho. Dessa vez, porém, seu aparecimento causa espanto e o narrador oferece uma descrição de sua aparência e do momento :

E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos (Mt 28. 2-4).

Os milagres realizados por Jesus possuem, semelhantemente à aparição dos anjos, o aspecto mágico e misterioso da mitologia. Em *Jesus Cristo e Mitologia*, apesar de Bultmann defender uma análise formal e colocar os Evangelhos como literatura própria do cristianismo, a nós interessa seus comentários sobre a concepção do mundo no Novo Testamento ser mitológica "porque difere da que tem sido formada e desenvolvida pela ciência, desde que essa se iniciou na Grécia antiga" (BULTMANN, 2003, p.14). Esclarece que os milagres, então, que evidenciam a ideia da intervenção sobrenatural sobre a vida física e espiritual, são acontecimentos mitológicos já que não apresentam a relação causa-efeito.

Os elementos mitológicos também configuram a biografia greco-romana e o narrador mateano relata uma série de milagres feitos pelo herói protagonista, fornecendo poucas informações, sem abandonar o estilo reticente e com a habitual economia de explicações e, na maioria das vezes, sem expor os sentimentos de Jesus, que ,ocasionalmente, podem ser captados pela sua fala. É surpreendente a forma como os milagres, em certas ocasiões, aparentemente são aceitos de forma natural; o dom de fazer milagres de Jesus já está pressuposto. Berger comenta sobre outro aspecto importante dessas passagens:

Quando se narra um ato milagroso, isso ainda não quer dizer que tal ato seja o centro da narrativa. A ação milagrosa de Jesus às vezes não aparece, nem a percepção dela ou a reação da parte do povo, por exemplo, na multiplicação dos pães (1998, p.278).

Cabe ao leitor, então, estar sempre atento para captar o significado de cada ação ou palavra de Jesus, visto que a personalidade, caráter, sentimentos e pensamentos do herói da biografia greco-romana têm que ser identificados em suas ações e discurso. Berger também salienta que "nem nos evangelhos, nem nas biografias do tipo mitológico de Plutarco e outros, o herói é apenas o representante da phýsis humana comum. Por uma origem muitas vezes semidivina, o herói está elevado acima da natureza comum" (1998, p.108). Esse seria o motivo da realização de milagres ser pressuposta pelo povo: a natureza de Jesus.

É interessante reparar na diversidade de personagens que receberam esses milagres e que a mais importante semelhança entre elas é a questão da fé. O narrador claramente não tem a intenção de indicar comportamentos, situações que possam formar um padrão para que os milagres ocorram. Pelo contrário, desenlaces inesperados surgem para manter a atenção e provocar a reflexão dos leitores. Em algumas passagens, Jesus elogia o tamanho da fé apresentada; em outras, repreende os que têm pouca fé; em outras, as personagens passam a ter fé depois de receber o milagre. Observemos a importância da fé nos seguintes relatos de milagres e as características das personagens envolvidas:

E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. (Mt 8.2)

Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. (Mt 8.8,10)

E eis que lhe trouxeram um paralisado deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralisado: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados. (Mt 9.2)

Eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá. (Mt 9.18)

E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste. E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. (Mt 9.20,22)

Destacamos a diversidade de personagens envolvidas como homens e mulheres, ricos e pobres, portadores de problemas que pela lei mosaica exigiam isolamento como lepra e hemorragia, jovens e velhos, judeus e gentios. Podemos associar a diversidade de personagens da genealogia de Jesus em que o narrador incluiu de reis a prostitutas com a gama de personagens que percorrem os milagres. As personagens estavam em situações emergenciais em que apenas milagres poderiam solucionar, mas a ênfase das narrativas é colocada na fé que possibilitou o milagre, ou na iniciativa de Jesus através de seu toque ou de sua palavra:

Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi! Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé. (Mt 9.27,29)

Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes. (Mt 8.16)

Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão e ela levantou. (Mt 9.25)

Então, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a; e ela ficou sã como a outra. (Mt 12.13)

São surpreendentes os relatos em que o narrador acentua a falta de fé dos discípulos, visto que acompanham Jesus e são testemunhas oculares de todos os milagres. Berger argumenta que "os próprios discípulos servem de exemplos (geralmente negativos) para o leitor" (1998, p.291). Jesus os censura, e usa a situação não somente para ensiná-los, como para realçar a fé das personagens das quais não se esperava tamanha credulidade. Vejamos as seguintes perícopes:

Senhor, salva-nos! Perecemos! Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. (Mt 8.25-26)

E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste? (Mt 14.31)

O narrador surpreende os leitores mais ainda quando em Mt 8.27, após Jesus acalmar uma terrível tempestade, os discípulos perguntam: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" Um pouco adiante, no versículo 29, os demônios, antes de serem expulsos dos gadarenos, afirmam: "Que temos nós contigo, ó Filho de Deus!" O narrador conta com a perspicácia dos leitores para compreender a decepção do herói com a dúvida de seus seguidores já que coloca as duas situações uma seguida da outra, porém, não chama a atenção para a repreensível pergunta dos discípulos; a afirmação de que até os demônios sabem quem é esse herói, novamente remete os leitores aos seres mitológicos e ao estabelecimento de Jesus como autoridade em todas as esferas.

Em duas passagens, somente após receberem os milagres, as personagens passam a acreditar no poder do herói e a ser suas seguidoras:

Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo. (Mt 8.15)

De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel. (Mt 15.31)

Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo. (Mt 20.34)

O narrador reforça a indefinição de parâmetros para os acontecimentos ao inovar e narrar de forma vaga milagres coletivos:

Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. (Mt 4.23)

Muitos o seguiram, e a todos curou. (Mt 12.15)

E lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram ficaram sãos. (Mt 14.36)

À relevante questão da fé, apresentada em grande parte dos milagres, o narrador, geralmente omissivo, decide fazer um comentário em Mt 13.58 que deve ser destacado: "E ele não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles."

Em *O Nome da Rosa*, Umberto Eco sabiamente destaca: "Penso que para contar é preciso antes de tudo construir um mundo, o mais mobiliado possível, até nos mínimos detalhes" (2011, p.39). Sendo assim, cada detalhe e escolha tem um motivo para estar no texto, ou não. Vejamos, então, mais atentamente, o funcionamento dos elementos da narrativa - narrador, tempo, espaço e personagens - para tratarmos, então, do enredo do evangelho de Mateus.

4.2 Narrador

Começaremos nossa análise pelo narrador que é o responsável por nos trazer a história. A maneira como a história deve ser contada para atingir seus objetivos é decidida e elaborada pelo narrador que, no caso do evangelho de Mateus, demonstra o interesse particular em tratar da relação mestre-discípulo. Em outras palavras: o narrador utiliza estratégias para que seus leitores adotem sua narrativa, confiem nele e aceitem o que ele diz.

O narrador de Mateus, em terceira pessoa, escolhe as ocasiões em que, além de ser onisciente e onipresente, é intruso e faz julgamentos ou comentários e os momentos em que deliberadamente não fornece explicações, oferecendo lacunas para o leitor preencher e oportunidades de reflexão. "A ausência proposital de precisões é um meio seguro de programar o efeito de uma narrativa. O texto fala tanto pelo que diz como pelo que não diz" (Marguerat; Bourquin, 2009, p.157). João Leonel enfatiza que o narrador do Evangelho de Mateus tem o objetivo de "tornar o texto mais interpretativo e menos explicativo" (2013, p.89). Estar fora do texto permite que o narrador se empenhe mais no convencimento de seus leitores: não sendo participante da história, possui melhor condução do objetivo da narrativa.

Nos primeiros dois capítulos, a presença e opinião do narrador é bem mais evidente, visto que pretende estabelecer a importância do protagonista e direcionar a leitura da narrativa nesse momento. A decisão, como já mencionamos, de colocar, não a verdadeira descendência paterna de Jesus (já que afirma que foi gerado pelo Espírito Santo), e sim, a sucessão real de Israel, demonstra o julgamento do próprio narrador acerca da identidade do protagonista. Afirmar que José era justo (Mt 1.19) no sentido de fiel a Deus também é uma opinião pessoal sua. E o comentário sobre

o significado de Emanuel em Mt 1.23, "que quer dizer: Deus conosco", também foi um acréscimo próprio. O narrador revela também que o rei Herodes "tendo chamado secretamente os magos" (Mt 2.7) questionou sobre Jesus.

Vejamos alguns exemplos de sua onisciência e onipresença. Em Mt 3.1, quando Jesus é batizado por João Batista, apenas os dois estão no rio Jordão e o narrador descreve a cena para mostrar que não era um batismo comum, mas de uma pessoa extraordinária: "Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. "Quando Jesus é tentado por Satanás no deserto, a primeira tentação refere-se a uma fraqueza física do ser humano, a fome. O narrador relata que Jesus não cedeu à tentação e, novamente, tem uma informação que demonstra a grandeza do herói, o tempo que estava sem comer: "E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome" (Mt 4.2). Em Mt 26.38-39, Jesus está prestes a ser crucificado e o narrador, desejando mostrar toda a angústia do momento, dá voz ao protagonista que está só: "Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres". Nessas passagens, o narrador em terceira pessoa, que conta a história de fora do texto, oferece informações sobre circunstâncias e personagens que tornam o enredo mais claro para o leitor.

Marguerat e Bourquin dizem que é raro o narrador dos textos bíblicos se colocar à frente:

Tradicionalmente, o narrador bíblico se esconde atrás de suas palavras; permanece como o servidor que se retira para trás dos fatos que expõe. Mas a análise narrativa nos dá a oportunidade de constatar que essa reserva explícita do narrador não o impede de estar tremendamente presente através da estratégia narrativa que ele desenvolve. (2009, p.21)

Como já dissemos, todos os elementos de uma biografia greco-romana convergem para o herói durante a narrativa. João Leonel acredita que o fato de o narrador colocar-se propositalmente em segundo plano seja justamente para "ao assumir esse papel, [...] dar destaque à pessoa de Jesus Cristo" (2011, p.78).

A narrativa bíblica, em geral, e também o evangelho de Mateus reservam pouquíssimo espaço para a descrição dos sentimentos das personagens. Entendemos que, além de ser uma característica da biografia greco-romana deixar

que as personagens se revelem por suas falas e ações, a observação da emoção e da psicologia humana não era um costume da Antiguidade.

Alter fala sobre o reduzido número de indicações de sentimentos, aspectos físicos e trejeitos:

todos aqueles sinais de uma individualidade matizada a que a tradição literária ocidental nos habituou – sobretudo no romance moderno, mas também nas epopeias e histórias romanescas [romances] da literatura grega – parecem estar ausentes da Bíblia (2007, p. 174).

Em algumas situações, o leitor moderno pode sentir falta da descrição dos sentimentos para poder ver no texto suas próprias emoções, mas ao mesmo tempo, o silêncio provoca a necessidade de uma parada na leitura para que o leitor avalie sua posição em relação àquela circunstância. É o caso da morte de João Batista. Jesus tem uma admiração especial por João Batista a ponto de dizer: "Em verdade vos digo: entre os nascido de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista" (Mt 11.11). Herodes, para satisfazer um capricho, ordena que João Batista seja decapitado no cárcere e sua cabeça entregue num prato à filha de sua amante. O narrador encerra a história: "Então, vieram os seus discípulos, levaram o corpo e o sepultaram; depois, foram e o anunciaram a Jesus" (Mt 14.12). O leitor não sabe, em primeiro lugar, o porquê de não chamar Jesus para o sepultamento, como lhe contaram sobre a morte de João Batista, nem qual foi sua reação. Cabe ao leitor responder.

Aspecto muito importante para a formação do mundo construído pela narrativa e para a inserção do leitor nesse ambiente é a estrutura da narrativa, a forma como é organizada. O Evangelho de Mateus é constituído por blocos narrativos e blocos discursivos que se alternam e se completam: processo que exige a atenção do leitor para encontrar as ligações entre os blocos. Interessante o comentário de Anatol Rosenfeld, em *A Personagem de Ficção*, sobre o romance moderno, mas que se ajusta ao evangelho de Mateus: "A narração para não se tornar mera descrição ou em relato, exige, portanto, que não haja ausências demasiado prolongadas do elemento humano (2011, p.28)".

Se nas narrativas, a presença do narrador mateano já é mínima, nos discursos, ele "abdica do primeiro plano narrativo e transfere a palavra a Jesus, passando a exercer uma mediação diminuta", ensina João Leonel (2013, p.79). Nos discursos, o narrador não é mais onisciente; o protagonista tem o maior

conhecimento. O leitor tem, então, a responsabilidade de avaliar as afirmações do protagonista. A quantidade de discursos de Jesus reforça a ideia de seu desejo de ensinar, instruir não apenas seus discípulos, mas as multidões que o seguem também.

Na *Bíblia de Estudo de Genebra*, na introdução ao evangelho de Mateus, resume assim a estrutura do evangelho: "As sessões narrativas estão relacionadas primeiramente com a pergunta 'Quem é o rei?' O material discursivo tende a dar ênfase ao povo do Rei." (2014, p.1228)

A observação dos blocos narrativos e discursivos nos faz concordar com essa distinção, sempre ressaltando que todo o evangelho converge para Jesus e que os blocos discursivos tanto pelo uso do tempo presente quanto do pronome da primeira pessoa do singular aproximam o leitor e o colocam mais inserido no enredo. Tomando como base a organização do evangelho sintetizada por João Leonel (2013, p.76), temos:

- Cp. 1-4: Narrativas: genealogia, nascimento e início do ministério
- Cp.5-7: Discursos: sermão do monte : ensinamentos e instruções
- Cp.8-9: Narrativas: milagres e ensinamentos
- Cp.10: Discurso: escolha dos doze discípulos e instruções
- Cp.11-12: Narrativas: ensinamentos e milagres
- Cp.13: Discursos: parábolas e explicações das parábolas
- Cp.14-17: Narrativas: milagres, ensinamentos e início da preparação dos discípulos para sua morte e ressurreição
- Cp.18: Discursos: sermões e parábolas sobre o povo de Deus
- Cp.19-23: Narrativas: ensinamentos, milagres, parábolas
- Cp. 24-25 : Discurso: sermão profético
- Cp. 26-28: Narrativas: paixão: julgamento, morte e ressurreição de Jesus

As narrativas abrangem tanto as ações quanto os diálogos, sendo estes mais importantes para o narrador mateano, como afirma Alter: "A preferência bíblica pelo discurso direto é tão evidente que o pensamento é quase sempre falado, isto é, apresentado como citação de um monólogo interior" (2007, p.108). É dessa forma que o pensamento é apresentado neste trecho: "E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada" (Mt 9.20-21). A forma mais próxima da mimesis, o discurso transcrito

(Marguerat ; Bourquin, 2009, p.88) apresenta-se como a preferida do narrador do evangelho de Mateus, e que traz aos leitores uma ilusão referencial, uma aproximação.

Robert Alter destaca três tipos de funções gerais cumpridas pela narração entremeada com o diálogo.

a) Descrever ações essenciais para o enredo:

Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo modo algum que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de entrareis no reino dos céus. (Mt 18.2-3)

b) Comunicar dados secundários:

Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.(MT 26.3-5)

c) Repetir, confirmar, subverter ou focalizar afirmações de personagens. (2007, p.121):

Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! (Mt 27.24)

O evangelho de Mateus, organizado em blocos narrativos que relatam acontecimentos e diálogos e blocos discursivos que apresentam os sermões de Jesus, trata da pessoa e dos ensinamentos de Jesus que se confundem e se explicam. A narrativa mescla os ensinamentos, milagres e sermões repetidamente expondo o objetivo de Jesus de ensinar sobre o evangelho do reino, seja através de suas perguntas e respostas, seus discursos ou seus milagres. Suas ações e palavras revelam sua identidade: o Messias.

O início do ministério de Jesus está em Mateus 4.17: "Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus." A expressão "daí por diante" marca o início da vida pública de Jesus e, desse momento em diante, os ensinamentos, milagres e discursos se sucedem, revelando sua missão e identidade que são uma unidade.

João Leonel analisa a forma como o protagonista é apresentado pelo narrador de Mateus que:

opta em revelar o personagem central não mediante comentários autoritativos, que seriam mais objetivos no nível cognitivo para os leitores, mas através de ações, que se constituem no nível mais baixo de informação, uma vez que delegam ao leitor a responsabilidade de avaliar o que é dito [...]. (2013, p.86)

Concluimos que a presença do narrador mateano, muitas vezes pouco perceptível, na verdade, está ininterruptamente favorecendo a posição central do protagonista e, com isso, sua proximidade com o leitor. Além disso, ao ceder a voz a Jesus em tantos blocos discursivos, essa estratégia do narrador demanda a participação do ouvinte/leitor na construção de sentido desses discursos.

4.3 Tempo e Cenário

Jesus é o centro do evangelho e a pregação do reino, o foco do ensino messiânico. Tempo e cenário colaboram com a narrativa tanto no aspecto mimético, já que apresentam a cronologia da história e lugares reais, quanto, carregam diferentes significados para o enredo.

No evangelho de Mateus, a passagem do tempo e os espaços geográficos suplantam seus referenciais e o narrador os utiliza para a construção do sentido do texto. Como podemos confirmar no Guia Literário da Bíblia:

É que simplesmente as relações espaciais e cronológicas dentro dos textos bíblicos sempre têm significado simbólico, correspondam ou não à realidade como comumente compreendida. A padronização é determinada por considerações estético-literárias e não por fatos históricos ou geográficos. (1997, p.621)

Tratemos primeiramente do referencial temporal no evangelho de Mateus e como o narrador o usa a favor do sentido do texto.

O tempo psicológico, pertencente ao nível subjetivo, é utilizado pelo narrador para que o leitor conheça melhor as personagens por meio da exposição de sua memória, imaginação, sonhos e devaneios. Já vimos como o narrador onisciente intruso relata sonhos e pensamentos das personagens com o objetivo de esclarecer as motivações para suas ações. O evangelho apresenta flashbacks por meio de sua intertextualidade com o Antigo Testamento como nesta passagem de Mt 13.40: "Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra". A

narrativa também projeta flashforwards ao apresentar o reino: "E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus " (Mt 24.31).

A narrativa de Mateus não apresenta um esquema cronológico bem definido: a sucessão dos eventos não oferece uma razão temporal e sim, temática; a não ser, no final, quando o passar do tempo é fundamental para engajar o leitor na caminhada para o clímax da história com a prisão, julgamento, crucificação, morte e, finalmente, ressurreição de Jesus.

O tempo cronológico ausente, vago, ou um pouco mais determinado e a velocidade mais acelerada ou mais lenta que o narrador impõe ao texto provocam reações diferentes no leitor e exigem atitudes diferenciadas como imaginar, preencher os brancos, identificar-se com a situação, refletir. João Leonel em *Bíblia, Literatura e Linguagem*, diz: "Se a rapidez convida o leitor a preencher sentidos, a lentidão o leva a refletir. Se a rapidez o faz "imaginar", a lentidão o chama para o "diálogo" (2011, p.118).'

O evangelho de Mateus apresenta uma narrativa dinâmica e acelerada do capítulo 1 ao 4 como preparação para o Sermão do Monte no capítulo 5, quando há diminuição da velocidade e o narrador concede a voz ao protagonista, sem interrupção, por três capítulos.

No primeiro capítulo, por exemplo, a narrativa é bem acelerada: a genealogia de Jesus que abrange um grande período de tempo, 42 gerações, ocorre em poucos parágrafos. O narrador cita uma sucessão de nomes e a única indicação cronológica é também geográfica: " tempo do exílio na Babilônia" que repete três vezes: Mt 1. 11, 12, 17. Acerca das repetições no, Alter reflete longamente e esclarece que o que pode parecer uma característica primitiva, na verdade, é uma convenção fundamental para o desenvolvimento temático ¹³ (2007, p.137,143).

¹³Alter afirma que a linguagem nas narrativas bíblicas é um componente integral e dinâmico. Propõe uma escala de recursos repetitivos de estruturação e focalização, em ordem crescente de complexidade:

1. Leitwort. A raiz lexical é explorada por meio de abundante repetição. Sinônimos e antônimos, por exemplo.
2. Motivo. Repetição de uma imagem concreta, de uma qualidade sensorial, de uma ação ou objeto.
3. Tema. Uma ideia que faz parte do sistema de valores do relato. O exílio e a Terra Prometida, por exemplo.
4. Sequência de ações. Três repetições consecutivas ou três e mais uma geralmente terminando num clímax ou numa inversão.
5. Cena-padrão. Episódio que se desenvolve em um momento crucial da trajetória do herói e que se compõe de uma sequência fixa de motivos. A anunciação do nascimento do herói, por exemplo. (2007, p.147-148)

O emprego de uma expressão que engloba tempo e cenário no primeiro capítulo - "no tempo do exílio na Babilônia" - aponta para uma tendência da narrativa: essas categorias mostram-se inseparáveis em várias ocasiões na narrativa. O que nos faz lembrar do conceito de cronotopo de Bakhtin, formado pelas palavras gregas *crónos* (tempo) e *tópos* (espaço): "Figura-se o mundo por meio de cronotopos, que são uma ligação entre o mundo real e o mundo representado, que estão em interação mútua" (FIORIN, 2011, p.133-134).

Vejamos alguns exemplos que mostram "a interligação fundamental das relações espaciais e temporais" como define Fiorin (2010, p.134), em alguns trechos do evangelho de Mateus: Jesus ensina nas sinagogas e cura toda sorte de doenças e enfermidades quando "percorria toda a Galileia" (Mt4.23) e cura o criado de um centurião "tendo entrado em Cafarnaum" (Mt 8.5). Em Mt 9.37, temos "seara" como uma metáfora para o fim do tempo das atividades de Deus¹⁴, então, um espaço, a seara é metáfora para uma referência temporal: "A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos". Em Mt 10.14-15, "Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade", o espaço geográfico também remete ao tempo em que Deus fez chover enxofre e fogo sobre todas as pessoas de cidades culpadas de muitos delitos (Gn19.24).

O fato de não haver datas na narrativa também a aproxima do leitor, já que não fixa a história num tempo passado: é possível uma identificação com o acontecimento, com as reações das personagens e uma reflexão sobre o assunto. A falta de delimitações de tempo torna o ensino de Jesus atemporal.

Destacamos algumas expressões temporais incertas para eventos importantes na narrativa: Jesus nasce "em dias do rei Herodes" (Mt 2.1); Jesus foi batizado "por esse tempo" (3.13); cura toda sorte de doenças e enfermidades quando "percorria toda a Galileia" (Mt 4.23); "por aquele tempo", "E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam" (Mt 13.54); Jesus indica quem o trairá "chegada a tarde" (Mt 26.20).

A aceleração da narrativa também é obtida por meio de sumários em que o narrador apresenta o local da atividade e o sucesso do trabalho missionário, sem detalhar cenas. Em *As Formas Literárias do Novo Testamento*, Klaus Berger define

¹⁴ Mt 9.37-38 - seara. "Muitas vezes uma metáfora para o fim do tempo das atividades de Deus. Que a seara seja "grande" indica que não se está se referindo ao tempo da colheita, mas à colheita da seara.

sumários não como abreviações e, sim como a transmissão da "plenitude decisiva da ação. Eles formam a base da narração, da qual cenas específicas se levantam" (1998, p.299). Os vários sumários da narrativa também a aceleram e, apesar de a passagem do tempo ser identificada por meio de ações que se sucedem, esse tempo não é determinado, como podemos notar:

Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam. (Mt 4.23-25)

Esse sumário, que trata da missão bem-sucedida do herói, é ratificado pelo Sermão do Monte logo adiante (Mt 5-7). O sermão pode ser visto como um exemplo específico que apresenta as multidões e os discípulos de Jesus ouvindo seu longo discurso e mostrando uma reação totalmente positiva ao final do ensino: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina" (Mt 7.28).

Neste outro sumário, o narrador compara as multidões "como ovelhas que não têm pastor" e, em seguida, Jesus apresenta os nomes dos doze apóstolos e lhes dá autoridade sobre "espíritos imundos para os expelir e curar toda sorte de doenças e enfermidades" (Mt 10.1-4). Isto é: coloca os apóstolos como pastores para essas ovelhas

E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doença e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. (Mt 9.35-36)

A estratégia de usar um advérbio de tempo mais preciso é usada quando o narrador deseja enfatizar um ponto de tensão da história ou chamar a atenção do leitor para a referência temporal da ação.

Em Mt 16.21, por exemplo, "*desde esse tempo*, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém [...] ser morto e ressuscitado *no terceiro dia*" (grifo nosso). O narrador coloca duas indicações temporais e o leitor sente a preparação para uma tensão no enredo. No capítulo seguinte, a narrativa continua: "*Seis dias depois*, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular a um alto monte" (Mt 17.1. grifo nosso). Um número exato de dias e um monte, local desde o Antigo

Testamento estabelecido como de adoração e encontro com Deus, indicam um momento de tensão na narrativa: Jesus é transfigurado diante dos discípulos, seu rosto resplandece como o sol.

Em Mt 12, os fariseus acusam injustamente os discípulos de estarem trabalhando no sábado, contrariando a lei mosaica: "Seis dias trabalhareis, mas o sétimo será o sábado do descanso solene, santa convocação; nenhuma obra fareis; é sábado do SENHOR em todas as vossas moradas" (Lv23.3). A acusação é injusta já que estão com fome e colhem espigas para se alimentarem. O foco da narrativa é o sábado, então, o texto começa "por aquele tempo, em dia de sábado". Nesse trecho, o foco do ensino de Jesus é justamente acerca do sábado, sendo assim, imprescindível estabelecer que a narrativa acontece nesse mesmo dia.

O ritmo da narrativa diminui quando o narrador deseja dar tempo para que o leitor reflita sobre o texto: é o que acontece nos blocos discursivos. A desaceleração da narrativa acontece do capítulo 5 ao7 quando Jesus faz o Sermão do Monte. O trecho se encerra com um sumário que revela a reação dos ouvintes que permaneceram atentos por tanto tempo, ouvindo e refletindo , sem interromper o protagonista. O leitor é convidado a fazer o mesmo: pensar sobre o que acabou de ser dito. "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28-29). João Leonel pergunta: "serei eu também um deles?", "como posso me enquadrar nessa descrição?" (2011, p.118).

Nos últimos capítulos do evangelho, a dramaticidade aumenta e o narrador apresenta toda uma série de eventos que levam ao clímax e desfecho do enredo. Os intervalos de tempo entre esses eventos são importantes e colaboram com a tensão que se instala e as referências temporais aumentam de maneira significativa.

O capítulo 26 inicia com Jesus revelando aos discípulos a data de sua morte: "Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado" (v.2). E continua: "O meu *tempo* está próximo" (v.18, grifo nosso), isto é, sua morte e ressurreição ; "*Esta noite*, todos vós vos escandalizareis comigo" (v.31, grifo nosso) ; "*nesta mesma noite, antes que o galo cante*, tu me negarás três vezes" (v.34, grifo nosso), falando com Pedro; "Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias" (v.61), referindo-se à sua ressurreição três dias após sua morte.

No capítulo 27, a tensão e dramaticidade aumentam e a estratégia de mostrar a cronologia dos fatos prende o leitor à narrativa: "Ao romper o dia", há o julgamento de Jesus (v.1); "Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra" (v.26). O número de horas mostra a longa agonia e sofrimento de Jesus na cruz; "Por volta da hora nona", ele clama por Deus em alta voz (v.46); "No dia seguinte, que é o dia depois da preparação", sacerdotes e os fariseus lembram a Pilatos que Jesus disse: "Depois de três dias ressuscitarei" (v.62-63).

No último capítulo, 28, temos no primeiro versículo, a ressurreição de Jesus: "No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro". Interessante notar as antíteses findar/entrar, último dia da semana/primeiro dia da semana que abrem caminho para uma série de outras para reforçar a ideia de transformação como Frye descreve "esta concepção de dois níveis, um de tempo e espaço e outro de 'eternidade' acima, faz da ressurreição no Novo Testamento a ascensão de um mundo de morte para um mundo de vida" (2004, p.100). Essa primeira antítese sugere uma série de outras axiologias: fim/começo, morte/vida, passado/futuro que traduzem os sentimentos contraditórios que cercaram toda a vida de Jesus e sua ressurreição em especial.

O exame do tempo como elemento da narrativa no evangelho de Mateus revela como passado, presente e futuro se entrelaçam, se completam e se explicam, praticamente sem definição de datas ou períodos de tempo. Durante toda a narrativa, a pregação de Jesus sobre o reino dos céus aponta para o presente, passado e futuro: o arrependimento, o início de uma nova vida, a segunda vinda de Jesus e o dia do juízo final. E no último versículo do evangelho, novamente o narrador dá voz ao protagonista que declara: "E eis que estou convosco *todos os dias até à consumação do século.*"(v.20) Jesus está vivo ("estou convosco") e o tempo torna-se um só: passado, presente e futuro: as profecias do Antigo Testamento falam de um messias, Jesus vem e mostra ser o Filho de Deus e está com os que nele acreditam até o fim.

Flávio Aguiar, tradutor de *Código dos Códigos*, no posfácio, resume a importância do tempo como tema na Bíblia:

A Bíblia tem por tema principal o tempo, e o tempo futuro. Nossa vida tem um destino, que é o julgamento final; essa viagem ainda não terminou; mas a Bíblia baliza o caminho, do começo ao fim. Estamos sempre em julgamento; portanto o tempo humano na Bíblia é sempre o aqui e o agora. Mas este aqui e agora está em contato permanente com a transcendência, com a eternidade. (2004, p.273)

Observemos, agora, a função do cenário no evangelho de Mateus. O cenário, além de conferir concretude ao texto por meio dos locais geográficos existentes ou conhecidos até hoje, tem como principal função, estabelecer oposições: lugares sagrados/profanos, cidades judias/gentias, locais de aceitação/rejeição de Jesus.

Jesus percorre uma extensa trajetória de idas e vindas entre várias cidades, sempre seguido por seus discípulos e pelas multidões. Northrop Frye comenta que "o próprio Messias era um errante e o Cristianismo não se centrava em Jerusalém do mesmo modo que o fazia o Judaísmo" (2004, p.194).

Vejamos um resumo da vida errante de Jesus:

Belém da Judeia - nascimento - Mt 2.

Egito - fuga da família - Mt 2.13.

Israel - volta da família - Mt 2.20.

Nazaré - família fixa moradia - Mt 2.23.

Rio Jordão - batizado por João Batista - Mt 3.19.

Deserto - tentado por satanás - Mt 4.1.

Galileia, Cafarnaum nos confins de Zebulom e Naftali - Jesus fixa moradia - Mt 4.12.

Galileia - ensino nas sinagogas, pregação do evangelho do reino e cura de doenças - Mt 4.23.

Monte - sermão das bem-aventuranças - Mt 5.1.

Desce do monte - cura de um leproso - Mt 8.1.

Cafarnaum - cura do criado de um centurião - Mt 8.5.

Casa de Pedro - cura da sogra - Mt 8.14.

Em um barco, no mar - acalma tempestade - Mt 8.24.

Na outra margem - cura de dois endemoniados gadarenos - Mt 8.28.

Cafarnaum - cura de um paralítico - Mt 9.1.

Casa de jairo - ressuscita sua filha - Mt 9.23.

Cidades dos discípulos - ensino e pregação - Mt 11.1.

Searas - ensino - Mt 12.1.

Sinagoga dos fariseus - cura do homem com a mão ressequida - Mt 12.9.

À beira-mar - parábolas - Mt 13.1.

Nazaré - ensino nas sinagogas - Mt 13.53.

Lugar deserto - multiplicação de pães e peixes - Mt 14.13.

Mar - Jesus anda sobre o mar - Mt 14.25.

Genesaré - enfermos se curam ao tocarem as vestes de Jesus - Mt 14.34.

Lados de Tiro e Sidom - cura filha endemoniada de mulher cananea - Mt 15.21.

Mar da Galileia, sobe ao monte - curas - Mt 15.29.

Junto ao mar da Galileia - multiplicação de pães e peixes - Mt 15.32.

Lados de Cesareia de Filipe - Pedro confessa ser Jesus o "Filho do Deus vivo" - Mt 16.13.

Monte - leva Pedro, Tiago e João e é transfigurado - Mt 17.1.

Desce do monte - cura de um jovem possesso - Mt 17.19.

Cafarnaum - ensino - Mt 17.24.

Judeia - curas - Mt 19.1.

Jericó - cura de dois cegos - Mt 20.29.

Templo - expulsa vendedores - Mt 21.12.

Templo - cura de cegos e coxos - Mt 21.14.

Cidade - ensino sobre fé aos discípulos - Mt 21.18.

Templo - debate com sacerdotes e anciãos - Mt 21.23.

Monte das Oliveiras - ensino aos discípulos - Mt 24.3.

Betânia, na casa de Simão, o leproso - mulher o unge com bálsamo - Mt 26.6.

À mesa com os discípulos - ceia - nova aliança - Mt 26.20.

Getsêmani - Jesus ora e pede a seus discípulos que orem - Mt 26.36.

Casa de Caifás, perante o Sinédrio¹⁵ considerado "réu de morte" - Mt 26.57.

Pretório¹⁶ - soldados preparam Jesus para a crucificação - Mt 27.27.

Gólgota, que significa Lugar da Caveira - Jesus é crucificado, morto e colocado em seu túmulo - Mt 27.33.

Monte na Galileia, em Jerusalém Mt 28.16 - encontro com os discípulos

e último ensino - Mt 28.19: "Ide, portanto, fazei discípulos de *todas as nações*, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (grifo nosso).

Tratemos mais detalhadamente dos simbolismos dos cenários e sua relação com o enredo.

¹⁵ Conselho supremo dos judeus em Jerusalém, composto de sacerdotes, anciões e escribas o qual tratava e decidia os assuntos de Estado e de religião. Michaelis, 2000: moderno dicionário da língua portuguesa - RJ: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000.

¹⁶ tribunal do magistrado encarregado da administração da justiça. Michaelis, 2000: moderno dicionário da língua portuguesa - RJ: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000.

Jesus nasce em Belém que estava predestinada a ser a cidade do "Guia" (Mt 2.6). Por outro lado, o rei Herodes juntamente com os principais escribas e sacerdotes e "toda a Jerusalém" temem a chegada do "rei dos judeus" (Mt 2.2). Essas duas cidades não são apenas representações geográficas e, sim, o estabelecimento da antítese rejeição/aceitação: esses serão os significados das duas cidades por todo o evangelho de Mateus. A família foge para o Egito (Mt 2.13), outra profecia de Jeremias 31.15, volta para Israel (Mt 2.20) e decide morar em Nazaré (Mt 2.2): "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas, Ele será chamado Nazareno".¹⁷ Jesus vai ao rio Jordão para ser batizado (Mt 3.13) e ao deserto para ser tentado (Mt 4.1). Volta para a Galileia, para morar em Cafarnaum nos confins de Zebulom e Naftali (Mt 4.12); junto ao mar da Galileia, chama seus primeiros discípulos: Pedro e André, pescadores (Mt 4.18) e da Galileia, Decápolis, Jerusalém Judeia e além do Jordão, Jesus ensina nas sinagogas, prega o evangelho do reino e cura doenças (Mt 4.25).

Cabem aqui duas observações. Jesus é batizado por João Batista nas águas do rio Jordão, vai ao deserto para ser tentado por Satanás e começa seu ministério na Galileia chamando seus primeiros discípulos. Podemos considerar os dois primeiros eventos como a preparação para o início do ministério de Jesus. A antítese, rio/deserto, batismo/tentação, Espírito Santo/Satanás é um ponto de identificação de Jesus com seus seguidores e também descreve seu ministério conturbado e mal-entendido. Conforme o *Guia Literário da Bíblia*, o deserto, "o Outro Mundo das coisas sagradas" geralmente indica uma situação anormal/mítica/sagrada, em oposição a uma situação normal/de mundo real/profana (1997, p.628). Toda a narrativa do deserto foi de uma situação anormal: o jejum de 40 dias, o diálogo com Satanás e a refeição preparada pelos anjos. Outro aspecto que merece destaque novamente, é a maneira como nessas passagens, tempo e cenário se associam para a construção de sentido. A tentação de Jesus e seu intenso ministério na Galileia apresentam uma relação com o passado: os 40 dias no deserto certamente lembram os 40 anos no deserto do povo de Israel; o sofrimento de Jesus já no início do seu ministério e, ainda por cima, em uma região de gentios, remete a profecias de Isaías: "homem de dores e que sabe o que é

¹⁷ Na verdade, "o Antigo Testamento não tem nenhum versículo que corresponda exatamente a esse", como salienta a Bíblia de Genebra (2014, p.1231), porém, sendo Nazaré uma cidade considerada insignificante, o fato do surgimento de Jesus se dar lá condiz com sua descrição de humildade.

padecer [...]" 53.3 e " Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim [...]" 56.6 .

Edmund Leach, antropólogo, chega mesmo a afirmar no *Guia Literário da Bíblia* que "[...] simplesmente as relações espaciais e cronológicas dentro dos textos bíblicos sempre têm significado simbólico, correspondam ou não à realidade como comumente apreendida" (1997, p.622).

O deserto, o mar da Galileia e as margens do mar voltam à narrativa diversas vezes como cenário de pregações, ensinamentos e curas. Jesus cruza o mar diversas vezes, então, a antítese deserto/água percorre toda a narrativa do evangelho. Notemos também a série de pessoas de grupos diferentes com as quais Jesus fala. Em Mt 8.18, ordena que passem para a outra margem, e conversa com um escriba; chega a outra margem e fala com dois endemoniados de Gadara, outra área predominantemente gentia (Mt 8.28); sai de casa, à beira-mar, em Cafarnaum, habitada por pagãos, e conta parábolas para seus discípulos e uma multidão que o segue (Mt 13.1); de barco, vai para um lugar deserto, cura enfermos e multiplica alimentos em Mt 14.13; em Mt 14.25, anda sobre o mar para se encontrar com seus discípulos; já do outro lado da margem, em Mt 14.34, chega a Genesaré, e cura enfermos. A missão de Jesus não está restrita a um local e nem a um determinado grupo de pessoas. Esse é um dos pontos que causa desconfiança e discriminação contra Jesus.

Outro cenário constante na narrativa é a figura do monte. Desde o Antigo Testamento, os lugares altos são os espaços prediletos para adoração, já que Deus habita no céu, então as montanhas são as superfícies terrenas mais próximas do reino celestial: "Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos" (Is 2.2). Temos, então: em Mt 4.8, Satanás leva Jesus a "um monte muito alto" para que ele o adore; Jesus profere o Sermão do Monte sobre as bem-aventuranças (Mt 5.1); desce do monte (Mt 8.1) para curar o leproso; sobe ao monte para orar sozinho em Mt 14.23; leva Pedro, Tiago e Simão a um monte onde ocorre a transfiguração (Mt 17.1); desce do monte e cura um jovem possesso (Mt 17.9); no Monte das Oliveiras, as multidões clamam: "Hosana ao Filho de Davi!" (Mt 21.1); nesse mesmo monte, ensina aos discípulos sobre a consumação do século (Mt 24.3) e encontra seus discípulos para o último ensino em um monte na Galileia (Mt 28.16).

Por fim, destacamos as ocasiões em que Jesus ensina, cura e convive com as mais diversas pessoas em locais fechados: na Galileia, ensina nas sinagogas (Mt 4.23); na casa de Pedro, cura sua sogra (Mt 8.14); em sua casa, à mesa (símbolo maior de intimidade), come com republicanos e pecadores e seus discípulos (Mt 9.10); vai até a casa de Jairo, um rico chefe e ressuscita sua filha (Mt 9.23); ensina nas sinagogas de todas as cidades e povoados (Mt 9.35); cura do homem da mão ressequida na sinagoga dos fariseus (Mt 12.9); volta para casa com seus discípulos e explica parábola (Mt 13.36); ensina na sua sinagoga em Mt 13.5; no templo, expulsa vendedores e derruba mesas e cadeiras dos cambistas em Mt 21.12; debate com sacerdotes e anciãos no templo (Mt 21.23); na casa de Simão, o leproso, mulher o unge com bálsamo (Mt 26.6); em casa, à mesa com os discípulos, estabelece a ceia, a nova aliança (Mt 26.20); na casa de Caifás, o sumo sacerdote, escribas e anciãos julgam e condenam Jesus (Mt 26.57) e em Mt 27.27, Jesus, no pretório, perante toda a coorte, é preparado pelos soldados e levado para ser crucificado.

O evangelho de Mateus começa em Jerusalém e ao mesmo tempo com a genealogia traz diversas outras localidades para a história, apresenta os magos do Oriente, Jesus nasce em Belém, a família foge para o Egito e, finalmente, se estabelece em Nazaré. Da mesma maneira, a história termina em Jerusalém, porém com Jesus falando sobre sua autoridade "no céu e na terra". pedindo aos discípulos que façam discípulos "de todas as nações" (Mt 28. 18-19). Carter comenta que a "arena e audiência-alvo são todas as nações.[...] Uma missão para todo o mundo habitado, judeu e pagão, é considerada" (2002, p.681).

Bridgeman em *The Cambridge companion to narrative* fala sobre a função das referências temporais e espaciais:

O tempo e o espaço são muito mais do que elementos de pano de fundo em uma narrativa; são parte de seu tecido influenciando nosso entendimento básico da narrativa e dos protocolos de diferentes gêneros de narrativas. Influenciam profundamente a maneira pela qual construímos imagens mentais do que lemos. [...] Nosso senso de clímax e resolução, de complicações e resoluções, as metáforas para as trajetórias que os enredos percorrem são construídas por padrões espaço-temporais. Nossa consciência como leitores de tempo e espaço não é igual e nem constante. Nossa ligação emocional com a narrativa geralmente está vinculada a parâmetros temporais (tédio, suspense) ou espaciais (segurança, claustrofobia, medo do desconhecido), frequentemente por meio da empatia com a experiência do protagonista e seu mundo (2007, p.52, 62, tradução nossa).

À medida em que a narrativa avança, os cenários adquirem significados para o leitor do evangelho de Mateus:

as sinagogas dos fariseus - local de confronto;

a sinagoga de Jesus - local de ensinamento;

Jerusalém - cidade de oposição a Jesus e sua comunidade;

Belém - cidade de aceitação de Jesus e sua comunidade;

montanhas e montes - reino, lugar para onde Jesus se retira para orar, estar com Deus;

Cananeia, Galileia - terra dos gentios que acolhe Jesus

Deserto - remete ao Antigo Testamento, êxodo, lugar de provação.

Mar da Galileia - longe do centro poderoso, local de transição da morte e escuridão para luz e vida

Barco - a comunidade de Jesus

Repetimos, então, que tempo e cenário no evangelho de Mateus se estendem além de referências temporais e espaciais para agregarem sentido ao texto e confirmarem que o reino sobre o qual Jesus fala não se restringe a apenas algumas épocas ou locais, e sim, a todas as nações, todos os dias, até à consumação do século.

4.4 Personagem

Se o narrador pode ser considerado o elemento mais importante da narrativa por ser o responsável por trazer a história até o leitor, as personagens são o elo de ligação entre o enredo e o leitor. Marguerat e Bourquin tratam da indissolubilidade entre enredo e personagem e definem "Os personagens são a face visível do enredo: eles o suscitam, alimentam e vestem; sem eles o enredo fica reduzido ao estado de esqueleto" (2009, p.76).

O leitor se identifica ou sente repulsa pelo comportamento, atitude e discurso das personagens, certamente, sob a manipulação do narrador, e esse sentimento o aproxima da história. Antonio Candido em *A Personagem de Ficção* define, assim, esta identificação que o leitor tem com a personagem e sua história:

No meio deles (o enredo e a personagem e as ideias que representam seu significado), avulta a personagem, que representa a possibilidade de

adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência, etc. A personagem vive o enredo e as ideias e o torna vivos.(2011, p.54)

A aceitação ou repulsa que o leitor sente pelas personagens, guiadas pelo narrador, podem ser melhor analisadas tendo em mente os tipos de interação que acontecem, com Erik Landowski descreve: assimilação (conjunção), exclusão (disjunção), admissão (não-disjunção) e segregação (não-conjunção). Esses conceitos se referem às possibilidades de interação de uma identidade em relação a uma alteridade (Landowski, 2002, p. 5 et seqq.). O leitor, quando se depara com uma personagem que apresenta um comportamento, pensamento, diferente do seu, pode ter uma dessas reações. Não só no mundo da linguagem, quanto no mundo real também.

Jesus é o protagonista do evangelho de Mateus e, não somente isto, é o centro da história e, como já dissemos, todos os elementos da narrativa convergem para o herói dessa biografia greco-romana. As personagens também fazem parte do enredo para revelar a índole, motivações e razões para as atitudes de Jesus. Marguerat e Bourquin afirmam que "o personagem não existe em si mesmo, mas em sua relação com a figura central da narrativa" (2009, p. 83). Esse deve ser o foco ao observarmos as personagens do evangelho: qual a sua relação com Jesus? o que revelam sobre Jesus neste trecho?

O evangelho de Mateus coloca Jesus como exemplo a ser seguido, como já vimos em detalhes em 2.1 Particularidades. O caráter do protagonista, sua essência divina, é revelado por meio de seus atos e falas, de sua relação com outras pessoas.

Jesus age de forma totalmente nova e alternativa para a época e para aquela comunidade. Em seu sermão do monte (Mt 5.1-12), especifica as pessoas bem-aventuradas: os humildes de espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome de justiça, os misericordiosos, os limpos de coração, os pacificadores, e os perseguidos.

O narrador usa duas estratégias para mostrar a receptividade de Jesus para com todas as pessoas que sofrem preconceitos: generaliza as pessoas e as trata por "multidões" ou "todos" , mostrando que o protagonista não rejeita pessoa alguma ou as especifica e causa comoção por sua tolerância:

Trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. (Mt.4.24)

Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; (Mt. 10.32)

Muitos o seguiram, e a todos ele curou. (Mt. 12.15)

E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos. Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. (Mt 9.10-12)

E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã. (Mt 9.20,22)

E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado. (Mt17.18)

Muito importante também para que o leitor possa desvendar a personalidade do protagonista, é o fato de Jesus não ser apresentado sozinho: ele está acompanhado pelos seus discípulos.

Overman salienta que em especial no evangelho de Mateus, os discípulos permanecem "com Jesus" para serem instruídos e "sua função é instruir pessoas nas normas da comunidade e do Reino" (1997, p.129). Os discípulos são protótipos dos seguidores de Jesus: não são perfeitos, têm dúvidas, amam Jesus, largam tudo para o seguirem, têm medo, têm coragem. São personagens redondos que apresentam traços de caráter contraditórios.

Suas falhas são oportunidades para que Jesus os corrija. Em Mt 26, uma mulher derrama um precioso bálsamo sobre a cabeça de Jesus e os discípulos achando o ato um desperdício a censuram, dizendo: "Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício? Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres" (v.8-9). Jesus, porém, os repreende imediatamente e exalta a atitude da mulher: "Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua" (v.10.13).

A palavra grega "evangélion" (evangelho) significa "boa nova", isto é, que Jesus é o Filho de Deus e que as pessoas comuns podem participar de seu reino e

a missão de Jesus e dos discípulos compreende a pregação desse evangelho: "Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo." (Mt 4.23). Porém, o protagonista, no começo da narrativa, adverte os discípulos dos problemas e sofrimentos que sua missão os fará passar. Apesar de desejarem fazer o bem, e difundir a "boa nova", serão rejeitados: "[...] Porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas" (Mt10.17); não contarão com o apoio das pessoas: "Sereis odiados de todos por causa do meu nome [...]" (Mt 10.22); suas vidas não serão tranquilas: "Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra [...]" (Mt 10.23).

Overman os define como "transparentes, ou seja, na representação dos discípulos vê-se a vida a situação da comunidade de Mateus" (1997, p.126). O narrador, por meio de falas de Jesus, revela seus pontos positivos e negativos:

Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Mt13.16
 E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus! Mt14.33
 Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim. Mt 13.51
 Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão? Mt16.8
 E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Mt 17.20
 Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Mt 15.16
 E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. Mt 28.17

Os discípulos estão sempre juntos e figuram como uma única personagem, uma personagem coletiva. Têm a missão de ser exemplo para as multidões e fazer novos discípulos: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16). Jesus dá aos discípulos autoridade para realizarem milagres: "Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades" (Mt 10.1). Também dá instruções para iniciarem sua missão:

A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: [...] procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Mt 10.5-8

Jesus instrui seus discípulos diariamente, mas eles não mostram espírito de iniciativa para começarem sua missão e tomarem suas próprias decisões. A única vez que o narrador relata uma experiência dos discípulos sem Jesus, eles falham:

"Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo" (Mt 17.16). E, não entendendo o motivo de seu fracasso, já que tinham autoridade para isso dada por Jesus, perguntaram: "Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?" (Mt 17.19). E Jesus lhes responde: " Por causa da pequenez da vossa fé" (Mt 17.20).

Algumas vezes, os discípulos agem de maneira contrária a um ensinamento de Jesus quando, por exemplo, em Mt 18.1, os discípulos perguntam: "quem é, porventura, o maior no reino dos céus?" . Jesus responde com palavras e com uma ação: "E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos tornares como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mt 18.2-3). Um pouco mais adiante, algumas pessoas trazem crianças "para que Jesus lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam" (Mt 19.13). E Jesus, mais uma vez, salienta a importância das crianças: "Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus" (Mt 19.14).

No capítulo 16, quando Jesus lhes diz que ficarão sozinhos, tornam-se mais tensos e confusos quanto ao seu futuro: "Desde aquele tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitar no terceiro dia" (v.21). Sentem medo por ele, e acabam o deixando só: "Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram" (Mt 26.56). Quando Jesus ressuscita, encontra-se com os discípulos: " E quando, o viram, o adoraram, mas alguns duvidaram" (Mt 28.17). Devemos lembrar que os discípulos são protótipos dos seguidores de Jesus, então, todas as suas reações são opções possíveis de comportamento que o leitor pode imaginar-se tendo, apesar da indução do narrador: "Se a identificação do leitor com os personagens da narrativa não se efetua em regime de total liberdade, é porque ela é pilotada, em segredo, pelo narrador", segundo Marguerat e Bourquin (2009, p.85).

Não podemos deixar de destacar a importância de Pedro entre os discípulos, que, com certeza, tem um papel de destaque e mostra mais autonomia. No começo da narrativa, Jesus chama seus dois primeiros discípulos Pedro e seu irmão André, pescadores e os convida: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens"(Mt 4.19). Mais adiante, quando o narrador lista os doze apóstolos, enfatiza o fato de Pedro ter sido o primeiro a ser chamado: "Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro [...]" (Mt 10.2).

Para realçar a presença de Pedro, o narrador utiliza estratégias para fazer com que o leitor conheça melhor esse discípulo, se identifique e tenha empatia com ele. Lembremos que, como Marguerat e Bourquin descrevem "o julgamento do narrador está constantemente presente no texto, quer se trate de sua apresentação dos personagens, do mundo, das coisas ou das ideias" (2009, p.87). Quando os discípulos estão juntos, por exemplo, os cobradores de impostos perguntam especificamente para ele: "[...] dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas ?" (Mt.17.24). Em muitas ocasiões, Pedro, estando junto com os outros discípulos, toma a iniciativa para se colocar e dar sua opinião, sem medo da reação de Jesus, o que demonstra o relacionamento íntimo que têm: "Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas" (Mt 14.27-28); "Então, lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola" (Mt 15.15). Pedro também é o primeiro discípulo a reconhecer Jesus como filho de Deus: "Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Em algumas ocasiões, o leitor, guiado pelo narrador, percebe a intimidade que Jesus tem com Pedro ao mostrar que frequentam a casa um do outro e que Jesus valoriza a opinião de Pedro: "Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? [...] (Mt 17.25). Jesus demonstra um afeto especial por ele ao cuidar de sua família também: "Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre [...] Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou" (Mt 8.14).

Pedro tem momentos de extrema identificação com seu mestre e sua missão, mas esse relacionamento especial entre os dois não impede que o discípulo tenha outros momentos de dúvida, incompreensão e medo, lembrando que a personagem representa um seguidor de Jesus que pode se deixar abalar pelas circunstâncias.

O auge da vida de discipulado de Pedro é quando Jesus revela seu papel para a igreja: "Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt16.18). Logo em seguida, Jesus fala sobre seu futuro sofrimento, morte e ressurreição e por amor a seu mestre e por não entender o porquê de Jesus ter de enfrentar, Pedro diz: "Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá" (Mt16.22). Ao ouvir isso, Jesus refuta a ideia veementemente e diz: "Arreda, Satanás!" (Mt 16.23). Naquele momento, Pedro quer afastar Jesus de sua missão e é por isso que é

comparado a Satanás. O discípulo não compreende que esta é a principal missão de Jesus e este é o plano de Deus.

Desse ponto da narrativa em diante, Pedro torna-se desorientado e perplexo pelos acontecimentos e a intimidade com seu mestre desaparece por completo: o discípulo nega que conhece Jesus três vezes por temer pela sua própria vida. Naquele instante, compreende que tem falhado com Jesus "E caindo em si, desatou a chorar" (Mt 16.76).

Os fariseus, um dos principais e mais rigorosos grupos religiosos são uma personagem coletiva, porém totalmente diferente dos discípulos, porque sua caracterização é fixa: são os oponentes do protagonista. São apresentados como "personagem bloco, que conserva um papel invariável ao longo de toda narrativa" como definem Marguerat e Bourquin (2009, p.85). Estes antagonistas, juntamente com os escribas, participam das narrativas de conflito do evangelho de Mateus quanto à interpretação da Lei em várias ocasiões: a convivência com publicanos e pecadores (Mt 9.10); a observância do sábado (Mt12.2); a questão do divórcio (Mt19.3); a tradição dos anciãos (Mt 15.2); o pagamento de tributos (Mt 22.17); o grande mandamento na Lei (Mt 22.36).

Por toda a narrativa, os fariseus acusam Jesus de não compreender ou obedecer à Lei e, não conseguindo encontrar falhas nas suas interpretações, o ofendem e tramam contra a sua vida:

Retirando-se, porém os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida. (Mt 12.14)

Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios. (Mt 12.24)

Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. (Mt16.1)

Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? (Mt 19.3)

Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra. (Mt 22.15)

O narrador dedica o capítulo 23 inteiro, 39 versículos, a um discurso de Jesus direcionado a seus discípulos e às multidões advertindo-os quanto ao perigo de se tornarem como os fariseus: "Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem" (Mt 23.3). Usando a expressão "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas", repreende-os duramente por causa de seu orgulho em mostrarem-se religiosos, porém, esquecendo-se da justiça, da misericórdia e da fé, desprezando os humildes e

rejeitados. Jesus os chama implacavelmente de *guias cegos, insensatos e cegos, cegos, fariseu cego, serpentes, raça de víboras*. Berger comenta que "cada 'ai de vós' é um anúncio de desgraça, fundamentado com repreensões e invectivas" (1998, p.179). Porém, salienta que o 'ai' não é apelativo, nem ameaçador, e sim expressivo. Então, não se trata de um discurso de condenação e sim, de conversão (1998, p.179). Apesar da linguagem tão dura de Jesus, devemos observar dois pontos que comprovam que esse discurso não é um mero desabafo, ou ataque aos fariseus. Em primeiro lugar, o discurso é dirigido aos discípulos e às multidões; os fariseus e escribas são usados como exemplos negativos. E mesmo em relação a esses, existe a possibilidade de mudança de comportamento, quando Jesus pergunta: "Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas[...] (Mt 23.33).

As multidões são uma personagem coletiva também que acompanha Jesus e seus discípulos durante toda a narrativa e serve como um pano de fundo para a história. São testemunhas dos discursos, dos milagres, da crucificação e morte de Jesus. Suas reações, atitudes e falas são coletivas:

Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram. (Mt 8.1)

E grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. (Mt 13.2)

E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões. (Mt 14.19)

Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali. (Mt 19.2)

E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! (Mt 21.9)

E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia! (Mt 21.11)

João Leonel comenta que "as multidões, presentes na narrativa como uma unidade, exercem a função de concluir o texto anterior e iniciar o novo, saindo rapidamente de cena" (2013, p.128). Tomemos como exemplo o sermão do monte. O discurso se inicia em Mt 5.1 com "Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos" e acaba em Mt 7.28 "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina". Podemos considerar a personagem "multidões" praticamente como um cenário: a multidão se agrupa, então, o cenário está pronto para Jesus falar e agir, e ao final, a reação da multidão mostra o final da narrativa.

Ao longo da narrativa, o narrador usa verbos que revelam o sentimento de afeição, fé e admiração das multidões por Jesus: *seguiram, glorificaram, se admiraram, se reuniram, trouxeram coxos, aleijados, cegos e mudos e os largaram aos pés de Jesus, clamaram, se maravilharam de sua doutrina.*

Assim como os discípulos, as multidões também abandonam Jesus quando ele é preso e a última frase em que essa personagem aparece em Mt 26.55, mostra a decepção do protagonista: "Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes."

Em Particularidades, falamos sobre os milagres feitos por Jesus e a diversidade de pessoas que receberam esses milagres. Então, concluindo, salientamos algumas personagens que se destacam no meio das multidões, personagem coletivo: um leproso (Mt8.1-4), um centurião implorando pelo servo paralítico (Mt 8.5-13), Jairo, um chefe rico e conhecido, pede por sua filha morta (Mt. 9.23-26), uma mulher com hemorragia (Mt 9.19-22), dois cegos (Mt 9.27-31), um mudo endemoniado (Mt 9.32-34), um homem com a mão ressequida (Mt12.9-14), um endemoniado, cego e mudo (Mt 12.22-32), uma mulher cananeia que pede por sua filha endemoniada (Mt 15.21-28), o pai de um jovem lunático (Mt 17.14-21), e dois cegos (Mt 20.29). Essas personagens têm um papel ativo, porém, sempre com o objetivo de revelar ou reafirmar características do protagonista, Jesus.

Auerbach, em *Mimesis*, compreende esta abertura da missão de Jesus para todos:

Este movimento pretende, já desde o princípio, ser aberto, concernente por igual e imediatamente a todos os homens e absorver em si todos os conflitos meramente pessoais [...] Identificam-se como movimento, como força de eficiência histórica, pelo fato de que repetidamente é descrito o impacto dos ensinamentos da pessoa e do destino de Jesus sobre este ou aquele indivíduo. (2007, p.37)

Jesus influencia as multidões e, principalmente, os indivíduos, por todos os lugares em que passa: as pessoas de todas as classes sociais, profissionais e econômicas se veem compelidas a assumir uma atitude perante suas ações e falas.

4.5 Enredo

Paul Ricoeur, em *Do texto à acção*, define enredo como "um dinamismo que, de uma diversidade de incidentes extrai uma história una e completa" (1991, p.13). Entendemos que essa definição capta a essência do que ocorre quando uma narrativa se transforma em uma boa história em que cada um desses "incidentes" foi necessário e caprichosamente elaborado pelo narrador.

Ricoeur afirma que "uma história é feita de eventos ao passo que um enredo faz de eventos uma história" (1991, p. 96, tradução nossa). A diferença é que em um enredo, os eventos estão ligados por uma causa, como salienta Forster (1955, p.96, tradução nossa).

Em primeiro lugar, o narrador começa a história da vida de Jesus antes do seu nascimento, com a sua genealogia como prova de ele é o Messias esperado do Antigo Testamento: "Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão" (Mt1.1). Barbaglio afirma que a genealogia "apresenta, em síntese, todo o drama. A promessa divina do Antigo Testamento, legada a Abraão e Davi, atinge seu cumprimento em Jesus" (1990, p.46). Podemos considerar sua genealogia como um prólogo que prepara o leitor para a importância do nascimento que será descrito.

Temos, então, a exposição na qual o narrador onisciente introduz a narrativa dizendo: "Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim:[...]" (Mt 1.18). Na verdade, relata sobre a concepção de Jesus pelo Espírito Santo causando uma primeira tensão na narrativa: José, esposo de Maria, "sem que tivessem antes coabitado"(Mt 1.18), pensa em abandoná-la.

Uma segunda tensão se instala em seguida. Herodes, o rei, sabendo do nascimento do "rei dos judeus", começa a tramar contra sua vida. A família foge para o Egito. Herodes manda matar todos os meninos de dois anos ou menos de Belém e dos arredores. Após a morte de Herodes, a família de Jesus volta para Nazaré.

Em seguida, Jesus é batizado por João Batista e o próprio Deus lhe dirige a palavra: "Este é o meu filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Depois do encontro com Deus, Jesus mantém um diálogo com Satanás no deserto: "Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás [...]" (Mt 4.10). Esses dois acontecimentos sobrenaturais são seus rituais de passagem para efetivamente iniciar sua missão.

Essa exposição conturbada estabelece um vínculo imediato do leitor com a história e também uma empatia com o protagonista que desde antes do nascimento foi esperado e rejeitado.

Começa a peregrinação de Jesus. E, escolhe seus discípulos, ensina, realiza milagres e curas sempre sob as vistas e críticas dos fariseus e escribas: "Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema" (Mt 9.3). Sua fama o precede: "E a fama deste acontecimento correu por toda a terra" (Mt 9.26). As multidões que o seguem aumentam, e os comentários sobre sua identidade se intensificam: "E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi?" (Mt 12.23).

Os confrontos com fariseus e escribas aumentam e com a morte de João Batista, aparentemente, sua missão está em crise. Os gentios se aproximam cada vez mais: "E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões (Tiro e Sidom) clamava: "Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim!" (Mt 15.22). Os judeus o rejeitam: "E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga [...] E escandalizavam-se nele" (Mt 13.54,57).

O narrador afirma que "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém para sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitar no terceiro dia" (Mt 16.21). Pedro, o principal discípulo e para quem Jesus dará "as chaves do reino dos céus" (Mt 16.19), reage exasperadamente. Jesus o compara a Satanás, aquele que sempre tenta impedir o avanço da missão divina: "Arreda-te, Satanás" (Mt 16.23).

A expressão "desde esse tempo" marca uma nova fase do ministério: Jesus passa a instruir seus discípulos sobre sua morte e ressurreição, sua missão e o discipulado deles.

Jesus prediz sua morte uma segunda vez: "O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará" (Mt 17.22). Jesus se auto denomina "Filho do Homem" diversas vezes identificando-se com o servo sofredor de Isaías 53: "Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso" (v.3). Os discípulos creem que Jesus é o Cristo, mas não conseguem aceitar esse destino para ele, sentem medo por suas vidas e de ficarem sozinhos: "Então, os discípulos se entristeceram grandemente" (Mt 17.23). Não ouvem ou não

acreditam na sua ressurreição. Porém, dessa vez, nenhum discípulo diz qualquer coisa. Nem Pedro.

Eles seguem para Jerusalém. Jesus continua instruindo seus discípulos sobre o reino, curando e fazendo milagres.

Antes de chegarem em Jerusalém para que tudo se cumpra, Jesus, pela terceira vez, fala de seu sofrimento futuro. Dessa vez, fornece mais detalhes e diz que será "escarnecido, açoitado, e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá" (Mt 20.19). Não há comentários nem reações.

Outra diferença entre as três vezes que Jesus prediz sua morte e ressurreição é a ocasião em que fala sobre isso com seus discípulos. Na primeira vez, "Jesus começou a mostrar que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer [...]" (Mt 16.21). O narrador não dá voz ao protagonista e conta de uma maneira generalizada que era necessário que Jesus sofresse. O momento ou a maneira como Jesus falou não são mencionados. Na segunda vez, o narrador define o lugar, acrescenta que os discípulos estão juntos e reunidos e dá voz a Jesus: "Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: [...]" (Mt 17.22). Na terceira e última vez, chega o momento: Jesus está para subir a Jerusalém e no caminho, dedica um tempo em especial para falar com seus discípulos: "chamou à parte, os doze e lhes disse" (Mt 20.17).

Alter dedica um capítulo inteiro ao assunto das técnicas de repetição nos textos bíblicos. Defende que numa narrativa que exhibe uma economia tão rigorosa, os elementos de repetição compõem a sua "sutileza imaginativa": o leitor deve estar atento às diferenças que surgem em meio a uma aparente recorrência permanente (2007, p. 137, 150).

As repetições das predições de morte e ressurreição de Jesus, em primeiro lugar, cooperam para o significativo aumento da tensão dramática para o leitor que é lembrado que o clímax da narrativa se aproxima. E, em segundo lugar, a mudança de fala do narrador para Jesus e os pequenos e importantes acréscimos que são feitos apontam para o aumento da agonia, incompreensão e perturbação dos discípulos. Alter comenta a estratégia que com a adição de pequenas mas importantes mudanças no que parece, à primeira vista, ser uma repetição *ipsis literis*, cria muitas complicações psicológicas, morais e dramáticas (2007, p.151).

Os discípulos não entendem que tudo isso não é uma derrota, é a realização plena da missão de Jesus traçada por Deus.

A tensão dramática se intensifica. O clímax se aproxima.

Temos as antíteses crime x gesto de amor, emboscada humana x plano divino. Judas o trai: "[...] e eis que chegou Judas, um dos doze, e , com ele, grande turba com espadas e porretes" (Mt26.47). O Sinédrio o sentencia injustamente à morte: " [...] É réu de morte." (Mt 26. 66). Pilatos, mesmo sabendo ser Jesus inocente, lava suas mãos: "Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado" (Mt 27.18). Todos esses fatos são atos criminosos mas que culminam no objetivo final da vida de Jesus: ser crucificado, morrer e ressuscitar. O protagonista está convicto de sua missão e a cumpre como um gesto de amor. Não é surpreendido pela traição de Judas, o julgamento forjado ou a irresponsabilidade de Pilatos. Jesus prediz seu sofrimento, morte e ressurreição três vezes e instantes antes de ser preso, avisa aos seus discípulos: "Eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima" (Mt 26.45-46).

Finalmente, o desfecho da narrativa. A biografia não termina com sua morte, mas com sua ressurreição e a missão que deixa a seus discípulos de fazer outros discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações [...]". Homens e mulheres de várias regiões, classes sociais, econômicas e religiosas fazem parte de sua genealogia no primeiro capítulo. Durante a narrativa, Jesus não discriminou pessoa alguma. E, no último capítulo, sua ordem é que os discípulos façam discípulos de todas as nações.

Ele nasce de novo e permanece vivo. No início da narrativa, em Mt 1.23, o narrador ao descrever o nascimento de Jesus, diz: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)". E a narrativa se encerra com uma fala de Jesus, confirmando essa promessa: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28.20).

Auerbach discute como o objetivo dos Evangelhos é, na essência, mostrar um "movimento, como força de evidência histórica pelo fato de que repetidamente é descrito o impacto dos ensinamentos da pessoa e do destino de Jesus sobre este ou aquele indivíduo" (2007, p.37). É justamente essa sensação de que a História gira em torno da pessoa, dos atos, da missão de Jesus que flui de toda a narrativa: pessoas de todas as classes estão impactadas e observando Jesus, aceitando-o ou rejeitando-o; suas ações e falas exigem uma reação das pessoas. O Messias

esperado desde o Antigo Testamento surge como um homem de baixa extração social e suas palavras e ações são da mais profunda dignidade. Sua recusa em se defender, ou desperdiçar a oportunidade de explicar sua missão, é mais um convite para o leitor entrar na narrativa e refletir sobre todo o acontecimento.

Jesus, ao afirmar que está "convosco até a consumação do século" em sua última fala, torna o evangelho atemporal mais uma vez: a mensagem é dirigida aos discípulos de mais de dois mil anos atrás e ao leitor de hoje.

5 UM NOVO ESPAÇO PARA AS MULHERES: O EVANGELHO DE MATEUS

No século I d.C., as mulheres ocupavam uma posição de inferioridade nas estruturas da sociedade patriarcal. Leis e costumes discriminavam as mulheres e cerceavam suas ações. Ruether, ao comentar sobre as culturas hebraica e grega, afirma que as mulheres, as crianças e os escravos são súditos do cabeça patriarcal da família. E que

Na filosofia grega, os homens da classe dominante são os exemplares naturais da mente ou razão, enquanto que as mulheres, os escravos e os bárbaros são as pessoas naturalmente servis, representadas pelo corpo e pelas paixões, que precisam ser regidas pela “cabeça”. (1993, p.71)

Sabemos que a realidade de uma sociedade não é possível de ser totalmente resumida e contida dentro de um só parâmetro. Fiorenza nos oferece uma colocação totalmente oposta, afirmando que havia até mesmo liderança feminina nas comunidades judaicas da Ásia Menor e do Egito: “mulheres se destacaram na vida política, social e religiosa do país” (1992, p.85). Mulheres com altos postos como chefes de sinagogas, dirigentes, anciãs e sacerdotisas existiram até meados do século III, quando, aos poucos, as mulheres foram perdendo espaço para os homens e a sucessão apostólica masculina fixou-se (1992, p.202).

As personagens femininas de Mateus representam mulheres dessa parcela da sociedade feminina que não são espectadoras do movimento liderado por Jesus. Desde a sua genealogia, desempenham um papel ativo e essencial para o desenvolvimento da narrativa e no Novo Testamento aparecem seguindo Jesus, sendo que seus maridos ou famílias não são mencionados.

Lembremos que na biografia greco-romana, todos os elementos convergem para a personagem central para revelar seu caráter, intenções, e razões. Ao analisarmos as personagens femininas escolhidas, desvendamos a maneira como Jesus, o protagonista, enxerga e trata as mulheres e outros excluídos. E mais do que isso: essas personagens femininas têm a função de destacar quem é Jesus.

Jesus contesta a legitimidade das práticas estabelecidas de discriminação de pessoas, acolhendo os desprezados. Ele se posiciona contra a opressão e a marginalização das mulheres bem como de outros excluídos: pobres, crianças, estrangeiros, cegos, mudos, leprosos, pecadores, coxos, paralíticos:

Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Mt 21.31

Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. Mt19.14

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Mt5.3

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Mt 5.10

Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. Mt 5.22

[...]os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. Mt 11.5

E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos. Mt 9.10

Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; Mt 27.55

Pretendemos analisar cinco narrativas representativas da maneira como as mulheres são retratadas no evangelho de Mateus.

Na primeira perícopé analisada, Mt 1.1-17, a genealogia, o narrador estabelece Jesus como herói ligado à tradição judaica: “filho de Davi, filho de Abraão”. Ulrich Luz salienta que o evangelho de Mateus tem um caráter doutrinário, porém, antes de tudo, se trata de uma narrativa. É de fundamental importância que as afirmações cristológicas sejam narradas como história" (1989, p.100). E inclui na genealogia, Maria, mãe de Jesus, judia, mas pobre, e outras quatro mulheres, que além de gentias, apresentavam outras características totalmente inesperadas, de mulheres de reputação duvidosa.

Tamar, viúva, finge ser prostituta e engravida do sogro para assegurar sua posição dentro da família. (Gn 38.2-26)

Raabe, uma prostituta e estrangeira, ajuda os espias de Josué e com isso, salva sua vida e a vida de toda a sua família (Js 2).

Rute, estrangeira, pobre e viúva, não abandona a sogra e a ajuda a refazer a vida (Rt 2).

A “mulher de Urias”, símbolo de mulher-objeto, que não tem voz, que se vê forçada a se deitar com o rei Davi (o que a torna adúltera perante os outros) e tem um filho com ele. (2Sm 11).

A segunda perícopes apresenta duas narrativas em Mt 9.18-26, Jesus realiza dois milagres e duas personagens femininas representantes de duas realidades opostas são beneficiadas: uma mulher pobre que sofre com uma hemorragia há mais de doze anos e uma menina rica de doze anos que havia falecido.

A terceira perícopes analisada está em Mt 15.21-28. A narrativa trata de uma mulher gentia que implora que Jesus cure sua filha endemoniada.

E, por último, analisamos Mt 28.1-10. Jesus, ressuscitado, aparece às mulheres, em primeiro lugar, e não aos discípulos, como seria o esperado.

No evangelho de Mateus, mulheres, e também as crianças, fazem parte da comunidade messiânica, como podemos ver nas duas histórias de multiplicação dos alimentos: "E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças" (Mt 14.21); "Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças" (Mt 15.38).

Com a análise dessas cinco narrativas, pretendemos compreender melhor a imagem feminina no evangelho de Mateus e o que essas personagens femininas revelam sobre o protagonista, Jesus.

5.1 A Presença Feminina na Genealogia de Jesus: Mt1.1-17

Relembramos que a biografia greco-romana tem o objetivo de legitimar e construir a identidade e o estilo de vida do protagonista e de sua comunidade já que Jesus é o modelo.

A genealogia de Jesus, de acordo com Warren Carter, estabelece a significância do protagonista não por riqueza, poder ou status social. A seletividade e parcialidade da genealogia indicam a perspectiva da narrativa como um todo: "a origem de Jesus e aquela de seus seguidores no centro dos planos de Deus. A genealogia não testemunha o controle de Roma sobre o destino humano. Ela descreve a vontade soberana de Deus e as promessas guias" (2002, p.84).

O evangelho de Mateus constrói uma cosmovisão alternativa e resistente ao poder e isso desde a genealogia de Jesus.

O narrador, não identificado, onisciente e intruso dos primeiros capítulos do Evangelho de Mateus, adota a estratégia de iniciar a narrativa cativando seu principal ouvinte/leitor: os judeus. Ressaltamos que o evangelho destina-se também aos gentios e aos aliados do governo romano, os sacerdotes, escribas, fariseus e saduceus. Transcrevemos aqui a narrativa:

- 1 Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.
- 2 Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos;
- 3 Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão;
- 4 Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom;
- 5 Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé;
- 6 Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias;
- 7 Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa;
- 8 Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias;
- 9 Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias;
- 10 Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias;
- 11 Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.
- 12 Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel;
- 13 Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor;
- 14 Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde;
- 15 Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó.
- 16 E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.
- 17 De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze.

Como já dissemos, a intertextualidade com o Antigo Testamento é a característica mais marcante do evangelho de Mateus e o narrador se empenha em fazer alusões e citações que estabeleçam a narrativa como uma resposta a esses textos anteriores e Jesus, o protagonista, como o Cristo, o messias esperado. Então, já no primeiro versículo do primeiro capítulo, apresenta o protagonista como Jesus Cristo, filho de Davi, o protótipo do rei messiânico, e filho de Abraão, considerado o pai do povo judeu. *Christos* é a forma grega para o hebraico *מָשִׁיחַ* (messias) que significa ungido, escolhido. O narrador aponta Jesus como o cumprimento da promessa feita a Abraão: “Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti” (Gn 17.6). Então, Jesus é apontado como o

Rei Messias que por direito divino governaria o povo de Deus. A tensão que precede o nascimento de Jesus, como vimos no item 2.3 Personagem e Enredo, continua após o seu nascimento: "E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém" (Mt 2.2-3). Nesse momento, está instalado o conflito que segue por toda a narrativa entre o rei Herodes, Roma e seus aliados e Jesus e seus seguidores.

Além de estabelecer Jesus como o Cristo, o Messias esperado, sua genealogia, ao apresentar não somente hebreus, também preconiza a última fala do protagonista: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

Como já mencionamos no item 2.1 Particularidades, a biografia greco-romana tem como característica a seletividade. O narrador trabalha, então, com suas escolhas de modo a instruir o leitor sobre a identidade de Jesus nesse início da narrativa, para depois assumir sua posição discreta.

João Leonel, em sua tese de doutorado, "*E ele será chamado pelo nome de Emanuel*" : o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus", comenta sobre essa presença forte do narrador:

que se propõe a conduzir o leitor na identificação de Jesus Cristo, fornecendo dados que serão fundamentais para a compreensão do evangelho. Em outras palavras, o narrador educa seu leitor a compreender adequadamente os elementos relativos a quem é Jesus, de onde vem e qual sua missão. A partir desses dados, que passam a fazer parte da enciclopédia de conhecimento dos leitores, os próximos capítulos trarão a ausência narrativa já mencionada, que caracterizará o estilo narrativo até o final do evangelho. (2006, p.209)

No primeiro versículo, portanto, o narrador apresenta a descendência de Jesus: Davi e Abraão. Davi foi um pastor escolhido por Deus para ser rei. Abraão é outra personagem histórica do Antigo Testamento: Deus chamou Abraão, um pagão, para ser o pai antepassado de Israel (Gn17).

Em seu artigo da revista *Caminhando*, José, o padrao eleito por Deus: a justiça como preservação da vida em Mateus, Anderson Lima afirma que a genealogia que se segue, dos versículos 2 ao 17 não é de Jesus e, sim, de José. Apresenta dois motivos para sua conclusão:

Isto está claro por dois motivos: primeiro, no versículo 1, já temos uma bem resumida indicação genealógica de Jesus, que é “filho de Davi, filho de Abraão”. Por qual motivo o texto incluiria estes dois nomes se logo a seguir pretendia exibir uma genealogia mais completa do mesmo personagem? Segundo, sabemos que a genealogia de 2 a 16 não é de Jesus pela leitura do versículo 16, que diz: “E Jacó gerou a José, o marido de Maria, de quem foi gerado Jesus, que é chamado Cristo”. Portanto, a genealogia é de José, que seria marido de Maria, mas não o pai biológico de Jesus. Embora Jesus seja também filho de Davi e de Abraão (1.1), a verdade é que ele não é descrito como descendente direto de José. (2012, p.126)

De fato em Mt 1.18, o narrador afirma que Maria está grávida do Espírito Santo. Lembrando a necessidade de analisarmos o que as personagens nos revelam acerca do protagonista numa biografia greco-romana, podemos observar a falta de discriminação que aponta para a maneira como Jesus valoriza as pessoas: José poderia ser visto como um simples coadjuvante, e um noivo que aceita uma noiva grávida. Porém, pelo contrário, sua posição é ressaltada nesse início de vida de Jesus: José é o líder da família que, em sonho, recebe a orientação de um anjo do Senhor, (então, diretamente de Deus), em três ocasiões. Primeiro, o assegura de que Maria está grávida do Espírito Santo : [...] "eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo" (Mt 1.20). Depois disso, o anjo adverte José quanto ao plano do rei de matar Jesus: "eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, fuge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar" (Mt 2.13). E por, último, o anjo avisa quando a família pode regressar a sua terra: "Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino" (Mt 2.20).

Novamente, temos a estratégia das três repetições. O detalhe a ser comentado é que na primeira aparição, o anjo não apenas o chama pelo nome, José, como mostra que conhece sua descendência nobre: filho de Davi. Nas outras duas ocasiões, o anjo não diz o nome de José e passa direto às orientações. Isso nos faz presumir, então, que seja o mesmo anjo. José, portanto, é de origem nobre, casa-se com a escolhida de Deus para gerar Jesus e é o responsável pela preservação da vida do protagonista que será perseguido desde seu nascimento.

A genealogia apresentada em Mateus, como já mencionamos, é totalmente seletiva. Carter comenta que "Cada nome significa a exclusão de outros. Não começa com Adão nem menciona Sara. Seu foco predominantemente sobre homens reflete uma cultura patriarcal que valoriza o descendente através da linha masculina" (2002, p.88).

Então, o evangelho apresenta a genealogia de Jesus pelo lado de seu padrasto, o marido de Maria. O narrador não oferece explicações para a inclusão de personagens que não seguem as normas estabelecidas. A primogenitura não é privilegiada: Ismael, filho de Agar não é mencionado e, sim, Isaque, filho de Sara. A linhagem continua com o mais novo, Jacó, pai de Judá, o quarto filho, elevado acima de seus outros irmãos. A inclusão de mulheres em genealogias tem precedentes: "Abrão e Naor tomaram para si mulheres; a de Abrão chamava-se Sarai, a de Naor, Milca, filha de Harã, que foi pai de Milca e de Iscá" (Gn11.29). E, 1Cr 2.18-2: "Calebe, filho de Hezrom, gerou filhos de Azuba, sua mulher, e de Jeriote[...] Morreu Azuba; e Calebe tomou para si a Efrata, da qual lhe nasceu Hur. Então, Hezrom coabitou com a filha de Maquir, pai de Gileade [...]". As personagens femininas da genealogia de Mateus, porém, quebram as tradições em vários aspectos que reforçam um tema que percorrerá toda a narrativa: a inclusão do marginal e do excluído.

Examinemos os hipotextos do Antigo Testamento para conhecermos as personagens femininas da genealogia de Jesus.

A primeira personagem feminina a aparecer é Tamar: "Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera". Em meio à intricada e perturbadora história de José que foi vendido por seus irmãos e levado para o Egito, temos a história de Judá e sua família. Foi de Judá a ideia de vender o irmão José ao invés de abandoná-lo numa cisterna (Gn 37.26-27). Ao decidirem enganar o pai, ele é o líder dos irmãos. O narrador apresenta Judá como um homem decidido desde a sua juventude. Em Gn 38. 1-30, surge a história de Judá e sua família:

- 1** Aconteceu, por esse tempo, que Judá se apartou de seus irmãos e se hospedou na casa de um adulamita, chamado Hira.
- 2** Ali viu Judá a filha de um cananeu, chamado Sua; ele a tomou por mulher e a possuiu.
- 3** E ela concebeu e deu à luz um filho, e o pai lhe chamou Er.
- 4** Tornou a conceber e deu à luz um filho; a este deu a mãe o nome de Onã.
- 5** Continuou ainda e deu à luz outro filho, cujo nome foi Selá; ela estava em Quezibe quando o teve.

- 6** Judá, pois, tomou esposa para Er, o seu primogênito; o nome dela era Tamar.
- 7** Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o SENHOR, pelo que o SENHOR o fez morrer.
- 8** Então, disse Judá a Onã: Possui a mulher de teu irmão, cumpre o levirato e suscita descendência a teu irmão.
- 9** Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão.
- 10** Isso, porém, que fazia, era mau perante o SENHOR, pelo que também a este fez morrer.
- 11** Então, disse Judá a Tamar, sua nora: Permanece viúva em casa de teu pai, até que Selá, meu filho, venha a ser homem. Pois disse: Para que não morra também este, como seus irmãos. Assim, Tamar se foi, passando a residir em casa de seu pai.
- 12** No correr do tempo morreu a filha de Sua, mulher de Judá; e, consolado Judá, subiu aos tosquiadores de suas ovelhas, em Timna, ele e seu amigo Hira, o adulamita.
- 13** E o comunicaram a Tamar: Eis que o teu sogro sobe a Timna, para tosquiar as ovelhas.
- 14** Então, ela despiu as vestes de sua viuvez, e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou, e se assentou à entrada de Enaim, no caminho de Timna; pois via que Selá já era homem, e ela não lhe fora dada por mulher.
- 15** Vendo-a Judá, teve-a por meretriz; pois ela havia coberto o rosto.
- 16** Então, se dirigiu a ela no caminho e lhe disse: Vem, deixa-me possuir-te; porque não sabia que era a sua nora. Ela respondeu: Que me darás para coabitares comigo?
- 17** Ele respondeu: Enviar-te-ei um cabrito do rebanho. Perguntou ela: Dar-me-ás penhor até que o mandes?
- 18** Respondeu ele: Que penhor te darei? Ela disse: O teu selo, o teu cordão e o cajado que seguras. Ele, pois, lhos deu e a possuiu; e ela concebeu dele.
- 19** Levantou-se ela e se foi; tirou de sobre si o véu e tornou às vestes da sua viuvez.
- 20** Enviou Judá o cabrito, por mão do adulamita, seu amigo, para reaver o penhor da mão da mulher; porém não a encontrou.
- 21** Então, perguntou aos homens daquele lugar: Onde está a prostituta cultural que se achava junto ao caminho de Enaim? Responderam: Aqui não esteve meretriz nenhuma.
- 22** Tendo voltado a Judá, disse: Não a encontrei; e também os homens do lugar me disseram: Aqui não esteve prostituta cultural nenhuma.
- 23** Respondeu Judá: Que ela o guarde para si, para que não nos tornemos em opróbrio; mandei-lhe, com efeito, o cabrito, todavia, não a achaste.
- 24** Passados quase três meses, foi dito a Judá: Tamar, tua nora, adulterou, pois está grávida. Então, disse Judá: Tirai-a fora para que seja queimada.
- 25** Em tirando-a, mandou ela dizer a seu sogro: Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E disse mais: Reconhece de quem é este selo, e este cordão, e este cajado.
- 26** Reconheceu-os Judá e disse: Mais justa é ela do que eu, porquanto não a dei a Selá, meu filho. E nunca mais a possuiu.
- 27** E aconteceu que, estando ela para dar à luz, havia gêmeos no seu ventre.

28 Ao nascerem, um pôs a mão fora, e a parteira, tomando-a, lhe atou um fio encarnado e disse: Este saiu primeiro.

29 Mas, recolhendo ele a mão, saiu o outro; e ela disse: Como rompestes saída? E lhe chamaram Perez.

30 Depois, lhe saiu o irmão, em cuja mão estava o fio encarnado; e lhe chamaram Zera.

Na exposição da narrativa, temos a formação da família de Judá. Neste trecho, ele é o patriarca de sua família, responsável por todas as decisões. Judá é o sujeito de vários verbos de ação, o que reforça a imagem de seu caráter autoritário que se aparta dos irmãos, se hospeda, vê a filha de um cananeu, a toma, a possui, chama o filho de Er, toma esposa para Er, manda Onã possuir Tamar, cumprir o levirato, suscitar descendência para o irmão e , por fim, manda Tamar permanecer viúva.

Er, marido de Tamar morre antes de ter filhos: "Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o SENHOR, pelo que o SENHOR o fez morrer" (Gn38.7). Cabe aqui, o comentário de Alter: "a bem dizer, todo o Livro de Gênesis trata da revogação da lei de ferro da primogenitura¹⁸, da eleição, por um tortuoso capricho do destino[...]" (2007, p.19). Cumprindo a Lei do levirato¹⁹, Judá manda seu filho Onã suscitar a descendência de seu irmão mais velho e casar-se com Tamar. Onã, não desejando dar o nome de seu irmão a seu filho, pratica o coito interrompido²⁰, o que é reprovado por Deus: "Isso, porém, que fazia, era mau perante o SENHOR, pelo que também a este fez morrer" (Gn38.10).

Judá manda Tamar de volta para a casa de seu pai esperar que seu cunhado tenha idade para se casar, mas, na verdade, acha que sua nora traz má sorte para a família e não pretende cumprir mais com suas obrigações legais para com ela.

Até esse momento, Tamar é um objeto, totalmente passivo, possuído por Judá e seus filhos. No v.11, é a primeira vez que Tamar é sujeito de uma frase: "Assim, Tamar se foi, passando a residir em casa de seu pai". Alter salienta que os verbos indicam isolamento e obediência (2007, p.22).

¹⁸ O filho mais velho era o herdeiro principal da fortuna da família, tendo direito a duas partes.

¹⁹ "Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, então, a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará, e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado. O primogênito que ela lhe der será sucessor do nome do seu irmão falecido, para que o nome deste não se apague em Israel" (Dt 25.5-6).

²⁰ Também chamado de "onanismo".

No v.12, a esposa de Judá morre: "No correr do tempo morreu a filha de Sua, mulher de Judá; e, consolado Judá, subiu aos tosquiadores de suas ovelhas, em Timna, ele e seu amigo Hira, o adulamita". A expressão "no correr do tempo" e o fato de Judá já estar de volta ao trabalho mostra que havia passado tempo suficiente para Tamar perceber que seu sogro não planejava cuidar dela como prometido.

Então, no v.14, Tamar, age inesperadamente; é sujeito de uma sequência de quatro verbos de ação. Ela se despe, se cobre, se disfarça e se assenta: "Então, ela despiu as vestes de sua viuvez, e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou, e se assentou à entrada de Enaim, no caminho de Timna [...]". Tamar tem um plano. Obviamente, pensou sobre o assunto, pesou suas possibilidades e tomou uma decisão. Finalmente, o leitor conhece realmente Tamar. No início da narrativa, o narrador fornece apenas seu nome e nenhuma outra informação. Ela é um objeto nas mãos dos irmãos, do sogro, e do pai, ma, agora, ela pensa, trama e age.

Tamar pretende, agora, por total iniciativa sua, fazer parte da família de Judá e gerar um descendente seu para assegurar seus direitos:

Então, se dirigiu a ela no caminho e lhe disse: Vem, deixa-me possuir-te; porque não sabia que era a sua nora. Ela respondeu: Que me darás para coabitares comigo? Ele respondeu: Enviar-te-ei um cabrito do rebanho. Perguntou ela: Dar-me-ás penhor até que o mandes? Respondeu ele: Que penhor te darei? Ela disse: O teu selo, o teu cordão e o cajado que seguras. Ele, pois, lhos deu e a possuiu; e ela concebeu dele (Gn 38.16-18).

Judá, que enganou seu pai com as vestes ensanguentadas de seu irmão José, agora, é enganado pelas vestes de Tamar e pensa que ela é uma prostituta. O discurso direto prático e objetivo mostra a perspicácia de Tamar. Judá inicia o diálogo com uma frase imperativa, como é seu costume e, na negociação, surpreendentemente, pela urgência de satisfazer seu desejo, aceita as condições de Tamar. O pagamento da "prostituta" seria um cabrito e Tamar pede que Jacó deixe com ela alguns objetos como garantia até que o cabrito seja entregue. Os objetos, "o teu selo, o teu cordão e o cajado", são símbolos da identidade de Jacó.²¹ Tamar tem controle da situação.

²¹ Paratexto da Bíblia de Genebra sobre Gn 38.18: Um selo cilíndrico, usado num cordão no pescoço, indicava um homem importante. se fosse rolado sobre argila amolecida, resultava numa impressão que identificava o dono do objeto. O cajado era um símbolo de autoridade e tinha a marca do seu dono gravada no topo.

Seu plano alcança o objetivo: "Ele, pois, lhos deu e a possuiu; e ela concebeu dele" (v.18). Um filho da casa de Judá lhe dá segurança e garantia dos direitos de posse e herança dentro da família.

Tamar, numa sequência de quatro ações, retoma sua identidade: "Levantou-se ela e se foi; tirou de sobre si o véu e tornou às vestes da sua viuvez" (v.19).

No v.24, temos o clímax da história: "Passados quase três meses, foi dito a Judá: Tamar, tua nora, adulterou, pois está grávida. Então, disse Judá Tirai-a fora para que seja queimada". Judá aceita a notícia de prontidão e cruelmente a condena sem hesitação de acordo com as leis da época: as pessoas que cometiam adultério, prostituição e outras transgressões sexuais eram condenadas a afogamento ou morte na fogueira (Lv 21.9).

Tamar finalmente tem voz e defende seus direitos por si própria, mostrando os símbolos de identidade de Judá que guardou consigo. Judá confessa seu erro e elogia Tamar: "Mais justa é ela do que eu, porquanto não a dei a Selá, meu filho". A mulher estrangeira ensina a Judá o que é justiça (HIGGS, 2013, p.256).

No desfecho, Tamar dá luz a gêmeos e sobre isso, Alter comenta:

[...] e assim, ela realiza duas vezes seu sonho de tornar-se mãe. Confirmando o padrão de toda essa narrativa e do ciclo maior de histórias, o gêmeo que está a ponto de nascer em segundo lugar acaba 'saindo' primeiro, recebe o nome de Perez e será um ancestral de Jessé, de quem procede a casa de Davi." (2007, p.25)

Judá, por medo de perder seu terceiro e último filho, e ficar sem descendentes, não cumpre a lei do levirato e com isso, prejudica a projeção de Sela. Os clãs de Perez e Zera, como podemos ver em 1Cr 2 e 4, são superiores ao de Sela. E por fim, Tamar, preserva também a genealogia de Judá com seu filho Perez.

Tamar passa de submissa e objeto a proativa e astuciosa. De mulher rejeitada, meretriz e adúltera a mãe da casa de Judá e ancestral da casa de Davi. O alto grau de ousadia de Tamar a faz ser lembrada pela sua persistência em permanecer na família e pela sua descendência e é um exemplo como podemos ver nos votos dos anciãos a Boaz e Rute: "Seja a tua casa como a casa de Perez, que Tamar teve de Judá, pela prole que o SENHOR te der desta jovem" (Rt 4.12).

A segunda personagem feminina presente na genealogia é Raabe. A narrativa encontra-se no livro de Josué, "relato da entrada dos israelitas na Terra Prometida [...] com uma conquista devastadora e bem-sucedida, com a eliminação

da população nativa", como é descrito no *Guia literário da Bíblia* (1997, p.121). A prostituta Raabe é peça chave para a concretização da promessa divina de Gênesis:

Habitou Abrão na terra de Canaã [...]. (Gn 13.12) Disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se separou dele: Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei. (Gn 13.14-17)

Transcrevemos aqui as passagens que apresentam a participação de Raabe em Josué 2.1-22 ; 6.22-25.

2.1 De Sitim enviou Josué, filho de Num, dois homens, secretamente, como espias, dizendo: Andai e observai a terra e Jericó. Foram, pois, e entraram na casa de uma mulher prostituta, cujo nome era Raabe, e pousaram ali.

2 Então, se deu notícia ao rei de Jericó, dizendo: Eis que, esta noite, vieram aqui uns homens dos filhos de Israel para espiar a terra.

3 Mandou, pois, o rei de Jericó dizer a Raabe: Faze sair os homens que vieram a ti e entraram na tua casa, porque vieram espiar toda a terra.

4 A mulher, porém, havia tomado e escondido os dois homens; e disse: É verdade que os dois homens vieram a mim, porém eu não sabia donde eram.

5 Havendo-se de fechar a porta, sendo já escuro, eles saíram; não sei para onde foram; ide após eles depressa, porque os alcançareis.

6 Ela, porém, os fizera subir ao eirado e os escondera entre as canas do linho que havia disposto em ordem no eirado.

7 Foram-se aqueles homens após os espias pelo caminho que dá aos vaus do Jordão; e, havendo saído os que iam após eles, fechou-se a porta.

8 Antes que os espias se deitassem, foi ela ter com eles ao eirado

9 e lhes disse: Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra, e que o pavor que infundis caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados.

10 Porque temos ouvido que o SENHOR secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito; e também o que fizestes aos dois reis dos amorreus, Seom e Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes.

11 Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.

12 Agora, pois, jurai-me, vos peço, pelo SENHOR que, assim como usei de misericórdia para convosco, também dela usareis para com a casa de meu pai; e que me dareis um sinal certo

13 de que conservareis a vida a meu pai e a minha mãe, como também a meus irmãos e a minhas irmãs, com tudo o que têm, e de que livrareis a nossa vida da morte.

14 Então, lhe disseram os homens: A nossa vida responderá pela vossa se não denunciardes esta nossa missão; e será, pois, que, dando-nos o SENHOR esta terra, usaremos contigo de misericórdia e de fidelidade.

15 Ela, então, os fez descer por uma corda pela janela, porque a casa em que residia estava sobre o muro da cidade.

16 E disse-lhes: Ide-vos ao monte, para que, porventura, vos não encontrem os perseguidores; escondei-vos lá três dias, até que eles voltem; e, depois, tomareis o vosso caminho.

17 Disseram-lhe os homens: Desobrigados seremos deste teu juramento que nos fizeste jurar,

18 se, vindo nós à terra, não atares este cordão de fio de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e se não recolheres em casa contigo teu pai, e tua mãe, e teus irmãos, e a toda a família de teu pai.

19 Qualquer que sair para fora da porta da tua casa, o seu sangue lhe cairá sobre a cabeça, e nós seremos inocentes; mas o sangue de qualquer que estiver contigo em casa caia sobre a nossa cabeça, se alguém nele puser mão.

20 Também, se tu denunciasses esta nossa missão, seremos desobrigados do juramento que nos fizeste jurar.

21 E ela disse: Segundo as vossas palavras, assim seja. Então, os despediu; e eles se foram; e ela atou o cordão de escarlata à janela.

22 Foram-se, pois, e chegaram ao monte, e ali ficaram três dias, até que voltaram os perseguidores; porque os perseguidores os procuraram por todo o caminho, porém não os acharam.

23 Assim, os dois homens voltaram, e desceram do monte, e passaram, e vieram a Josué, filho de Num, e lhe contaram tudo quanto lhes acontecera;

24 e disseram a Josué: Certamente, o SENHOR nos deu toda esta terra nas nossas mãos, e todos os seus moradores estão desmaiados diante de nós.

6.20 Gritou, pois, o povo, e os sacerdotes tocaram as trombetas. Tendo ouvido o povo o som da trombeta e levantado grande grito, ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade, cada qual em frente de si, e a tomaram.

21 Tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada, tanto homens como mulheres, tanto meninos como velhos, também bois, ovelhas e jumentos.

22 Então, disse Josué aos dois homens que espíaram a terra: Entrai na casa da mulher prostituta e tirai-a de lá com tudo quanto tiver, como lhe jurastes.

23 Então, entraram os jovens, os espías, e tiraram Raabe, e seu pai, e sua mãe, e seus irmãos, e tudo quanto tinha; tiraram também toda a sua parentela e os acamparam fora do arraial de Israel.

24 Porém a cidade e tudo quanto havia nela, queimaram-no; tão-somente a prata, o ouro e os utensílios de bronze e de ferro deram para o tesouro da Casa do SENHOR.

25 Mas Josué conservou com vida a prostituta Raabe, e a casa de seu pai, e tudo quanto tinha; e habitou no meio de Israel até ao dia de hoje, porquanto escondera os mensageiros que Josué enviara a espíar Jericó.

O grande tema do livro de Josué é o cumprimento da promessa divina por meio do relato otimista da ocupação de Canaã. A narrativa, como dissemos, mostra a destruição dos cananeus em detalhes cruéis e, mesmo assim, o narrador dá grande destaque à Raabe, uma prostituta pagã, que pode ser considerada uma cananeia típica.

Josué dá uma missão aos espias de examinar a terra e Jericó, ou seja, a terra e a cidade. Os espias vão direto à "casa de uma mulher prostituta, cujo nome era Raabe"; certamente, um lugar de entrada livre, onde não seriam interrogados. E o sucesso de sua missão ocorre dentro dessa casa: é ali que ficam sabendo que a notícia sobre o Mar Vermelho se abrir e a derrota dos amorreus já chegou na cidade e todos estão apavorados com a chegada dos israelitas; é ali que Raabe testemunha sua fé no Deus de Israel e nas suas promessas.

A personagem é inimiga, já que é da cidade que iria ser destruída e por ser caracterizada como mulher e prostituta, a coloca em uma esfera de inferioridade mais acentuada. Porém, surpreendentemente, o narrador fornece seu nome, Raabe, o que é uma indicação de que seu papel na narrativa teria uma importância diferenciada. Todorov enfatiza que "Toda nova personagem significa uma nova intriga. Estamos no reino dos homens-narrativas. Esse fato afeta profundamente a estrutura da narrativa" (2008, p.123). E é exatamente o que acontece: Raabe é a responsável pelo desenrolar da história e sucesso do trabalho dos espias.

A narrativa tem um ritmo acelerado. O conflito se instala imediatamente após a chegada dos espias: o rei já é informado de tudo e Raabe é procurada, mas, despista facilmente os homens do rei.

No v.6, Raabe se mostra uma mulher de iniciativa visto que é ela quem os faz subir ao terraço e os esconde. Se ela os *faz* subir, a ideia é sua e ela realmente os convence a subir e mostra o local onde devem se esconder: "entre as canas do linho que havia disposto em ordem no eirado". As canas de linho eram usadas para tecelagem e é de se admirar que uma prostituta tenha esse cuidado com sua família. Além disso, num relato de guerra, o narrador ainda descreve o detalhe de que as canas estavam dispostas "em ordem", mostrando que Raabe era uma dona de casa prezada e dedicada.

Esses detalhes direcionam a atenção do leitor cada vez mais para Raabe; sua importância na narrativa cresce visivelmente e nos versículos 8 a 14, temos a exposição plena do caráter de Raabe. Ela continua tomando a iniciativa, sendo que os espias é que deveriam estar preocupados com a execução de sua tarefa. Ela vai ter com os espias e fala longa e abertamente com eles.

Raabe faz um acordo com os espias para salvar sua vida e a vida de sua família. Porém, o que a move são convicções teológicas. Ela sabe que sua terra está prometida a Israel e como todos na cidade estão aterrorizados pelo que vai lhes

acontecer. Conhece as vitórias dos israelitas sobre os egípcios e os amorreus e tem certeza de que sua terra também será aniquilada pelo poder de Deus. E vem dela, uma prostituta, pagã e cananeia, a declaração do que Israel ainda precisava reconhecer: "porque o SENHOR, vosso Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra" (v.11).

Após demonstrar misericórdia para com os espias e os ter ajudado e mostrar que acredita no Deus de Israel e nas suas promessas, Raabe pede que, em troca, ele tenham misericórdia dela e de toda a sua família quando ocorrer o ataque a Jericó. Novamente, Raabe mostra sua extrema preocupação com a família, inclusive porque ela especifica seus membros: "[...] me dareis um sinal certo de que conservareis a vida a meu pai e a minha mãe, como também a meus irmãos e minhas irmãs"(v.13). Os espias concordam e fazem uma aliança com Raabe: ela amarra um cordão de escarlata na porta para identificar sua casa e combina que ela e sua família ficarão dentro de casa durante o ataque a Jericó. A casa de Raabe, que representa um lugar de abrigo e segurança para os espias nesse momento, também o será para Raabe e sua família quando os israelitas atacarem a cidade e matarem todos os habitantes e animais.

Quando os espias voltam, dizem a Josué: "Certamente, o SENHOR nos deu toda esta terra nas nossas mãos, e todos os seus moradores estão desmaiados diante de nós" (v.24). A certeza da promessa de Deus e de que toda a cidade temia Josué e seus homens veio de uma prostituta, Raabe.

Toda a cidade e seus habitantes e animais são dizimados e ,no final do capítulo 6, temos o cumprimento da aliança com Raabe. Josué envia os dois espias à casa de Raabe para tirar "Raabe, e seu pai, e sua mãe, e seus irmãos e tudo quanto tinha; [...] e toda a sua parentela" (v.23).

Josué conserva a vida de Raabe e de toda a sua família e , além disso, ela recebe o direito de habitar no meio dos israelitas e de se casar com um deles. Isso a coloca na linha genealógica que a faz não apenas ancestral do rei Davi, mas também de Jesus — o Messias.

Levine em *O Evangelho segundo São Mateus*, de Carter, comenta sobre um ponto importante da narrativa ao comparar Raabe e o rei de Jericó: "Raabe, nas margens sociais e físicas da cidade, acolhe os espões e se compromete com Deus diferente do rei de Jericó, que procura capturá-los e resistir aos planos de Deus. Ele é derrotado, mas ela é protegida" (2002, p.92).

E mais. Raabe é lembrada entre os heróis da Bíblia que mostraram sua fé através de suas obras: "Pela fé, Raabe, a meretriz, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu com paz aos espias" (Hb 11.31). E sua hospitalidade é citada como exemplo a ser seguido: "De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?" (Tg2.25).

A terceira personagem feminina apresentada na genealogia é Rute que tem um pequeno livro dedicado à sua história de fidelidade à sogra. Também é uma narrativa de uma mulher estrangeira que ama o Deus de Israel e seu.

A exposição começa com tempo e cenário sendo estabelecidos e a apresentação da família : "Nos dias em que julgavam os juízes, houve fome na terra; e um homem de Belém de Judá saiu a habitar na terra de Moabe, com sua mulher e seus dois filhos" (Rt 1.1). A narrativa se passa, então, antes da monarquia de Israel e os tempos eram difíceis, de fome, apesar de Belém significar "casa do pão". A família resolve tentar a sorte em Moabe, terra estrangeira a leste do Mar Morto.

Abimeleque e Noemi vão com seus filhos para essa terra estrangeira em busca de alimento. Além de ser uma terra estrangeira, é considerada amaldiçoada pelos israelitas porque seu povo adora outros deuses. Nessa terra, seus filhos se casam com moabitas, entre elas, Rute, e o narrador sem explicações, relata que o pai da família morre e depois, seus dois filhos:

Morreu Elimeleque, marido de Noemi; e ficou ela com seus dois filhos, os quais casaram com mulheres moabitas; era o nome de uma Orfa, e o nome da outra, Rute; e ficaram ali quase dez anos. Morreram também ambos, Malom e Quiliom, ficando, assim, a mulher desamparada de seus dois filhos e de seu marido (Rt 1.4-5).

Noemi, desesperançada e com a fé abalada, decidi voltar a Belém. Dirigindo-se às noras , afirma: "Abster-vos-íeis de tomardes marido? Não, filhas minhas! Porque, por vossa causa, a mim me amarga o ter o SENHOR descarregado contra mim a sua mão" (1.13). Neste ponto, o narrador dá uma indicação de que o foco da narrativa esteja centrado nas personagens femininas. Além de o narrador decidir não revelar (e com isso não dar importância) a causa da morte de Abimeleque e seus filhos, Noemi sugere: "Ide, voltaí cada uma à casa de sua mãe" (Rt 1.18). Tradicionalmente referiam-se às famílias como "casa do pai", já que ele era o chefe da família; aqui, o narrador tenta fazer a atenção do leitor voltar-se para as personagens femininas, que durante a narrativa vão permanecer unidas, se

ajudar, resolver os problemas juntas e continuar fiéis; Noemi tenta convencer suas noras a ficarem em Moabe para que refaçam suas vidas sem o encargo de cuidarem dela.

Começa neste ponto, com a primeira fala de Rute, a demonstração de seu amor pela sogra, a escolha de permanecer com essa família ao invés de sua família original, de acompanhá-la até a sua terra, e de sua fé pelo Deus de Israel. A declaração de Rute é comovente e taxativa:

Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morreréi eu e aí serei sepultada; faça-me o SENHOR o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti (1.16-17).

A esse clamor que demonstra amor, fidelidade, esperança e fé, Noemi é incapaz de responder. Está focada em sua tragédia pessoal de ter perdido filhos e marido e está rancorosa com Deus:

Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. Ditosa eu parti, porém o SENHOR me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o SENHOR se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido? (Rt 1.20-21)

No capítulo 2, o cenário muda novamente para os campos de Belém e Rute, estrangeira, pobre, pagã (aos olhos dos outros), viúva sem filhos juntamente com sua sogra, Noemi, pobre, com a fé abalada, velha e viúva sem filhos refazem suas vidas. Com a mudança de cenário, o narrador introduz uma nova personagem: Boaz, o parente da família de Elimeleque, que era rico e morava naquela região. Rute vai ao campo para colher as espigas deixadas para trás pelos segadores e sem saber, entra nos campos de Boaz.

O ponto principal do capítulo é o encontro e diálogo entre Boaz e Rute. Boaz a trata com benevolência, dá-lhe de comer e beber, manda que ela continue trabalhando nos seus campos e instrui seus empregados a deixarem mais espigas para que ela as pegue: tudo porque já sabia da história de Rute e seu amor pela sogra e sua decisão de abandonar sua terra, seu pai e sua mãe para seguir Noemi e a admirava por isso:

Então, ela, inclinando-se, rosto em terra, lhe disse: Como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira? Respondeu Boaz e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai, e a tua mãe, e a

terra onde nasceste e vieste para um povo que dantes não conhecias. O SENHOR retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do SENHOR, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio (Rt 2.11-12).

A questão teológica de que a fé é mais importante do que a raça e o reino de Deus está disponível a todos também está claramente exposta nesse trecho. A própria Rute se admira com a bondade com que Boaz a trata já que ela é estrangeira e de uma terra amaldiçoada. Boaz não só comenta sobre seu amor para com a sogra, mas também sobre o fato de ela ter acreditado que o Deus de Israel cuidaria delas.

Noemi, ao saber do encontro, conta para Rute que Boaz é um dos seus possíveis resgatadores e arquiteta um plano de sedução para Rute: "Minha filha, não hei de eu buscar-te um lar, para que sejas feliz? [...] Banha-te, e unge-te, e põe os teus melhores vestidos, e desce à eira; porém não te dês a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber" (3.2-3).

Segundo a Bíblia de Genebra, "eira" era um local de prostituição durante as festividades da colheita. No livro de Oseias, a eira é tida como um lugar propício para imoralidades sexuais: "Não te alegres, ó Israel, não exultes, como os povos; porque, com prostituir-te, abandonaste o teu Deus, amaste a paga da prostituição em todas as eiras de cereais" (Os 9.1).

Athalya Brenner sugere que há elementos comuns entre as narrativas de Tamar e Rute: mulheres estrangeiras, viúvas, que seduzem um parente para gerar um herdeiro varão, e são recompensadas por isso (2001, p.106).

Outros aspectos comuns entre as duas narrativas são o casamento por levirato, a figura do resgatador, e a esterilidade devido à negligência ou morte do marido.

O trecho da sedução traz insinuações sexuais e ambiguidades. Em primeiro lugar, Noemi dá uma clara conotação sexual a seu conselho quando manda Rute banhar-se, untar-se e vestir-se de maneira diferente (e aqui, como na história de José e seus irmãos e de Tamar, a roupa tem um significado importante). O espaço da eira, como já comentamos, traz a conotação de encontro sexual também. Noemi adverte Rute: "porém não te dês a conhecer ao homem, até que tenha acabado de comer e beber". (Rt 3.4). A expressão "não te dês a conhecer" também sugere um encontro sexual. Outra ambiguidade se refere à palavra "pés" que pode ser um eufemismo para órgão sexual e Noemi instrui Rute a "descobrir seus pés". Também

o fato de Noemi e Boaz serem chamados de "homem e mulher" faz com que percam a identidade e sejam vistos apenas pelo lado físico.

Boaz não tira proveito da situação: elogia Rute mais uma vez, chamando-a de benevolente por não procurar um jovem, comenta que "Agora, pois, minha filha, não tenhas receio; tudo quanto disseste eu te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa" (Rt 3.11). É de se admirar que uma mulher estrangeira e pagã e com esse comportamento sedutor receba esses elogios e consideração de Boaz. A intenção do narrador é construir uma imagem de Rute como mulher de valor merecedora da aceitação de Israel. Ao mesmo tempo, o leitor é continuamente lembrado de que a nora de Noemi é estrangeira: em um pequeno livro de quatro capítulos, o narrador repete oito vezes que Rute é moabita. Isso mostra que ter fé em Deus é uma questão de muito maior relevância do que ser gentia - não judia, não pertencente ao povo originariamente escolhido.

O narrador realmente não deixa dúvidas de que se trata de uma narrativa sobre mulheres protagonistas que têm fé, seu poder e suas resoluções. As personagens masculinas são desvalorizadas já que têm papéis secundários, abandonam sua terra e morrem sem deixar descendentes.

Sois, hoje, testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque, a Quiliom e a Malom; e também tomo por mulher Rute, a moabita, que foi esposa de Malom, para suscitar o nome deste sobre a sua herança, para que este nome não seja exterminado dentre seus irmãos e da porta da sua cidade; disto sois, hoje, testemunhas. (Rt 4.9-10)

Na verdade, Boaz, sentindo-se lisonjeado com o assédio de Rute, estava agindo de acordo com a trama de Noemi.

No final da narrativa, as personagens femininas assumem o controle total novamente. Após Rute conceber, Boaz desaparece. As mulheres comemoram o nascimento do herdeiro:

Então, as mulheres disseram a Noemi: Seja o SENHOR bendito, que não deixou, hoje, de te dar um neto que será teu resgatador, e seja afamado em Israel o nome deste. Ele será restaurador da tua vida e consolador da tua velhice, pois tua nora, que te ama, o deu à luz, e ela te é melhor do que sete filhos (Rt 4.14-15).

Elas exaltam a Deus, celebram a importância do herdeiro e colocam Rute, a nora pagã e estrangeira, como melhor que sete filhos. Lembremos que sete é justamente o número da perfeição e o número ideal de filhos: "Os que antes eram

fartos hoje se alugam por pão, mas os que andavam famintos não sofrem mais fome; até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor" (ISm2.5). Então, nenhum filho pode se comparar a Rute.

O narrador continua apenas com as personagens femininas: "As vizinhas lhe deram nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E lhe chamaram Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi" (Rt 4.17). O narrador não explica a ausência de Boaz, o pai, e nem a razão para que as vizinhas deem o nome ao bebê. É como se a importância e poder feminino já estivessem bem definidos na narrativa e esse momento de celebração do desfecho apenas tivesse sentido se partilhado apenas por mulheres.

Rute passa de estrangeira, inimiga e desprezada de Israel a exemplo de fé e matriarca como bisavó de Davi. Sua presença na genealogia de Jesus demonstra o acesso ao reino de Deus possível a pessoas de todas as raças. A tradição judia guarda o nome de Rute como exemplo de fidelidade, dedicação, obediência e fé para Israel.

A última personagem do Antigo Testamento a ser mencionada na genealogia é "a mulher de Urias". Bate-Seba é diferente das demais personagens. Ela é apresentada como uma mulher objeto e os leitores esperam a hora da virada, quando a personagem reage, mostra sua personalidade e toma uma posição. Mas isso não acontece. Ela permanece estática, com os homens ao seu redor tomando as decisões. A narrativa encontra-se em 2 Samuel 11:

11.1 Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra, enviou Davi a Joabe, e seus servos, com ele, e a todo o Israel, que destruíram os filhos de Amom e sitiaram Rabá; porém Davi ficou em Jerusalém. **11.2** Uma tarde, levantou-se Davi do seu leito e andava passeando no terraço da casa real; daí viu uma mulher que estava tomando banho; era ela mui formosa. **11.3** Davi mandou perguntar quem era. Disseram-lhe: É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu. **11.4** Então, enviou Davi mensageiros que a trouxessem; ela veio, e ele se deitou com ela. Tendo-se ela purificado da sua imundícia, voltou para sua casa. **11.5** A mulher concebeu e mandou dizer a Davi: Estou grávida. **11.6** Então, enviou Davi mensageiros a Joabe, dizendo: Manda-me Urias, o heteu. Joabe enviou Urias a Davi. **11.7** Vindo, pois, Urias a Davi, perguntou este como passava Joabe, como se achava o povo e como ia a guerra. **11.8** Depois, disse Davi a Urias: Desce a tua casa e lava os pés. Saindo Urias da casa real, logo se lhe seguiu um presente do rei. **11.9** Porém Urias se deitou à porta da casa real, com todos os servos do seu senhor, e não desceu para sua casa. **11.10** Fizeram-no saber a Davi, dizendo: Urias não desceu a sua casa. Então, disse Davi a Urias: Não vens tu de uma jornada? Por que não desceste a tua casa? **11.11** Respondeu Urias a Davi: A arca,

Israel e Judá ficam em tendas; Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados ao ar livre; e hei de eu entrar na minha casa, para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Tão certo como tu vives e como vive a tua alma, não farei tal coisa. **11.12** Então, disse Davi a Urias: Demora-te aqui ainda hoje, e amanhã te despedirei. Urias, pois, ficou em Jerusalém aquele dia e o seguinte. **11.13** Davi o convidou, e comeu e bebeu diante dele, e o embebedou; à tarde, saiu Urias a deitar-se na sua cama, com os servos de seu senhor; porém não desceu a sua casa. **11.14** Pela manhã, Davi escreveu uma carta a Joabe e lha mandou por mão de Urias. **11.15** Escreveu na carta, dizendo: Ponde Urias na frente da maior força da peleja; e deixai-o sozinho, para que seja ferido e morra. **11.16** Tendo, pois, Joabe sitiado a cidade, pôs a Urias no lugar onde sabia que estavam homens valentes. **11.17** Saindo os homens da cidade e pelejando com Joabe, caíram alguns do povo, dos servos de Davi; e morreu também Urias, o heteu. **11.18** Então, Joabe enviou notícias e fez saber a Davi tudo o que se dera na batalha. **11.19** Deu ordem ao mensageiro, dizendo: Se, ao terminares de contar ao rei os acontecimentos desta peleja, **11.20** suceder que ele se encolerize e te diga: Por que vos chegastes assim perto da cidade a pelejar? Não sabíeis vós que haviam de atirar do muro? **11.21** Quem feriu a Abimeleque, filho de Jerubesete? Não lançou uma mulher sobre ele, do muro, um pedaço de mó corredora, de que morreu em Tebes? Por que vos chegastes ao muro? Então, dirás: Também morreu teu servo Urias, o heteu. **11.22** Partiu o mensageiro e, chegando, fez saber a Davi tudo o que Joabe lhe havia mandado dizer. **11.23** Disse ao mensageiro a Davi: Na verdade, aqueles homens foram mais poderosos do que nós e saíram contra nós ao campo; porém nós fomos contra eles, até à entrada da porta. **11.24** Então, os flecheiros, do alto do muro, atiraram contra os teus servos, e morreram alguns dos servos do rei; e também morreu o teu servo Urias, o heteu. **11.25** Disse Davi ao mensageiro: Assim dirás a Joabe: Não pareça isto mal aos teus olhos, pois a espada devora tanto este como aquele; intensifica a tua peleja contra a cidade e derrota-a; e, tu, anima a Joabe. **11.26** Ouvindo, pois, a mulher de Urias que seu marido era morto, ela o pranteou. **11.27** Passado o luto, Davi mandou buscá-la e a trouxe para o palácio; tornou-se ela sua mulher e lhe deu à luz um filho. Porém isto que Davi fizera foi mau aos olhos do SENHOR.

No livro de 2 Samuel, entre as ações heroicas do rei e comandante de exército, Davi aparece como o vilão ao tomar a esposa de seu soldado, Urias.

Adele Berlin, *Characterization in biblical narrative: Davi's wives*, chega a dizer que Bate-Seba não é uma personagem, apenas faz parte do enredo. Numa narrativa sobre adultério, era necessário uma mulher casada e Bate-Seba preenche esse requisito. (1992, p.224).

A narrativa começa com a exposição, estabelecendo a referência temporal e espacial: "decorrido um ano, no tempo²² em que os reis costumam sair para a guerra

²² Conforme comentário da Bíblia de Genebra: "a primavera representava um momento propício para manobras militares, já que as chuvas de inverno haviam cessado e o trabalho pesado na lavoura ainda não havia começado" (2014, p.414).

enviou Davi a Joabe , e seus servos, com ele, e a todo Israel, que destruíram os filhos de Amom e sitiaram Rabá; porém Davi ficou em Jerusalém" (2Sm 11.1). Podemos notar o tom de crítica do comentário do narrador sobre a permanência de Davi em Jerusalém: sendo rei, Davi pode escolher o que fazer, mas como o narrador colocou, era comum, os reis saírem para as guerras.

O narrador introduz Bate-Seba na narrativa como uma "mulher mui formosa". Então, apenas um corpo. Davi se interessa por ela e manda perguntar quem é. Temos, então, seu nome e informações sobre seu pai e seu esposo: "Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu" (2Sm 1.2). O leitor sabe, então, que Bate-Seba é israelita e seu marido, estrangeiro. Com o decorrer da narrativa, ela não demonstra seus sentimentos e muito menos seus pensamentos ou opiniões , enquanto seu marido, é um soldado fiel e leal.

A narrativa acelerada não apresenta detalhes, nem diálogos, estratégia que serve para enfatizar a falta de iniciativa de Bate-Seba: "Então, Davi enviou mensageiros que a trouxessem". Davi não vai falar com ela. Ele é o rei. Apenas a manda buscar. "Ela veio, e ele se deitou com ela. Tendo-se ela purificado da sua imundícia, voltou para casa" (2Sm 1.4). O narrador não comenta se ela aceita vir sem fazer perguntas, se resiste num primeiro momento, apenas que vem e se deita, se lava e vai embora. Bate-Seba continua como um objeto e o leitor não faz ideia de seus sentimentos. No desfecho dessa mininarrativa, o narrador continua lacônico e termina: "A mulher concebeu e mandou dizer a Davi: Estou grávida" (2Sm1.5).²³ O narrador já revelou seu nome, mas volta a chamá-la de "mulher", reafirmando seu papel de objeto sem voz. Nem tendo ficado grávida, fala com Davi, apenas manda avisá-lo. Davi fica obviamente desorientado com a notícia e começa a armar planos para se ver livre da condenação.

Neste momento, a preocupação de Davi é consigo mesmo e com Urias, seu soldado e marido de Bate-Seba, que não pode descobrir que a esposa está grávida. É notório que sua preocupação com Urias é muito maior do que com Bate-Seba já que ela não tem voz, mas seu marido está na guerra, então, não há como explicar a gravidez. O narrador mostra a aflição e angústia de Davi ao tentar fazer com que Urias se deite com sua mulher para fazê-lo pensar que ela está grávida dele. Davi diz para Urias: "Desce a tua casa e lava os pés" (2 Sm 11.8). Como na narrativa de

²³ "Se um homem for achado deitado com uma mulher que tem marido, então, ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher e a mulher; assim, eliminarás o mal de Israel" (Dt 22.22)

Rute, a palavra "pés" aparece como eufemismo de órgão sexual, então, Davi sugere que seu soldado se deite com sua mulher. Urias se recusa a ir para casa e declara sua lealdade e solidariedade para com seu comandante e os outros soldados:

A arca, Israel e Judá ficam em tendas; Joabe, meu senhor, e os servos de meu senhor estão acampados ao ar livre, e hei de eu entrar na minha casa, para comer e beber e para me deitar com minha mulher? Tão certo como tu vives e como vive a tua alma, não farei tal coisa. (2Sm1.11)

A culpa e o desassossego de Davi aumentam sobremaneira depois de ouvir tal declaração de um soldado tão leal, cujo nome significa "o Senhor é a minha luz". O narrador instala aqui o grande conflito da narrativa: Bate-Seba grávida do rei que tenta de qualquer maneira esconder esse fato. Após Urias declarar sua solidariedade para com os outros soldados, Davi sente que seu erro parece ter ficado maior ainda e tenta embriagar seu soldado. Porém, Urias está convicto do que deve fazer. O narrador usa a estratégia narrativa da desaceleração neste momento: o trecho é cheio de detalhes e diálogos para mostrar a importância de Urias e o tamanho do erro de Davi contrastando com a narrativa rápida do episódio entre o rei e Bate-Seba.

Davi arquiteta um plano pior ainda: colocar Urias na frente da batalha e sozinho para que ele seja ferido e morra. Toda a ação é descrita com pormenores e diálogos entre o mensageiro e Davi. O relato da morte de Urias se repete três vezes. Primeiro, o narrador nos conta: "Saindo os homens da cidade e pelejando com Joabe, caíram alguns do povo, dos servos de Davi; e morreu também Urias, o heteu" (2Sm 11.16). Depois, Joabe dá ordens ao mensageiro que diga: "Então, dirás: Também morreu teu servo Urias, o heteu" (2Sm 11.21). Então, finalmente, temos o discurso direto do mensageiro dando o relato da batalha a Davi, dizendo: "Então, os flecheiros, do alto do muro, atiraram contra os teus servos, e morreram alguns dos servos do rei; e também morreu o teu servo Urias, o heteu" (2Sm 11.24). A estratégia da repetição serve para enfatizar a culpa de Davi e o absurdo do plano de matar um soldado leal para acobertar um momento impensado de fraqueza do rei. Com a morte de Urias, o conflito se resolve.

O narrador volta sua atenção a Bate-Seba e sua situação desprestigiada. Para evidenciar essa posição fraca perante a posição de poder de Davi, o narrador retorna à narrativa acelerada: "Ouvindo, pois, a mulher de Urias que seu marido era morto, ela o pranteou" (2Sm 11.26). O narrador chama Bate-Seba não pelo seu

nome , mas de "a mulher de Urias" , ressaltando assim, seu papel social e seu dever, que nesse momento, é o de chorar. A falta de comentários acerca de seus sentimentos de perda e tristeza trazem a ideia de indiferença.

Davi age maquinalmente, apenas para não provocar escândalo: "Passado o luto, Davi mandou buscá-la e a trouxe para o palácio; tornou-se ela sua mulher e lhe deu à luz um filho. Porém isto que Davi fizera foi mau aos olhos do SENHOR" (2Sm 11.27). Essa é a primeira vez que o narrador faz um comentário avaliativo e realmente é o começo de um época de muito sofrimento para o rei.

O narrador deixa claro que Davi pode ter resolvido o problema superficialmente ao eliminar o marido, casar com Bate-Seba e legitimar o nascimento do filho. Porém, de Deus, Davi não pode esconder nada. E mais adiante na narrativa, o juízo divino cai sobre Davi e Deus faz a criança adoecer e morrer: "E o Senhor feriu a criança que a mulher de Urias dera à luz a Davi; e a criança adoeceu gravemente" (2 Sm12.15). Notemos que Bate-Seba ficou viúva e está casada com Davi e o narrador a chama de "a mulher de Urias". Ela ainda é vista como mulher de outro homem. E é dessa mesma forma que o narrador a chama, "a mulher de Urias", na genealogia de Jesus. Omitir seu nome intensifica sua posição de submissa, sem direitos próprios.

O sofrimento de Bate-Seba com a perda do filho inocente de acordo com Liz Curtis Higgs, em *Bad girls of the Bible and what we can learn from them*, prefigura o sofrimento de Maria que também veria seu filho Jesus morrer sendo inocente (2013, p.182).

Após a morte da criança, porém, Bate-Seba engravida novamente: "Então, veio Davi a Bate-Seba, consolou-a e se deitou com ela; teve ela um filho a quem Davi deu o nome de Salomão; e o Senhor o amou" (2Sm 12.24). É como mãe de Salomão, outro rei opressor, que Bate-Seba entra para a genealogia de Jesus. A redenção de Bate-Seba veio a partir de seu filho, Salomão, assim como a redenção de Maria, veio de seu filho, Jesus.

Essas quatro personagens do Antigo Testamento são marginalizadas e discriminadas e mesmo assim, fazem parte importante da história de Israel e apontam para Maria, a mãe de Jesus no Novo Testamento.

Maria é uma moça judia, humilde, de uma pequena cidade de Israel e demonstra uma grande fé visto que aceita toda essa angústia de estar grávida sendo solteira.

Maria e José haviam firmado um contrato de matrimônio. Carter explica que durante aproximadamente um ano, anterior ao casamento, o casal era referido como "marido" e "esposa", a mulher permanecia com sua família e o casal não vivia junto nem tinha relações sexuais. Carter conclui: "Grávida e desposada, Maria está, segundo padrões culturais convencionais, na margem social econômica e religiosa" (2002, p.99).

Uma virgem prometida estando grávida estaria cometendo adultério e a pena seria o apedrejamento (Dt 22.21). Esse era o risco que Maria correria se José a tivesse abandonado. Vemos, então, que a história de Maria está entrelaçada com as narrativas das outras quatro personagens do antigo testamento. Suas histórias levantam dúvidas sobre seus valores e suas vidas sexuais:

Tamar: cananeia que seduz o sogro

Raabe: prostituta de Jericó (terra inimiga dos israelitas)

Bate-Seba: considerada adúltera, esposa de estrangeiro

Rute: moabita (povo amaldiçoado) seduz Boaz

Maria: judia, estando prometida, fica grávida

A concepção de Maria pelo Espírito Santo leva a duas conclusões. Em primeiro lugar, Deus não privilegia a estrutura familiar patriarcal e Jesus irá propor uma ideia diferente de família: "E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mt 12.49-50). E em segundo lugar, segundo Carter, a concepção "antecipa o tema que a filiação à nova comunidade de Jesus não está constituída pela descendência através da linhagem biológica ou étnica do pai. Esta comunidade será não-patriarcal e etnicamente inclusiva (2002, p.100).

A voz ativa é usada por toda a genealogia, trinta e nove vezes, na expressão "A gerou B" para focalizar a estrutura patriarcal. E esse modelo só se quebra quando o narrador relata o nascimento de Jesus. Dorothy Jean Weaver em *Women and God in the gospel of Matthew* comenta sobre a surpresa da ruptura dessa repetição estrutural e seu significado:

o leitor espera que a genealogia termine com a frase padrão " e José gerou a Jesus...que se chama o Cristo". É isso que a narrativa pede, já que Mateus identificou Jesus em 1.1 como " filho de Davi, filho de Abraão". A rígida estrutura repetitiva da genealogia requer uma conclusão igualmente repetitiva. Ao invés disso, o leitor fica sabendo

que José é apenas "marido de Maria, da qual nasceu Jesus. [...] O leitor agora sabe que há muito mais em jogo do que apenas uma sucessão de pais e filhos na genealogia. (2010, p.395, tradução nossa)

A voz passiva, que muitas vezes implica a ação de Deus, de acordo com Carter em *O Evangelho de São Mateus* (2002, p.97) mantém a atenção do leitor fixa em Maria, como mãe de Jesus: "E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama, o Cristo" (Mt 1.16).

Na Antiguidade, a esterilidade feminina não era apenas uma questão de não realização pessoal. Em termos práticos e sociais, eram os filhos homens que garantiam o sustento, que participavam das guerras e que perpetuavam o nome da família. Em termos espirituais, ser estéril significava que essas mulheres haviam sido esquecidas por Deus. Por essa razão, as questões relacionadas com maternidade são extremamente complexas e todas as cinco personagens da genealogia de Jesus apresentam histórias pessoais complicadas e controvertidas até gerarem filhos que as redimem de seu passado. As cinco personagens, Tamar, Rute, Raabe, Bate-Seba e Maria tornam-se mães de maneiras inesperadas e entram na trama da transmissão da promessa: a vinda do Messias. Jesus é descendente de Abraão e Davi porque, assim como eles, foi chamado para um grande papel nos propósitos de Deus, como afirma Carter em *Matthew, storyteller, interpreter, evangelist* (1996, p.122).

Robert L. Hubbard discorre sobre um comportamento extremamente valorizado no Antigo Testamento que engloba lealdade, justiça, comprometimento e fidelidade: "hesed" em hebraico. Comenta que todas as vezes que as personagens se comportam dessa maneira é porque o próprio Deus atua nelas. É o estilo de vida ideal para Israel e o que está em concordância com o reino de Deus (2008, p.108).

Esse comportamento é o elo de ligação entre essas personagens femininas da genealogia de Jesus. Elas mostraram-se justas e leais quando esse comportamento não era esperado delas, e sim de outras pessoas ou grupos que falharam em viver dessa maneira que o reino de Deus requer. Até mesmo Bate-Seba. Nesse episódio ainda como esposa de Urias, deita-se com o rei Davi e mostra-se totalmente submissa. Porém, um pouco mais adiante, como esposa do rei Davi, sabe impor-se e convencer o marido que seu filho Salomão deve herdar o trono e com isso torna-se rainha-mãe (1 Rs1.11-31).

É claro o contraste entre o comportamento leal e justo que tiveram e a atitude superficial do suposto povo de Deus nessas narrativas. Tamar foi justa, enquanto Judá tentou enganá-la; Raabe acreditou no poder de Deus e os israelitas no deserto tinham uma fé inconstante; Rute foi leal e bondosa e Israel era discriminador na época do exílio; Bate-Seba foi paciente e Davi agiu por impulso; Maria teve fé, humildade e confiança enquanto as autoridades judaicas e líderes religiosos foram infiéis, desonestos e covardes.

Concluindo, a genealogia de Jesus, que é a abertura do livro de Mateus, tem o objetivo de estabelecer um ponto de vista sob o qual toda a narrativa vai se desenrolar e os valores que devem ser observados pelos ouvintes/leitores quando avaliarem os eventos, falas e personagens. Deus aparece como a personagem principal já que através de suas ações controla as situações e intervém nos assuntos humanos das personagens israelitas e gentias da história de Israel até o nascimento de Jesus.

5.2 As Mulheres e o Poder de Jesus : Mt 9.18-26

As narrativas bíblicas, em várias ocasiões, apresentam duas histórias entrelaçadas como estratégia para aumentar a tensão, causar surpresa, intensificar uma complexidade ou colaborar para a compreensão do tema.

O texto de Mt 9.18-26 trata-se exatamente do caso de uma narrativa que interrompe outra e a complementa. Ele é composto de duas histórias, a morte da filha de um chefe e a mulher com hemorragia crônica.

Transcrevemos as narrativas abaixo:

9.18 Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá.

9.19 E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos.

9.20 E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste;

9.21 porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada.

9.22 E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã.

9.23 Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse:

9.24 Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme. E riam-se dele.

9.25 Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou.

9.26 E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra.

Essas duas histórias entrelaçadas realçam a característica do narrador que, apesar de onisciente, deliberadamente não fornece informações que o leitor pode julgar necessárias para a compreensão do texto. Essa estratégia instiga o leitor a fazer as conexões entre as duas histórias e, acima de tudo, continuar a leitura do evangelho para melhor compreensão da atitude do protagonista. O narrador de Mateus parece não ter pressa em revelar as razões para as atitudes do protagonista ou explicar a missão de Jesus com detalhes: o leitor deve continuar juntando as peças, compreendendo que existe um vínculo entre cada narrativa até o final do evangelho.

Marguerat e Bourquin comentam que "o processo de encaixe de uma narrativa em outra é o instrumento de uma estratégia narrativa cujo alvo é o leitor; a integração de um episódio no interior de uma história mais vasta visa a permitir uma migração de informações[...]" (2009, p.70). No caso dessas duas narrativas, a história da filha de um chefe requer a "implantação desse enxerto narrativo" (a narrativa da mulher com hemorragia) para ser compreendida.

A exposição da narrativa traz um novo referencial espacial e uma nova atitude das multidões. O capítulo anterior se encerra na terra dos gadarenos e "a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles" (Mt8.34). No capítulo 9, versículo 1, Jesus faz o que lhe pediram: "Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade". Jesus, naturalmente, é muito conhecido em sua cidade e sempre uma multidão espera pela sua vinda. Porém, mesmo ali, seus opositores também o acompanham: os escribas, fariseus. Jesus é questionado pelos escribas, depois pelos discípulos de João. Essas duas narrativas de oposição são ligadas a duas narrativas de aceitação de Jesus, milagres e fé: "Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá (Mt9.18).

Como já comentamos há pouco, o narrador adota a estratégia de deixar espaço para o leitor questionar e refletir. O narrador, em apenas uma frase,

apresenta as duas personagens: o chefe e sua filha; relata a situação: a filha está morta; e narra o pedido do pai: que Jesus imponha suas mãos sobre ela.

Temos a informação de que se trata de um *αρχων* em grego, chefe da sinagoga. Isso faz desse homem um homem da elite social e , mais relevante que isso, se não ele próprio oponente de Jesus, com certeza pertencente a um grupo de oposição à comunidade messiânica. O homem é judeu, do povo escolhido, porém, pertencente ao grupo de judeus que se opõe aos ensinamentos de Jesus. Esse chefe da sinagoga, porém, por causa de sua necessidade e total impossibilidade de conseguir solução para o drama da morte de sua filha, resolve recorrer a Jesus. Devido à sua posição, poderia procurar Jesus em segredo, mas resolve fazer seu apelo publicamente, sem se preocupar com a reação das pessoas da sinagoga, da cidade e da própria família. Então, em primeiro lugar, a necessidade do chefe da sinagoga é tremenda e inadiável. O chefe também demonstra respeito por Jesus, em frente a toda multidão, já que se aproxima em adoração, antes de falar qualquer coisa. Julga, porém, serem, de certa forma, semelhantes porque tem liberdade para se aproximar, abordar Jesus, falar sobre sua filha e dizer: "vem". Em terceiro lugar, o chefe mostra ter uma fé excepcional também já que até esse momento da narrativa Jesus não havia ressuscitado ninguém, apenas feito curas impressionantes. Sua filha está morta; uma situação terrível e definitiva, mas não para esse pai que declara: "impõe a mão sobre ela, e viverá" (Mt 19.18). Ele acredita no poder do toque de Jesus; não há dúvida para ele: ela viverá. Em outras ocasiões, Jesus comentou que a fé das pessoas as havia curado, mas agora esse pai, ao passar pela tragédia de ter a filha morta, mostra ter fé a ponto de acreditar que Jesus pode ressuscitá-la. A frase dita com tanta veemência deve ter convencido Jesus a segui-lo.

Jesus não responde nada, não faz perguntas, apenas "o segue" e seus discípulos também. Desde o começo do evangelho, as multidões e os discípulos seguem Jesus. Inesperadamente, o narrador coloca Jesus seguindo um homem que lhe faz um pedido.

O narrador não fornece o nome da menina, a causa de sua morte ou onde ela está nem muitas outras informações que o leitor poderia gostar de receber para poder montar toda a história dessa família. Novamente lembramos que o foco do evangelho é mostrar quem é Jesus. Numa biografia greco-romana, esse objetivo é alcançado por meio das ações e falas de Jesus e, além disso, o narrador mateano

exige a interpretação do leitor. Os únicos pontos que o narrador deseja destacar são: o pai é chefe de uma sinagoga e acredita que Jesus é enviado de Deus. Carter afirma que as autoridades religiosas se recusam a reconhecer a autoridade e a identidade de Jesus como agente ungido de Deus ou Cristo. Apesar de Jesus pregar diversas vezes em sinagogas, a narrativa do evangelho de Mateus mostra esse conflito crescente entre Jesus e a elite religiosa cujos representantes são os escribas os fariseus e as sinagogas, os antagonistas da trama. Por essa razão, o fato de um chefe da sinagoga pertencente a um grupo que não só não aceita Jesus como o Messias, mas o persegue, demonstrar uma fé impressionante e não ter medo, nem vergonha de demonstrá-la publicamente merece destaque. Esse homem se sente impotente apesar de ser chefe da sinagoga e, reconhecendo seus limites, se volta para Jesus.

A estratégia do narrador de não dar a voz a Jesus tem como objetivo prender o leitor à narrativa e estimulá-lo a imaginar o que está acontecendo? O que Jesus quer mostrar com seu silêncio?

A trama se complica mais, já que, no caminho, uma mulher faz Jesus parar. A mulher anônima, não apenas doente, mas que há doze anos sofre de uma hemorragia, problema que lhe causa segregação conjugal, social e religiosa devido ao código de pureza levítico²⁴, se aproxima de Jesus de maneira diferente do chefe. Além de ser desconhecida, também quer passar despercebida e não o aborda, mas vem por trás e toca a ponta de sua veste. O narrador revela seu pensamento: "Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada."

A mulher desconhecida, discriminada, sem nada para identificar seu status, sofrida e isolada da família e da comunidade, tão diferente do chefe, demonstra também uma necessidade imensa e a mesma fé. E por causa dessa fé, Jesus para, se volta e fala com ela: "Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou" (Mt 9.22). Jesus vê não apenas o sofrimento físico das pessoas que o procuram.

A filha do chefe e a mulher hemorrágica são dois opostos arquetípicos de status econômico e social. A filha do chefe provavelmente sempre teve o pai para cuidar e se preocupar com ela, enquanto a mulher está isolada de todos há muitos

²⁴ "Também a mulher, quando manar fluxo do seu sangue, por muitos dias fora do tempo da sua menstruação ou quando tiver fluxo do sangue por mais tempo do que o costumado, todos os dias do fluxo será imunda, como nos dias da sua menstruação. Toda cama sobre que se deitar durante os dias do seu fluxo ser-lhe-á como a cama da sua menstruação; e toda coisa sobre que se assentar será imunda, conforme a impureza da sua menstruação. Quem tocar estas será imundo; portanto, lavará as suas vestes, banhar-se-á em água e será imundo até à tarde" (Lv 15.25-27).

anos e não tem quem se preocupe com ela ou procure ajuda para ela. Porém, nesse momento, Jesus a chama de "filha" e a encoraja porque sabe como sua vida tem sido restrita e solitária. Nesse momento, as duas narrativas são unidas pela mesma identidade: as duas personagens são filhas. Na narrativa da cura do parálico, Jesus diz a mesma frase: "Tem bom ânimo, filho" (9.2). Um pouco adiante, Jesus dirá : "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mt 12.50).

O narrador, então, afirma : "E, desde aquele instante, a mulher ficou sã" (Mt 9.22). Jesus dá a cura que a mulher precisa rapidamente, dizendo que sua fé a tinha salvado. Como Todorov lembra: "Contando a história de uma outra narrativa, a primeira atinge seu tema essencial" (2008, p.126). Esse é o sentido desse texto interpolado. A filha do chefe está morta, mas Jesus o assegura de que se ele realmente tem fé, Jesus vai salvá-la.

Imediatamente Jesus chega na casa do chefe e sua primeira atitude é dispensar os tocadores de flauta²⁵ e o povo. Essa é mais uma atitude de Jesus que causa surpresa: se ele vai pela primeira vez realizar um milagre de ressurreição por que não querer muitas testemunhas de seu poder? Acreditamos que o objetivo de Jesus é não ser visto e procurado por ser um realizador de milagres. John Macarthur em *The New Testament Commentary*, ao comentar sobre os milagres realizados por Jesus, diz que "as curas e ressurreições não existem apenas para o bem das pessoas. Jesus realiza os milagres para mostrar a sua divindade e estabelecer sua credenciais como o Messias predito pelos profetas do Antigo Testamento" (1987, p.75, tradução nossa).

Como já comentamos, a intertextualidade textual ou discursiva percorre todo o evangelho de Mateus. Jesus, ao querer ficar sozinho para ressuscitar a filha do chefe da sinagoga lembra dois episódios do Antigo Testamento. A história do filho da viúva, que hospeda e alimenta Elias, e quando o menino morre, o profeta diz: "Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama" (IRs17.19). Elias ora e Deus atende seu pedido: "O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu" (IRs17.22). A história se repete em IIReis. Eliseu, sucessor de Elias, é chamado porque morreu o filho de um casal que sempre o hospeda.

²⁵ Segundo nota da Bíblia de genebra, os tocadores de flauta eram "murmuradores profissionais que ajudavam os enlutados a expressarem a sua tristeza" (2014, p.1244).

Chegando lá, "Então, entrou, fechou a porta sobre eles ambos e orou ao SENHOR (II Rs 4.33). E Deus também atende sua oração e Eliseu diz a mãe: Toma o teu filho (II Rs 4.36).

Igualmente na história da filha do chefe, além de não deixar que as pessoas permaneçam lá, Jesus afirma que a menina não está morta, mas apenas dorme, o que faz com que as pessoas riem dele. Jesus não explica suas razões, apenas dispensa as testemunhas. David Hill lembra que "O ponto é que Deus está para mostrar, no ministério de Jesus, que a morte não é aquele fim absoluto que os homens temem e o narrador também não menciona os discípulos, nem o pai: apenas Jesus e a menina.

O narrador diz, mais uma vez, que "afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou" (Mt 9.26). Interessante notar que além das duas personagens femininas representarem opostos como rica/pobre, conhecida / desconhecida, protegida / desprotegida, amada / abandonada, criança/adulto, viva/morta a realização de seus pedidos também apresenta uma dualidade. A mulher desconhecida que se aproxima por trás e, sem dizer nada, toca a veste de Jesus, recebe sua cura em público. O chefe conhecido que aborda Jesus, lhe dirige a palavra e pede que o acompanhe, recebe o milagre da ressurreição de sua filha em privado, em sua casa sem a presença do povo.

Marguerat e Bourquin, ao discutirem a questão do encaixe, salientam a importância de se observar o ponto exato em que uma história se encaixa na outra, para saber o efeito do processo de encaixe buscado pelo narrador. Ao curar a mulher e dizer "a tua fé te salvou", Jesus está dizendo a Jairo que se ele realmente tem fé, sua filha vai voltar a viver. Essa frase de Jesus é o fio condutor das duas narrativas e o recado do protagonista sobre sua missão: a fé que está ao alcance de todas as pessoas indiscriminadamente, e não é por acaso e, sim, uma escolha do narrador, ter o foco centrado nas mulheres. Assim como já demonstrava a genealogia de Jesus, o narrador do evangelho de Mateus enfatiza o relacionamento do protagonista com mulheres. Contrariando os costumes da sociedade patriarcal da época, personagens mulheres recebem destaque na narrativa mateana.

5.3 A Perseverança de uma Gentia: Mt 15.21-28

O capítulo 15 de Mateus tem o foco na identidade de Jesus, em especial, na autoridade dada a ele por Deus para manifestar o reinado divino. Jesus é o agente de Deus e seu ministério testifica isso. As pessoas ao seu redor devem discernir sua identidade por meio de seus atos e falas. Alguns compreendem isso, outros não. Vejamos alguns exemplos da identidade e autoridade de Jesus:

Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram? Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada (Mt 15.12-13)
De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel (Mt 15.31)
tomou os sete pães e os peixes, e, dando graças, partiu, e deu aos discípulos, e estes, ao povo. Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças (Mt 15.36, 38)

No início do capítulo 15, temos mais um episódio de confronto entre os fariseus²⁶, os escribas e Jesus. A narrativa se passa em Genesaré, cidade perto de Cafarnaum, à beira da mar da Galileia, onde ocorreu grande parte do ministério de Jesus. Nesse local que representa aceitação de Jesus²⁷, os fariseus e os escribas o confrontam sobre o comportamento de seus discípulos que não lavam as mãos quando comem²⁸ como os anciãos recomendam para que não haja contaminação. Jesus reprovava o zelo ritual exagerado, ainda mais quando valores que mereciam maior consideração são esquecidos. Jesus responde aos fariseus e escribas:

Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem [...].(Mt 15.17-20).

Tendo falado sobre o comportamento errado dos fariseus, o narrador realça agora a atitude correta de uma pessoa de fé e, como exemplo, narra a história do

²⁶ "Os fariseus eram conhecidos por sua interpretação acurada do Torá em termos gerais e, em particular, por seu recurso a tradições orais especiais, não constantes na própria Torá de Moisés em sua forma escrita" (STEGEMANN, Ekkehard; STEGEMANN, W. História social do protocristianismo. São Paulo: Paulus, 2004, p.182.

²⁷ "Galileia significa esperança para os gentios". GARDNER, Richard, B. **Matthew**. Pennsylvania: Herald Press, 1991, p.401. "Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz" (Mt 4. 15-16).

²⁸ De acordo com a Bíblia de Genebra, existia todo um tratado sobre os detalhes da limpeza das mãos, quantidade de água, quantas vezes era necessário enxaguá-las, etc. Isso fazia parte das leis orais conhecidas como tradições dos anciãos e os fariseus davam tanta importância a elas quanto à lei escrita (2014, p.1254).

encontro de uma mulher cananeia com Jesus. Desde os tempos do Antigo Testamento, Canaã foi decretada por Deus como terra inimiga por adorar outros deuses:

Quando o SENHOR, teu Deus, te introduzir na terra a qual passas a possuir, e tiver lançado muitas nações de diante de ti, os heteus, e os gergaseus, e os amorreus, e os cananeus, e os ferezeus, e os heveus, e os jebuseus, sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; e o SENHOR, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas aliança, nem terás piedade delas; nem contrairás matrimônio com os filhos dessas nações; não darás tuas filhas a seus filhos, nem tomarás suas filhas para teus filhos; pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do SENHOR se acenderia contra vós outros e depressa vos destruiria. (Dt 7.1-4)

Ser cananeu representa o oposto de ser judeu, porém, assim como as personagens femininas da genealogia, o papel da mulher cananeia narrativa é ser exemplo de fé, mesmo sendo pagã. Diferentemente de todos os outros encontros de Jesus, a mulher cananeia é pagã que é a protagonista da história. A passagem está em Mateus 15.21-28:

15.21 Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom.

15.22 E eis que uma mulher cananéia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.

15.23 Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós.

15.24 Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

15.25 Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!

15.26 Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

15.27 Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos.

15.28 Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã.

O narrador começa a exposição estabelecendo um novo espaço que representa oposição a Jesus e seu ministério: "os lados de Tiro e Sidom" (v.1). Essas cidades foram expoentes comerciais durante o período bíblico e o julgamento sobre elas é um tema recorrente do Antigo Testamento como mostram estes trechos em Ezequiel:

Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e diz-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura.[...] Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu, e te reduzi a cinzas sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplam. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; vens a ser objeto de espanto e jamais subsistirás. (Ez 28.12;18-19)

Filho do homem, volve o rosto contra Sidom, profetiza contra ela e diz: Assim diz o SENHOR Deus: Eis-me contra ti, ó Sidom, e serei glorificado no meio de ti; saberão que eu sou o SENHOR, quando nela executar juízos e nela me santificar. Pois enviarei contra ela a peste e o sangue nas suas ruas, e os traspassados cairão no meio dela, pela espada contra ela, por todos os lados; e saberão que eu sou o SENHOR. (Ez 28.21-23)

Lembrando que uma das principais características principal característica do evangelho de Mateus é a intertextualidade com a Antigo Testamento, no caso dessa passagem, temos uma alusão discursiva, com a menção dessas cidades. Carter menciona que "são duas cidades pagãs de má fama na costa mediterrânea, denunciadas no Antigo Testamento pela riqueza excessiva e injusta" (2002, p.331).

O narrador não diz onde se dá o encontro da cananeia e Jesus, apenas que é perto dessa região das duas cidades, mas que a mulher vem de lá. Seu objetivo, então, é pontuar os opostos judeu/gentio, povo escolhido/povo amaldiçoado. Jesus tem sido perseguido e mal entendido em seu lar, na Galileia e agora, resolve ir para a região pagã em busca de paz. Podemos entender que a mudança de referência espacial indica a mudança do povo escolhido para judeus e pagãos; como Jesus indicará no seu último mandamento do evangelho para seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações [...]" (Mt28.20).

É a primeira vez no evangelho que essa região é citada; Jesus não costuma andar por ali e as multidões não o seguem nesse local. Essa mulher cananeia, de alguma forma, já sabe quem é Jesus e acredita em seus poderes. A protagonista entra em cena clamando "Senhor, filho de Davi". É a primeira vez no evangelho de Mateus que o narrador dá voz a uma mulher! E ela sabe aproveitar a oportunidade sabiamente. Ela o chamar de "Senhor" , indica que ela é sua seguidora, isto é, sua discípula²⁹. De fato, essa é a maneira como Pedro chama Jesus. E quando ela o chama de "filho de Davi" mostra que tem ciência de que Jesus veio para o povo de Israel, e mais importante ainda, está em concordância com o narrador que começa o

²⁹ O leproso (Mt 8.1-4); o centurião (Mt 8.5-13); e os dois cegos de Jericó (Mt 9. 27-31), além dos discípulos, também chamam Jesus de "Senhor". Todos eles demonstram fé genuína.

evangelho, chamando Jesus assim (Mt 1.1). Ela entende que não faz parte do povo escolhido, mas, mesmo assim, exige a bênção que é endereçada aos judeus; também expõe a culpa de grande parte do povo de Israel que não aceita Jesus como o Messias. Sua filha tem um problema espiritual, mas ela pede que Jesus tenha compaixão dela, como mãe. Ela vem implorar a Jesus por ela e pela filha. Importante é o fato de ela pedir compaixão. Macarthur acredita que "a pessoa que pede compaixão pede por algo imerecido. Essa mulher não se aproxima exigindo, mas implorando. Ela não pede a ajuda de Jesus com base na sua própria bondade, mas sim, com base na bondade dele" (1986, p.469).

Surpreendentemente, Jesus não diz nada. Não responde: "Ele, porém, não lhe respondeu palavra" (v.23). Alter comenta que a falta de comentários por parte de uma das personagens leva o leitor a especular sobre os motivos da conversa interrompida: "Quando o silêncio de um personagem é objeto de narração, podemos deduzir que a recusa a falar constitui por si mesma um elo significativo no encadeamento do enredo" (2007, p.125).

O conflito está instalado. Jesus já foi abordado por muitas pessoas necessitadas e sempre foi misericordioso e as atendeu prontamente. O narrador certamente prende a atenção do leitor que não entende o que está acontecendo.

A situação se torna ainda mais dramática. Quando Jesus não responde, os discípulos imediatamente interpretam o silêncio como uma recusa sua e como os gritos da mulher os têm incomodado porque ela "vem clamando atrás de nós" (v.23), eles se aproximam de Jesus e pedem que ele mande a mulher embora. Não estão preocupados com o drama da mulher. Apenas estão incomodados com os gritos dessa mulher insistente.

Jesus lhes responde que "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (v.24). Em Mt 10.5, Jesus já havia falado sobre os destinatários de sua missão: as ovelhas perdidas da casa de Israel:

A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; a estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel;

Porém, desde a genealogia, por meio da seleção das personagens, como já mostramos, a identidade de Jesus o coloca como o agente de Deus que tem um

povo escolhido, mas que não recusa pessoas de outras raças desde que tenham uma fé genuína; essa fé é o que as liga a Deus e não qualquer outra condição. Como já vimos, na genealogia de Jesus, a seleção de personagens inclui pagãos para começar a indicar como Jesus aceitaria povos de todas as nações. Quando Jesus nasce, os magos do Oriente, que são pagãos, vem para adorá-lo. Percebemos, então, que com o decorrer do evangelho³⁰, o sentido do "povo de Deus" vai migrando para os gentios. William Hendriksen comenta que: "É muito claro à luz da história dos magos não-judeus que vieram adorar o Rei recém-nascido[...] , que a evangelização do mundo estava desde o princípio incluída no propósito de Deus" (2001, p.701).

O leitor tem motivos para ficar intrigado com a fala de Jesus. Ele estava respondendo aos discípulos, porém, aparentemente, a mulher ouve e insiste: "Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!". (Mt 15.25) Ela ouve Jesus dizer que não foi enviado por Deus para outro povo, senão, o de Israel e, não desiste, pelo, contrário, o adora. É como se ela não pudesse evitar: ela tem fé, acredita na autoridade de Jesus, que ele é um enviado de Deus e está ali na sua frente ela tem que adorá-lo e não pode perder a oportunidade de cura para sua filha. Seu desespero é muito grande: ela pede que Jesus a socorra, não a sua filha! O sofrimento da mãe é maior do que o da filha. Ela não desiste e continua chamando Jesus de "Senhor".

A tensão aumenta sobremaneira visto que pela terceira vez, Jesus recusa sua súplica, e de modo aparentemente terminante: "Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos" (Mt 15.26). Mais uma vez, Jesus diz que as bênçãos de Deus são para seus filhos, os judeus, e não para os cachorrinhos, as outras raças.

O leitor agora já espera a insistência da mulher cananeia e uma objeção à essa discriminação, mas ela surpreende, aceitando a fala de Jesus, dizendo: "Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (Mt 15.27). A mulher cananeia não tem como negar sua origem, tão pouco como esconder sua fé. Acredita que o poder do reino é imenso, e o que ela pede, por outro lado, é apenas uma migalha.

³⁰ Mt 8.11; 15.28;21.43;22.8-10.

Carter toca no ponto central da narrativa quando diz que "A cena localiza Jesus em um mundo de barreiras étnicas, culturais, econômicas, políticas e religiosas. Jesus não está isento destes preconceitos, mas o reinado de Deus, responsável pela integridade e abundância, os destrói" (2002, p.407).

Porém, o próprio Carter afirma que: "As ações e palavras de Jesus realizam a comissão de Deus para manifestar a presença salvífica e o reinado de Deus. A citação bíblica de 8.17 confirma que ele faz a vontade divina" (2002, p. 261). A mulher cananeia, membro de um povo amaldiçoado e destinado a ser escravo (Gn9.25) representa o povo pagão não escolhido. Ela vem de uma terra que havia sido ocupada pelos israelitas num combate cruel e cuja vitória era vista como um presente de Deus para o povo escolhido. Jesus insiste em apontar essas características que não a qualificam para receber as bênçãos de Deus, mas a necessidade, a fé e a fibra dessa cananeia são mais contundentes que as razões para que ela seja discriminada.

Jesus mostra que não faz acepção de pessoas no seu ministério. Inclusive muitos que vivem à margem da sociedade são beneficiados por seus milagres:

Um leproso - Mt 8.1-4;

O empregado do centurião, agente de Roma - Mt 8.5-13;

Dois paralíticos - Mt 4.24;8.6-13³¹

Homem da mão ressequida - Mt 12.9-14;

Quatro mulheres - Mt 8.14-15; 9.18-26; 15.21-28;

Dois cegos - Mt 9. 27-31.

Quatro endemoniados - Mt 8.28-34, 9.32-34; 17.14-20

Marguerat e Bourquin explicando sobre a maneira como o narrador guia o leitor e "pode requerer a cooperação do leitor deixando espaços de indeterminação:

³¹ Lembramos que no Antigo Testamento (Lv 21.18) os deficientes eram considerados pessoas marginais e inaptas, inclusive para o sacerdócio.

escolhe elementos que deixa por conta da criatividade do leitor. A ausência proposital de precisões é um meio seguro de programar o efeito de uma narrativa" (2009, p.157). A estratégia do narrador do evangelho de Mateus de insistir na participação do leitor, em termos de observação e avaliação das cenas, também o que o estimula a fazer Jesus se recusar, por três vezes, a atender o pedido dessa mãe obstinada. Como já comentamos, Alter chama de estratégia de repetição de sequência de ações quando há três repetições consecutivas, intensificadas ou incrementadas de uma ocorrência para a outra, geralmente terminando num clímax ou numa inversão (2007, p. 148):

- Na primeira vez, Jesus se cala. O narrador usa o silêncio como forma de rejeição ao pedido da cananeia.

- Na segunda vez, Jesus fala que veio para as ovelhas perdidas de *Israel*, o que exclui outras nações.

- Na terceira e última vez, Jesus diz que o pão é para os filhos e não para os cachorrinhos! As bênçãos do reino de Deus são para os judeus e não para os pagãos

As recusas de Jesus fazem com que a mulher tenha mais oportunidade de mostrar o tamanho de sua necessidade, de sua persistência e, principalmente, de sua fé. Ulrich Luz aponta essa narrativa como um marco:

É a partir daí que fica claro que o mandamento de evangelizar os pagãos (Mt 28.18-20) significará um giro radical do plano divino. O que Jesus faz no relato da mulher cananeia é um sinal da graça sem precedentes de Deus que está chegando. (2001, p.571, tradução nossa)

Jesus se admira com a fé da mulher cananeia, que não teve seu nome citado, mas será lembrada como exemplo: "Ó mulher, grande é a tua fé!". Lembremos que Jesus já havia elogiado um outro gentio por causa de sua fé, o centurião, agente de Roma (Mt 8.12) e censurado seus discípulos chamando-os de "homens de pequena fé" (Mt 8.26). Macarthur destaca que uma "grande fé" é um termo relativo. A fé da mulher cananeia é grande porque, sendo criada como pagã, numa cultura conhecida por sua bruxaria e selvageria, em suma, sem contato com as coisas de Deus, consegue ter fé. Os discípulos demonstram "pouca fé" porque estão sendo ensinados pelas palavras e ações do Messias diariamente e, mesmo assim, não apresentam uma fé constante. No final do Sermão do Monte, Jesus fala sobre o que é crer verdadeiramente: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor!

entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21).

O desfecho finalmente traz o esperado, Jesus resolve ajudá-la: "Faça-se contigo como queres". O narrador nos conta que "desde aquele momento, sua filha ficou sã" (Mt 15.28). Os discípulos não dizem nada. No evangelho, é a primeira vez que Jesus muda de ideia. A atitude da mulher cananeia prefigura o último mandamento de Jesus sobre os discípulos de todas as nações. A sua súplica obstinada sendo atendida por Jesus comprova a superação das barreiras e gênero religiosas, e culturais. A narrativa esclarece que Jesus veio para judeus e pagãos que tenham fé.

5.4 As Mulheres e a Ressurreição de Jesus: Mt 28.1-10

O Evangelho de Mateus é repleto de conflitos desde a sua genealogia, com Jesus posteriormente e sua comunidade desafiando o poder político e religioso. Jesus é confrontado e rejeitado desde seu nascimento e a partir do meio da narrativa (Mt 16.21) começa a predizer seu sofrimento, morte e ressurreição. Os discípulos não entendem a razão de sua missão. Pelo contrário, a seu ver, a morte de Jesus significará uma derrota, apesar da ressurreição. O leitor também não entende a razão da predição, que inclusive é feita três vezes³², mas, por outro motivo. Afinal, quando lemos uma história, ficamos cada vez mais ansiosos para saber seu desfecho e, geralmente, consideramos a narrativa boa, quando até o último instante, não sabemos o que vai acontecer. O narrador de Mateus conta o fim muito antes do último capítulo, colocando Jesus fazendo essas predições. O narrador, de mais de dois mil anos atrás, mostra-se inovador: prende a atenção do leitor justamente por contar o fim da história antecipadamente. Se já sabemos o fim, o que mais vai acontecer?

O narrador antecipou o fato de que Jesus morrerá, mas a cena apocalíptica do evento certamente é surpreendente:

E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo;

³² Mt 16.21-23; 17.22-23; 20.17-19.

tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. (Mt 27.50-53).

Os discípulos abandonam Jesus antes disso. Judas o trai e o entrega a "uma grande turba com espadas e porretes vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo" (Mt 26.47). Nesse momento "os discípulos todos, deixando-o fugiram", temendo pelas suas vidas.

Quando Jesus morre e a terra treme, apenas as mulheres "estão ali observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu" (Mt 27.55-56). Várias mulheres estão servindo a Jesus desde a Galileia e o narrador cita apenas três, dentre elas. O narrador não esclarece que tipo de trabalho fazem, mas servir a Jesus é a missão de todo discípulo. Não estão ali por curiosidade; fazem parte da comunidade mateana, já estavam com ele e não o abandonam. Permanecem com ele durante a crucificação, sua morte e no sepultamento, não estão "observando de longe" mas "sentadas em frente da sepultura" (Mt 27.61). O narrador traz as mulheres cada vez mais para perto de Jesus nesse desfecho da narrativa. Barbaglio afirma que "o relato de Mateus é orientado para o testemunho da ressurreição" (1990, p.413).

Jesus faz a predição de sua morte e ressurreição três vezes mostrando, então, que essa é a vontade de Deus e que ele a aceita: "tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28) e "meu sangue, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados". Quando vai para o Getsêmani, sente-se entristecido e angustiado (Mt 26.37), chega a pedir "Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade" (Mt 26.42). Porém, sempre entendeu que é a sua missão. Ele é condenado injustamente por blasfêmia (por dizer que é Filho de Deus) pela elite religiosa e Roma o crucifica por traição. Porém, Jesus não é surpreendido por esses eventos. Carter sumariza a morte de Jesus: "A sua morte revela tanto o uso de poder desesperado, egoísta, brutal do centro para proteger seus próprios interesses contra esses que estão nas margens, quanto o poder do compromisso de Jesus para com um modo de vida diferente" (2002, p.617).

O capítulo 28, o último, trata da ressurreição de Jesus tendo mulheres como as primeiras testemunhas, o que é tão surpreendente quanto a presença de mulheres na genealogia.

Transcrição da narrativa de Mateus 28.1-10:

28.1 No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

28.2 E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela.

28.3 O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve.

28.4 E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos.

28.5 Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado.

28.6 Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.

28.7 Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!

28.8 E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.

28.9 E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.

28.10 Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão.

Richard B. Gardner vê a morte de Jesus sob duas perspectivas: é o fim da narrativa da paixão, do sofrimento imerecido do Messias, por outro lado, sua morte é necessária para a base de uma nova história, a do Cristo ressurreto. (1991, 396). A narrativa da ressurreição começa trazendo a atmosfera triste do enterro da narrativa anterior. O clima de morte, dor, fracasso: Jesus morreu, seus discípulos o abandonaram, seus oponentes religiosos e políticos não compreenderam sua mensagem. Porém, não é assim que Maria Madalena e a outra Maria se sentem. Como já vimos, elas pertencem à comunidade de Jesus, acreditam que ele é o Cristo e vai ressuscitar e estão ali para serem testemunhas disso.

A exposição começa com a referência temporal: "No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana" (Mt 28.1): uma maneira incomum para definir a madrugada de domingo. A estratégia do narrador de usar essa antítese para figurar o tempo, como já analisamos no item 4.3, Tempo e Cenário, é criar o clima dúbio desse dia, como já comentamos. A morte de Jesus faz parte da conclusão da missão terrena do Messias. Outras antíteses evocam a atmosfera de transformação que é a ressurreição, como findar/entrar, morte/vida, começo/fim.

José de Arimateia já havia envolvido o corpo com bandagens de linho e mesmo antes de ser preso, Jesus havia sido ungido com bálsamo por uma mulher

não identificada como um ato de preparação para a cerimônia fúnebre. O próprio Jesus entende seu ato dessa maneira: [...] "Ela praticou boa ação para comigo pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento (Mt 26.10,12). Anderson Lima em seu artigo, *Sempre tereis os pobres convosco*, analisando a passagem da unção da mulher desconhecida em Mateus 26.6-13, comenta:

No texto, a mulher não só quis fazer uma boa obra, ela o fizera porque acreditava que o corpo de Jesus merecia um tratamento fúnebre digno, mas crendo que ele ressuscitaria, ela não esperou sua morte para fazê-lo. Era a única chance de dar ao corpo mortal de Jesus tal tratamento, mas a atitude acima de tudo quer expressar que aquela mulher foi a única que creu em sua ressurreição antes das aparições, e creu também em sua morte, sofrendo por ele antes mesmo de sua prisão. (2010, p.30)

Optamos por analisar apenas as passagens em Mateus durante toda a dissertação, sem as compararmos as passagens respectivas em Marcos e Lucas. Como há diferenças que podem induzir a conclusões bem diferentes nesta passagem, decidimos mencioná-las. Tanto no evangelho de Marcos quanto no de Lucas, o narrador afirma que as mulheres foram até o túmulo de Jesus para embalsamá-lo com aromas:

Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamá-lo. (Mc16.1)
Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. (Lc 24.1).

O narrador de Mateus apenas diz que as mulheres "foram ver o sepulcro" (Mt 28.1). Carter observa que verbos de visão são metáfora de compreensão ou insight no ensino de Jesus. Vejamos alguns exemplos:

E eis que lhes trouxeram um paralítico deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados (Mt 9.2).
Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem (Mt 13.16).
Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvistes e não ouviram (Mt 13.17).

Observando a continuação da narrativa, observamos que o verbo "ver" aparece mais três vezes com o sentido de "encontrar Jesus ressuscitado":

Vinde ver onde ele jazia. Mt 28.6
Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Mt 28.7
Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão. Mt 28.10

Nossa conclusão é a de que as mulheres estão ali para ver Jesus ressuscitado, não o sepulcro, não o corpo de Jesus. Elas seguem Jesus desde a Galileia, ouvem os ensinamentos sobre sua missão e sua ressurreição. Elas estão ali esperando para ver Jesus ressuscitado.

Carter também se refere apenas ao evangelho de Mateus e confirma nossa conclusão: "Elas testemunharam fielmente seu ensinamento preciso sobre crucificação e sepultamento. Elas vêm aguardando sua ressurreição. Isso é o que as mulheres esperam fazer." (2002, p.670)

Assim que chegam ao sepulcro, há uma cena apocalíptica como a da morte de Jesus: "E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu." (Mt28.2) A expressão "e eis que" de acordo com Carter anuncia algo especial e anjo do Senhor recorda a narrativa do nascimento "quando os anjos realizam os desígnios de Deus anunciando a gravidez de Maria a José, guiando a fuga do tirano Herodes e instigando o retorno do Egito (Mt 1.20,24; 2.13,19) (2002, p.671). O anjo com aparência de relâmpago e vestes brancas aparece, remove a pedra que lacra o sepulcro e se senta sobre ela. O relâmpago, desde o Antigo Testamento, é associado a aparições divinas:

Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. (Ex19.16)

O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dele saíam relâmpagos. (Ez1.13)

A cor branca como a neve das vestes do anjo também evoca manifestações de divindade, como em Daniel: "Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente" (7.9).

William Hendriksen esclarece que o anjo rola a pedra para que as mulheres possam entrar, não para que Jesus possa sair. Jesus já não está lá! O túmulo já está vazio e é isso que elas testemunham. Também comenta que o gesto do anjo de sentar-se sobre a pedra simboliza o triunfo de Cristo. Após o enterro de Jesus, os

principais sacerdotes e fariseus pedem que Pilatos envie uma guarda para vigiar o túmulo. E Pilatos os atende: "Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta" (Mt 27.66-67). A pedra, o selo e a guarda dão uma aparente segurança à elite religiosa e política. Nada disso pode impedir o poder divino. Jesus ressuscita e os guardas também são testemunhas involuntárias do acontecimento (Hendriksen, 2001, p.685-687). Esses guardas, porém, ao contarem sobre a ressurreição de Jesus aos principais sacerdotes, são subornados para dizer que, enquanto eles dormiam, os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus (Mt 28.13).

O narrador relata duas reações diferentes. Novamente a dualidade: agora, terror e temor. Os guardas, que vigiam o sepulcro, não acreditam na ressurreição de Jesus e ficam totalmente chocados e apavorados: "E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos"(Mt 28.3). O narrador apresenta mais uma antítese: Jesus ressuscita e os guardas parecem mortos. O anjo não traz mensagem alguma para os guardas, representantes dos sacerdotes, dos fariseus e de Roma.

As mulheres que estão esperando para ver Jesus ressurreto se sentem "tomadas de medo e grande alegria" (Mt 28.8) Por mais que estivessem esperando a ressurreição de Jesus, estão assustadas por presenciar um fato sobrenatural como um grande terremoto e um anjo resplandecente como um relâmpago descendo do céu. Esse medo também significa temor, ou seja, medo juntamente com respeito, admiração. Barbaglio fala que "diante da manifestação divina, a reação dos presentes segue o binário obrigatório do temor e do terror" (1990, p.414). As mulheres estão tomadas de medo, mas grande alegria porque as palavras de Jesus se cumpriram e o poder do reino de Deus foi revelado.

O anjo se dirige às mulheres e diz: "Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia" (Mt 28.6). Para ajudar as mulheres a aceitarem a situação, o anjo as lembra que Jesus havia predito sua ressurreição e as convida a ver o túmulo vazio. O anjo havia acabado de rolar a pedra que lacrava o sepulcro. Então, Jesus já não estava lá!

O anjo do Senhor passa para essas mulheres a missão de avisar os discípulos que Jesus ressuscitou e está indo para a Galileia onde espera por eles. Jesus também fez uma predição sobre este reencontro quando falava sobre a futura negação de Pedro: "Mas depois que eu tiver ressuscitado, irei adiante de vocês para

a Galileia" (Mt 26.32). Hendriksen ressalta que "Mesmo antes que esses onze homens se dispersassem, já recebem a certeza de que voltarão a reunir-se" (2001, p.580). A Galileia também representa uma região de dualidades: aceitação/rejeição, incredulidade/fé.

É muito significativo que Jesus ressurreto passe a sua primeira missão para as mulheres. Craig S.Keener explica que "os contemporâneos judeus de Jesus tinham pouco consideração pelo testemunho feminino" (1999, p.698). O testemunho masculino teria sido considerado mais relevante. Como já comentamos, os guardas que testemunharam a ressurreição receberam um suborno para dizer que os discípulos haviam roubado o corpo. O narrador relata esse episódio logo depois da narrativa do testemunho das mulheres, forçando o leitor a compará-los e tomar a posição.

Relevante também é que Jesus, como agente de Deus, perdoa os discípulos que o abandonam: eles continuam seus discípulos. Jesus predisse que ressuscitaria ao terceiro dia (Mt 17.23) e isso se tornou um fato. Ele também predisse que após a ressurreição, eles se reuniriam na Galileia. Porém, o narrador mostra o afastamento que vai ocorrendo entre eles até os discípulos literalmente fugirem e abandonarem Jesus. Parece difícil, mas o narrador apresenta Jesus convivendo e perdoadando gentios e marginais várias vezes (Mt 9.2; 9.10;15.21). E também, quando Pedro lhe pergunta quantas vezes devemos perdoar um irmão, Jesus responde: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mt 18.22). Então, como não perdoar seus discípulos? Ele os espera na Galileia para a continuação do ministério.

Entre os versículos 8 e 9, o leitor tem a impressão de que há um hiato. O anjo havia dito: "Ide, pois, depressa". Então, no versículo 8, elas não andam, mas correm para anunciar o fato aos discípulos. O narrador, no v.9, parece querer interromper a ação e diz com veemência: "E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram" (Mt28.9). Mais uma vez, o narrador usa a expressão "e eis que" antecipando um grande acontecimento. E é o maior acontecimento de toda a narrativa: Jesus ressuscitou e está ali na frente delas! As mulheres estão alegres e Jesus também! Ele as reconhece, as cumprimenta com satisfação e elas também imediatamente o reconhecem e o adoram. As mulheres não são apenas as primeiras a ouvir sobre a ressurreição de Jesus: são as primeiras a ver Jesus ressurreto e as primeiras a adorá-lo! Elas abraçam seus pés, então ele é um homem real, não um espírito. O

narrador não diz onde estão, qual a aparência de Jesus, o que está vestindo ou qualquer outro detalhe. O leitor só sabe que se reconhecem, estão felizes, se cumprimentam. O que importa é que a missão de Jesus foi realizada: ele sofreu, morreu e ressuscitou. Os propósitos de salvação de Deus foram cumpridos.

Dorothy Jean Weaver, professora de Novo Testamento no Eastern Mennonite Seminary, ressalta a posição dessas mulheres na narrativa:

A reunião de Jesus com seus discípulos foi possível por causa da fidelidade dessas mulheres, primeiras evangelistas de Jesus. Aqui, no penúltimo momento da história, Mateus mais uma vez revela por meio de sua retórica narrativa, o papel crucial das mulheres - mesmo em um universo patriarcal - para a vida e a fé do povo de Deus. (2010, p.401)

Agora é Jesus quem dá a missão a essas mulheres: "Ide avisai a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão" (Mt 28.10). Os discípulos estão perdoados, são seus irmãos, pertencem à sua família e as mulheres são as primeiras a ver o túmulo vazio, a ver e tocar Jesus, a adorá-lo e a servi-lo.

6 CONCLUSÃO

Há um ano e meio, o evangelho de Mateus tem sido meu companheiro diário, em leituras, tentativas de escrever e pensamentos. Chega o momento de finalizar e não vejo outra alternativa, se não fazer a conclusão incluindo minha experiência pessoal, já que foi assim que tudo começou.

No início da dissertação, comentei que o entendimento da literatura como instrumento para pensar o mundo, eu mesma e outros era um dos estímulos para o desejo de voltar a estudar. Também afirmei que "pensar intensamente sobre um assunto responde a muitas perguntas, mas, por outro lado, promove a ebulição de várias outras. Esta procura que não atinge um final conclusivo e definitivo revela-se totalmente saudável". Todo este árduo e prazeroso processo de escrever a dissertação comprovou, na prática intensiva, exatamente isso: aprendi muito e tenho questões que pretendo pesquisar. Comparar o evangelho de Mateus com uma de suas fontes, o evangelho de Marcos, por exemplo, é o que mais senti que é bem importante.

O Evangelho de Mateus é um discurso de oposição, narrado de maneira discreta e com uma retórica primorosa. Desde o início do evangelho, o narrador apresenta muitas antíteses. A sociedade do século I d.C., retratada no evangelho, é dominada pela elite religiosa, representada pelos escribas fariseus e as sinagogas e o poder político, representada por Herodes e Roma. Jesus, seus discípulos e sua comunidade representam a oposição a essa visão social que discrimina os estrangeiros, os pobres, os pagãos, os marginalizados em geral, incluindo as mulheres, que foi o foco deste trabalho.

Essas elites estão decididas a abusar do poder e permanecer nele e para isso usam de mentira, violência, provocação, vaidade, engano, fraude, como estas passagens mostram:

E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo (Mt 2.8).

Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos (Mt2.16).

Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado (Mt 12.2).
 Porque Herodes, havendo prendido e atado a João, o metera no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão; pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la (Mt 14.3-4).
 Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens (Mt 23.6-7).
 Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte (Mt 26.59).

Jesus e sua comunidade estão em conflito permanente com essas elites e valores. O narrador usa estratégias organizacionais e retóricas para que o protagonista, Jesus, com suas falas, ações e discursos mostre um modo alternativo de viver:

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.
 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. (Mt 5.5-10)

Kermode lembra que os evangelhos são narrativas da Paixão. Jesus tem uma vida missionária itinerante, fala de seu destino de sofrer, morrer e ressuscitar porque é o plano de Deus e esse é o desfecho da história em todos os evangelhos (1997, p.121). O protagonista firma o foco em sua missão por toda a narrativa, porém, durante a caminhada, sua vida e seu relacionamento com seus discípulos, com a multidão e com os indivíduos que encontra é o ponto culminante da narrativa. É o momento em que todas as personagens e o leitor vão, aos poucos, conhecendo a identidade de Jesus.

A imagem feminina no evangelho de Mateus foi atentamente estudada em cinco passagens, por meio da análise narrativa e tendo em mente pontos de formação de imagem e identidade que foram levantados na Introdução: os nomes e as genealogias, gêneros, maternidade e família, nação e solo e narrativa pessoal.

Em primeiro lugar, pudemos ver que na Antiguidade, a identidade não era, de maneira alguma, uma "questão". A identidade, em si, é inerente ao ser humano, esteja ele consciente disso ou não. As pessoas se veem e veem aos outros por meio de fatores que constituem a identidade e a sua construção, assumindo, em cada

época, importâncias diferentes. Podemos ver que não existe preocupação com a questão da identidade em si. A grande urgência é a sobrevivência, fazendo com que, várias vezes, as personagens passem por cima de suas identidades estabelecidas para poderem resolver suas necessidades imediatas. Stuart Hall afirma que essa questão é também contemporânea: "O próprio conceito com o qual estamos lidando, 'identidade', é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova" (2011, p.8).

O evangelho de Mateus apresenta um singular grupo de mulheres. Com exceção de Bate-Seba, que prova seu valor e perspicácia, apenas alguns capítulos adiante da passagem que foi analisada, como comentamos no item 3.4 A mulheres e a ressurreição de Jesus, essas personagens são corajosas e, frequentemente, mal compreendidas. Todas as personagens encontram-se em momentos críticos pessoais, de grande necessidade e aflição e ousam lutar pelo que acreditam ser certo.

A preocupação com a identidade não existe. O narrador coloca essas personagens em situações críticas e elas desempenham funções fundamentais para a narrativa com seus exemplos e com o que apontam sobre Jesus.

As personagens femininas marginais da genealogia de Jesus evidenciam como Jesus iria acolher os discriminados e rejeitados pela sociedade:

- Tamar assegura sua permanência na família e a sobrevivência dela e de sua sogra;
- Raabe salva sua vida e a vida de sua família ;
- Rute sobrevive e permanece com sua sogra;
- Bate-Seba evidencia o abuso de poder do rei Davi
- Maria passa por muitas complicações para aceitar a missão que Deus lhe dá: gerar um bebê concebido pelo Espírito Santo.

As personagens femininas que convivem com Jesus confirmam que ele recebe e abençoa os oprimidos quando se voltam para ele e aceitam seu modo alternativo de viver:

- A mulher com hemorragia crônica recebe a cura para sua doença e Jesus elogia sua fé;
- A filha de um chefe da sinagoga é ressuscitada por Jesus;

- A mulher cananeia recebe cura para sua filha endemoniada e Jesus também elogia sua fé;
- Maria Madalena e a outra Maria são as primeiras a verem o túmulo vazio de Jesus, a vê-lo ressurreto, a tocarem nele, a adorá-lo e a servi-lo;

Seus papéis são fundamentais na narrativa para revelar mais de Jesus. Sendo o evangelho de Mateus uma biografia greco-romana, esse é o objetivo do narrador ao colocar cada personagem em cena. O que pode ser observado por meio dessas personagens é o acolhimento que Jesus oferece a todas as pessoas, que tenham fé: as cinco personagens da genealogia tem uma conduta sexual inaceitável pela sociedade, eram consideradas pecadoras, eram pagãs, com exceção de Maria; o narrador apresenta a mulher com hemorragia crônica sem identidade, mas com o principal requisito, uma grande fé; a filha do chefe é criança, rica e seu pai chefe da sinagoga, ou seja, pertencente ao grupo opositor; Maria Madalena tinha sido prostituta e agora é discípula; a última mulher entra em cena como, a outra Maria, totalmente sem identidade, podendo ser confundida com várias outras, mas, discípula e fiel. Jesus recebe essas mulheres, algumas de passagem, outras fazem parte de sua comunidade, com absoluta indiscriminação. A filha do chefe também está ali; pode ser considerada marginalizada pela própria comunidade de Jesus.

Carter resume o ministério de Jesus, que deve ser apreendido por meio das ações, falas e discursos de Jesus, assim:

Jesus cria sistemas e modos de ser alternativos: estruturas não-hierárquicas; existência homem-mulher "e um só carne"; suficiência comunitária por meio de recursos econômicos compartilhados; a abolição das desigualdades; a inclusão dos grupos étnicos diferentes; e práticas de culto, compaixão, serviço mútuo e resolução não-violenta dos conflitos (2002, p.18).

A problematização da dissertação envolveu observar as estratégias do narrador para apresentar a identidade e imagem das personagens femininas analisadas. O narrador do evangelho de Mateus segue o padrão bíblico de não fornecer análises das razões das atitudes das personagens e muito menos de seus processos psicológicos. O leitor tem espaços em branco para preencher e uma aparente liberdade de interpretação. Essa estratégia não faz com que as personagens pareçam mal delineadas, pelo contrário, o leitor sente que essa caracterização mínima oferece uma possibilidade de real existência da personagem. Marguerat e Bourquin explicam que "a força do personagem é um efeito da leitura, o que quer dizer que ela nasce entre o texto e o leitor; é o leitor que adota tal figura da

narrativa ou investe nela uma expectativa, uma esperança, uma interrogação" (2009, p.84). A economia de informações sobre as razões e motivações das personagens tem dois efeitos. Em primeiro lugar, cria uma sensação de ambiguidade nas personagens que lhes dá verossimilhança. Em segundo lugar, a imprevisibilidade da personagem a aproxima o leitor que passa a estudá-la. O leitor, estando mais ligado à personagem, também se conecta mais à narrativa.

Em relação às hipóteses, confirmamos as duas levantadas na Introdução. Como vimos por meio das análises, o narrador utiliza uma retórica rica por meio de um relato altamente econômico, convocando a contínua participação do leitor para tirar conclusões e preencher espaços em branco.

Diversas estratégias foram usadas, como já pudemos observar. Destacamos, primeiramente, duas que nos chamaram mais a atenção por serem muito eficazes e, aparentemente, opostas: a repetição e o ocultamento.

Um bom exemplo em que as duas estratégias são utilizadas é a narrativa analisada da mulher cananeia (Mt 15.21-28). O narrador utiliza as duas técnicas entrelaçadas: até o final da narrativa, não esclarece o porquê de Jesus ter recusado três vezes o pedido da mãe desesperada. Finalmente, na quarta vez, concede seu desejo, "Ó mulher, grande é a tua fé! faça-se como tu queres!" (Mt 15.28).

É um texto enigmático: Jesus está usando a oportunidade para ensinar seus discípulos (e o leitor) e fazê-los refletir? Ou ele realmente, não tem intenção de ajudá-la e ela o convence? O leitor não terá respostas nem com o decorrer da narrativa. É o ocultamento ao máximo e a estratégia de repetição de três vezes, mais uma, conforme já citamos Alter (2007, p.148). Toda a atenção se volta apenas para o que importa na narrativa: a grande fé da mulher pagã.

Como mencionamos no item 4.1, Particularidades, o narrador mateano demonstra uma preferência pelo discurso direto, a forma mais próxima da mimesis, como definem Marguerat e Bourquin (2009, p.88). O discurso direto também é cuidadosamente inserido no clímax das narrativas, marcando o momento de revelação de características importantes das personagens. A narrativa de Gn 38 que conta a história de Tamar apresenta um exemplo do uso do diálogo para o narrador revelar a mudança de atitude e comportamento da personagem: de submissa e passiva para ativa e decidida.

Nessa mesma narrativa, salientamos a importância da semântica: os objetos são apresentados como símbolos de identidade: as vestes de viuvez representam a dependência e submissão de Tamar; o véu, ocultando sua identidade, a disfarça em prostituta, independente e segura; o selo e o cordão, indicativos de pessoa importante e o cajado, símbolo de autoridade.

Outra estratégia do narrador, à qual o leitor precisa estar atento, é a personagem como sujeito de vários verbos em sequência, demonstrando sua autoridade, iniciativa, papel de destaque. Raabe é uma personagem protagonista e proativa, colocada como sujeito de vários verbos consecutivos nessa narrativa de ritmo acelerado, o que também realça a urgência da situação.

O processo de encaixe de uma narrativa em meio à outra é utilizado pelo narrador em Mt 9: as histórias da filha de Jairo e da mulher com hemorragia. A segunda narrativa interrompe a primeira para realçar o tema da importância da fé. Essa mesma narrativa também utiliza como estratégia narrativa, a intertextualidade que percorre todo o evangelho de Mateus. A maneira como Jesus decide realizar a ressurreição da menina, sem testemunhas, na privacidade de seu quarto remete a outros dois episódios de ressurreição no Antigo Testamento em 1Rs 4 e 1Rs 17.

O último texto analisado, Mt 28.1-10, apresenta o clímax e desfecho da história e o narrador, mesclando o clima de tristeza, solidão, desamparo e morte com a alegria, esperança, e vida que a ressurreição de Jesus traz. A estratégia utilizada é usar um clima fantástico e, surpreendentemente, o narrador descreve sentimentos: os guardas tremem espavoridos e ficam paralisados como mortos e as mulheres, tomadas de alegria e tremor, correm.

Concluimos, então, que a narrativa apresenta estratégias diversificadas para a persuasão do leitor sem que a mediação do narrador se mostre muito evidente. A diversidade das estratégias tornam a narrativa elaborada e atraente, sempre convidando o leitor a refletir.

A segunda hipótese levantada é a de que a significação da narrativa, escrita há mais de dois milênios atrás, permanece atual já que aborda dilemas existenciais.

Observando os problemas e pressões que o cumprimento das leis acarretam às personagens, o papel social tão limitado dado a elas, a necessidade de garantir a descendência e um patriarcado muito mais severo, à primeira vista, nos pareceu que seus problemas são distantes dos problemas atuais. Porém, refletindo sobre os terríveis problemas sociais, culturais, políticos e religiosos que existem nos dias de

hoje, vemos quanta injustiça e questões de sobrevivência existem. Leis e condições subjagam e oprimem as mulheres na África, Islã e Afeganistão, por exemplo, e como, mesmo no Brasil, o movimento dos direitos humanos ainda precisa criar instrumentos efetivos contra a violência de gênero e vários outros tipos de discriminação. Concluimos que o ser humano continua basicamente o mesmo e por isso, problemas que não deveriam existir na pós-modernidade ainda estão muito presentes e perto de nós.

Outro assunto que percorre por toda a narrativa é a aliança entre as elites religiosas e políticas defendendo a hierarquia social estabelecida, a desigualdade, a violência, o abuso. Carter afirma que este centro composto pela elite "domina, oprime, marginaliza e destrói" (2002, p.18). Como esses verbos nos soam tão atuais! O assunto da opressão é absolutamente pós-moderno.

Como vimos no item 1 Introdução, é inerente ao ser humano, estabelecer a sua identidade seja por necessidade ou desejo, assim como, identificar-se com o outro para se sentir pertencente a um grupo. Por outro lado, quando não nos identificamos com as situações ou com as outras pessoas, acontece o sentimento de estranhamento, que pode se transformar em rejeição, discriminação e exclusão. Bauman lembra que, vivemos nesta sociedade móvel, porém, as pessoas excluídas da sociedade (os desempregados, os socialmente desajustados e os criminosos) não estão apenas temporariamente afastados e a caminho de uma nova entrada na sociedade globalizada e consumista: "Estão excluídas permanentemente - um dos poucos casos de "permanência" que a modernidade líquida não apenas permite, mas promove diariamente.

Existe um outro lado estranhamento que é a necessidade que temos dele para a construção da nossa identidade. De acordo com Landowski (2002: 4), nós nos construímos pela diferença: é necessário a presença do outro, que se opõe, para que o eu exista. Dessa forma, acontece a afirmação do eu. Então, perceber as diferenças do outro, passa a ser uma experiência enriquecedora ao invés de discriminadora.

A discriminação, opressão e estranhamento mostrou-se atual e relevante para pensarmos os dias de hoje.

Vimos que a preocupação com a identidade não aparece na narrativa, muito menos, a necessidade de mudança de identidade, como nos tempos líquidos do pós-modernismo. Porém, o evangelho tem, justamente, a função de modelar a

identidade e o estilo de vida. Jesus, o protagonista do evangelho, chama sua comunidade (e por que não, o leitor?) para segui-lo e importar-se com:

- a justiça: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos"(Mt 5.6);
- o perdão: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará" (Mt 6.14);
- a misericórdia: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5.7);
- o amor: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22.37); "Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22.39);
- o serviço: "e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo" (Mt 20.27);
- a fé: " Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível" (Mt 17.20);

Carter enfatiza que os ensinamentos de Jesus à sua comunidade "constituem um estilo de vida que personifica sua identidade como discípulos" (2002, p.25).

É claro que é possível ler o evangelho de Mateus sem se comprometer ou aceitar esse modo de viver alternativo. Porém, a insistência do narrador em colocar o leitor em uma posição que o faz examinar a narrativa, buscar as razões, entender as atitudes, combinar cenas e avaliar os conflitos para o próprio entendimento da história, torna a narrativa atual, próxima desse leitor e o objetivo do narrador se concretiza: a ideia desse estilo de vida alternativo se torna uma possibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADÍA, J. P. T. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

AGUIAR, Flavio. Posfácio IN: FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

AICHELE, George et al. - **A Bíblia pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ALTER, Robert. **A Arte da narrativa bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 285p. AICHELE, George et al. – A BÍBLIA PÓS-MODERNA – Edições Loyola, 2000

ALTER, Robert. KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. Tradução de George Bernard Sperber. 2ª Edição revisada. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. Tradução de Jaldemir Vitorio e Giovanni de Biasio. **Os evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990, 613p.

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003, 81p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 512p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: ZAHAR, 2005. 260p.

BERLIN, Adele. **Characterization in biblical narrative: Davi's wives**. 1992

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 356p.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada, Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

BÍBLIA de estudo de Genebra. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999. 1728p.

BÍBLIA de Estudo NTLH. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1520p.

BÍBLIA Interlinear Grego-Português. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 992p.

BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. São Paulo: Contexto, 2007, 385 p.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita**: papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. (org) **Rute, a partir de uma leitura de gênero**. São Paulo: Paulinas, 2002,106p.

BRIDGEMAN, Teresa . **Time and Space**. IN: **The Cambridge companion to narrative**. Cambridge: Cambridge Press, 2007. 308p.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus Cristo e Mitologia**. São Paulo: Novo Século, 2003.

BURRIDGE, Richard A. **What Are the Gospels?** A Comparison with Graeco-Roman Biography. New York: Cambridge University Press, 1999. 292 p.

_____. **Four Gospels, one Jesus?** Great Britain: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996, p.65-95.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. IN: **A personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva.2011.119p.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CARTER, Warren. **O evangelho de São Mateus**. Comentário sóciopolítico e religioso a partir das margens. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. Matthew, sotoryteller, interpreter, evangelist. EUA: Baker Academic, 1996, 304p.

CHWARTS, Suzana. **Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica**. São Paulo: Editora Humanitas, 2004, p.20-38

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**; literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

ECO, Umberto. **Conceito de texto**. São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. Tradução: Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. **O nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FERREIRA, João Cesário Leonel. **Estudos literários e a Bíblia**: o papel do narrador na organização do Evangelho de Mateus. In: V.V.A.A. Estudos de Religião. n. 31. São Bernardo do Campo, 2006, p. 34-57.

_____. **“E ele será chamado pelo nome de Emanuel”**: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. 2006a. 453 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudo da Linguagem, Campinas – SP.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2008, 144p.

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2011, 123p.

FISH, Stanley. **"Is there a text in this class?"** Tradução de Rafael Eugênio Hoyos. São Paulo: Alfa, 1992.

FORSTER, E. M. **Aspects of the Novel**. California: Harcourt, Brace & World, 1955, 192p.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GARDNER, Richard B. **Matthew** - Believers Church Bible Commentary

GUIMARÃES, Elisa (org.). **Texto e discurso - confluências**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008, 246p.

_____. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.181.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HENDRIKSEN, William. **Mateus Vol2 - Comentário do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001,720p.

HIGGS, Liz Curtis. **Bad girls in the Bible: and what we can learn from them**. Colorado, USA: WaterBrook Press, 2013. 288p.

HUBBARD, Robert L. **Rute**. São Paulo: Cultura Cristã. 2008, 382p.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Krestschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellarolo. São Paulo: Ática, 1994.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.p.491-493.

KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Matthew**. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1999, 444p.

LAFHEY, A. **Introdução ao Antigo Testamento: perspectiva feminista**. São Paulo: Paulus,1994.

LEONEL, João. **Mateus, o Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.157p. SãoPaulo: Paulus,1994.

_____. **Pedro como personagem no evangelho de Mateus: complexidade e inversão** Horizonte : Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Impresso), v. 12, p. 164-182, 2014.

_____. **História da leitura e protestantismo brasileiro**. São Paulo:Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora. 2010.189p.

LEACH, Edmund.IN: ALTER, Robert. KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

LEONEL, João; ZABATIERO, Júlio; TAVARES, Paulo. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011. 239p. Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 8ª Edição, V.7 – Nº 01 – Julho de 2012. ISSN: 1980-0215.

LIMA, Anderson de Oliveira. **Sempre tendes os pobres convosco**. Revista Caminhando v. 15, n. 2, p. 21-33, jul./dez. 2010

LUZ, Ulrich. **Matthew 1-7: a commentary**. Minneapolis: Augsburg, 1989, 460p.

MACARTHUR, John. **The New Testament commentary**. BMH Books, 1987.

MAGALHÃES, Antonio. **A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia.** In: Deuses em Poética. João Pessoa, 2008.

_____. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2009.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa.** São Paulo: Editora Loyola, 2009. 231p.

NIETZSCHE, F. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.** Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2008.

OVERMAN, J. Andrew. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus.** São Paulo: Loyola, 1997. 171p.

RICOEUR, Paul. **Narrative Time.** In W. J. T. Mitchell (ed.) On Narrative Chicago: University of Chicago Press, 1981. p. 167.

_____. **Do texto à acção.** Porto: Rés, 1991, 406p.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e personagem.** IN: **A personagem de ficção.** São Paulo: Editora Perspectiva. 2011, 119p.

RUETHER, R.R. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista.** Trad. Walter Altman, Luís Marcos Sander. São Paulo: Sinodal, 1993.

SARAIVA, Maria Olívia. **O Evangelho de Lucas no manuscrito grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (cód. 2437):** edição e glossário. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFMG, 2011.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, RS, 16(2):5-22, jul/dez, 1990

STANTON, Graham N. **Gospel of Matthew.** IN HAYES, John H (org). Dictionary of Biblical Interpretation. Nashville: Abingdom Press, 1999,

TODOROV, Tzvetan; PERRONE-MOISÉS, Leyla. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2008, 202p.

WEAVER, Dorothy J. **"Wherever this good news is proclaimed": women and God in the gospel of Matthew .** Perspectives from the gospel of Matthew, v.64, p.401, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em 10 out. 2014.

WEREN, Wim J. C. **The Five Women in Matthew's Genealogy.** In: The Catholic Biblical Quarterly, v. 59, p. 288-305 ,1997.

